



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Gabriela Toralles Caniello

**O POPSTAR PARAIBANO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM PÚBLICA DO SENADOR CÁSSIO CUNHA LIMA**

Orientadora:
Profa. Dr^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima

Campina Grande – PB
Novembro, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Gabriela Toralles Caniello

**O POPSTAR PARAIBANO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM PÚBLICA DO SENADOR CÁSSIO CUNHA LIMA**

Profa. Dr^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima
Orientadora:

Texto de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais de Campina Grande (PPGCS) na área de concentração Cultura e Identidades, como exigência para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dr^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima.

Campina Grande – PB
Novembro, 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C223p Caniello, GabrielaToralles.
O popstar paraibano: análise da construção da imagem pública do senador Cássio Cunha Lima / Gabriela Toralles Caniello. – Campina Grande, 2013.
122 f. : il. Color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

"Orientação: Prof. Dr. Elizabeth Christina de Andrade Lima".
Referências.

1. Imagem Pública. 2. Prática Popular. 3. Popstar. 4. Cássio Cunha Lima. I. Lima, Elizabeth Christina de Andrade. II. Título.

CDU 328.32(813.3)(043)

GABRIELA TORALLES CANIELLO

**O POPSTAR PARAIBANO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM PÚBLICA DO SENADOR CÁSSIO CUNHA LIMA**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA EM: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima – UFCG/PPGCS
(Orientadora)

Dra. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez – UFPB/PPGS
(Examinador Externo)

Dr. Roberto Véras de Oliveira – UFPB/PPGCS
(Examinador Interno)

Dra. Maria Lucinete Fortunato – UFCG/PPGH
(Membro Suplente Externo)

Dra. Sandra Raquew dos Santos Azevedo – UFPB/PPGCS
(Membro Suplente Interno)

Para meus pais, Márcio e Katia, com
todo amor desse mundo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família pelo amor, pelo apoio e por existirem de forma tão bela e presente na minha vida. Aos meus pais Márcio e Katia agradeço a doação infinita, ao amor desmedido e a responsabilidade pela minha paixão pela sociologia. Sem vocês esse trabalho jamais existiria. Vocês, sem dúvida, são os meus melhores mestres! A Lú e Léo por me emprestar o coração, o carinho, o amor e por me dar a sorte de ter mais dois pais! A Nina, Mateus, Bruno e Isabel pela graça de serem companheiros tão lindos e queridos, para vocês todo meu amor e gratidão, mais do que irmãos vocês são meus melhores amigos. Nina, minha pequena, obrigada por fazer parte de mais essa conquista e por ser a minha melhor metade!

A Gustavo pelo amor e pelo companheirismo. Sua paciência, seu carinho e seu apoio foram essenciais para que esse trabalho se tornasse real. Obrigada por estar do meu lado em todos os momentos, por não me deixar desistir e por sempre acreditar! Amor da vida, sem você minha caminhada teria sido muito mais difícil.

A minha família materna por ser meu porto seguro. Tia Cris, Tia Deborah e Tia Lili, vocês são mães emprestadas e referência de vida. Nádia, Paloma, Pedro, Lucas, Carol e Matheus: primos queridos e amigos sinceros. Vó Flora e Vó Lala por sempre me acolher desde a mais tenra idade.

A minha família paterna pelo imenso amor. Vó Delmira, matriarca e guerreira, você, sem dúvidas, é um exemplo de vida e de amor profundo. Tia Lídia, Tia Mariza, Tio Bruno e Tio Roberto, que provam que as distâncias não diminuem o amor. Aos primos e primas, em especial a minha Jú por ser, desde sempre, amiga e companheira.

Ao Senador Cássio pela generosidade e atenção. Obrigada por me proporcionar tamanho aprendizado. Sem sua disponibilidade, sua dedicação e seu cuidado com minha pesquisa esse trabalho jamais seria o mesmo. Meus sinceros agradecimentos.

A Bebete pela orientação cuidadosa, pela paciência, pelo enorme conhecimento e paixão em transmiti-lo. Você, mais do que uma orientadora, é uma referência de competência e entusiasmo. Obrigada por estar sempre presente, por me fazer aprender com gosto, com graça e com amor.

As amigadas construídas em Campina Grande que me deram suporte e força nessa longa caminhada. Especialmente a Thaís, que se tornou amiga, companheira, confidente e o presente que eu mais precisava em terras paraibanas. Minha irmã de alma obrigada por aparecer e por permanecer, sempre!

Aos amigos de Brasília que mesmo longe se fizeram extremamente presentes.

Ao corpo docente, aos funcionários e aos colegas de curso do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande.

Ao Cnpq pela apoio financeiro que foi essencial para a realização dessa pesquisa.

A todos vocês o meu muito obrigado por fazerem parte da realização desse sonho!

RESUMO

A análise sobre a política na atualidade está vinculada a uma discussão acerca da prática política, na qual uma grande parte da disputa política ter sido transformada em uma luta pela imposição da imagem pública dos atores políticos, assim como de uma competição pela produção de uma percepção pública de quais são os interesses e quais são as pretensões que se exprimem na cena política. É importante compreender como a prática política está configurada dentro do contexto de política do espetáculo, enfatizando a forma que os atores presentes nessa prática se definem como tal e de que maneira constroem a sua identidade e a sua imagem. É dentro desse contexto que buscamos analisar as estratégias e práticas da conduta do Senador Cássio Cunha Lima para a construção da sua imagem pública. Para tanto a pesquisa foi realizada em três diferentes eixos: uma análise bibliográfica sobre a vida e trajetória da família Cunha Lima e do próprio Cássio; entrevistas semiestruturadas; e pesquisa de campo propriamente dita, na qual o personagem em questão foi acompanhado em seus compromissos públicos. Concatenando os três eixos podemos perceber que mais do que um homem público, um político consolidado, Cássio conseguiu traçar elementos que o configuram como uma espécie de *pop-star*, que trazem para sua imagem contornos de adoração, admiração, devoção e fidelidade.

Palavras-chave: Imagem pública; Prática política; Pop-star; Cássio Cunha Lima

ABSTRACT

The analysis about politics nowadays is attached to a debate concerning the politics in its practices, in which a great part of the political dispute was transformed into a battle for the public image of political actors, and a competition for the creation of a public perception of what are the interests and intentions that consolidate the political scene. It is important to understand how the political practices is configured inside the political context of spectacle, emphasising the way that the actors in this practices define themselves as that, and how they build their identity and image. It is within this context that we try to analyze the strategies and practices of the conduct of Senator Cássio Cunha Lima for the establishment of his public image. For that, this research was made in three different axis: A bibliographic analysis about life and course of the Cunha Lima Family and Cássio himself, semi structured interviews, and a field research in which the Senator was followed in his public duties. Along with this three axis we could realise that more than a public man and a consolidated politician, Cássio could trace elements that configured him as a *Pop Star*. These elements bring to his image adoration, admiration, devotion and fidelity.

Keywords: Public Image; Political practices; Pop-star; Cássio Cunha Lima

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11

CAPÍTULO PRIMEIRO: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA NO CONTEXTO DA POLÍTICA DE IMAGEM

1.1. O Campo midiático.....18

1.2. O Campo político.....22

1.3. A Política de Imagem.....26

1.4. Goffman: a encenação de papéis e a interação – elementos fundamentais para a política de imagem.....29

1.5. A emergência do personagem político.....32

1.6. Marketing político: evidenciando os personagens.....34

1.7. A linguagem: elemento essencial para a comunicação dos personagens políticos.....34

1.8. Bourdieu: Teoria da Prática – configurações do espaço e da atividade política.....37

CAPÍTULO SEGUNDO: MAIS DO QUE UMA FICHA LIMPA, EU TENHO UMA VIDA LIMPA”: A CONSTRUÇÃO PESSOAL E POLÍTICA DE CÁSSIO CUNHA LIMA.

2.1.“De repente perdi o meu quintal”: o menino Cássio e sua infância.....45

2.2.“O meu envolvimento com política começa dessa época, já no movimento estudantil”: a adolescência e os primeiros passos na política.....48

2.3.“Eu parado estava, parado fiquei, foi de certa forma um choque”: A entrada de Cássio Cunha Lima na política.....52

2.4.“A maior honra que eu já tive em toda a minha vida e não tenho outra igual, acho que não tem honra maior do que você governar a sua cidade”: Cássio Cunha Lima prefeito de Campina Grande.....58

2.5.“Desgasta a imagem, porque um governador cassado não tem uma imagem positiva”: Cássio Cunha Lima governador da Paraíba.....68

2.6. “Política você faz como sacerdócio e não como negócio”: a concepção de política e a influência paterna.....	73
---	-----------

CAPÍTULO TERCEIRO: O POP STAR PARAIBANO – ESTRATÉGIAS PARA A MANUTENÇÃO DO PERSONAGEM POLÍTICO CÁSSIO CUNHA LIMA.

3.1. A imagem é absolutamente volátil, é hoje, não é amanhã, então você tem que construir todo dia”: a percepção pessoal da construção da imagem pública de Cássio Cunha Lima.....	79
---	-----------

3.2. A rua como palco: o Pop Star em ação.....	94
---	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109
--	------------

ANEXOS

ROTEIROS DE ENTREVISTA

1.1. Roteiro Semi-estruturado 01

1.2. Roteiro Semi-estruturado 02

1.3. Roteiro Semi-estruturado 03

1.4. Roteiro Semi-estruturado 04

INTRODUÇÃO

Política e mídia são dois campos que, na atualidade, estão extremamente relacionados e que têm chamado à atenção dos pesquisadores na área de Ciências Sociais. Existe uma preocupação em compreender e investigar os fenômenos que dizem respeito à conexão entre a atividade política e os elementos do campo da comunicação de massa.

Segundo Gomes (2004) a interação entre essas duas áreas de estudo passaram por três momentos distintos: entre a década de 20 e a década de 40, os estudos se concentravam em uma perspectiva instrumental, que levava em consideração apenas a influência dos meios e recursos da comunicação nos eventos políticos; os anos 50, 60 e 70 trouxeram uma perspectiva de centralidade da mídia nas instituições sociais, fato esse que foi permitido pelo crescimento e afirmação da comunicação como elemento dominador da política; o último momento, vivido da década de 80 aos dias atuais, evidencia a velocidade com a qual “um modelo de interface entre as esferas da comunicação de massa e da política se estabeleceu e se espalhou pelo mundo”. (GOMES, 2004, p. 23)

A atuação política está estreitamente ligada, na conjuntura atual, aos meios, linguagens e processos inerentes à comunicação de massa. Um dos elementos fundamentais desse momento atual é a importância da visibilidade nos fenômenos do universo político, nesse sentido, a construção da imagem pública se torna um dos pontos mais importantes para a inserção e manutenção de indivíduos no campo político.

A política de imagem se configura como um componente central para a análise do contexto político, já que prática política está definida como uma luta pela imposição de imagens públicas de atores públicos. Uma competição pela produção da percepção pública dos interesses e das pretensões que se apresentam na cena política. As atividades políticas estão associadas à criação e à circulação de imagens.

A política de imagem é entendida como “a prática política naquilo que nela está voltado para a competição pela produção e controle de imagens públicas de personagens e instituições políticas” (GOMES, 2004. P. 242). É um fenômeno que tem como ponto central a construção da imagem pública e está permeado por um jogo de papéis, de *status*, de posições relativas e de valores sociais.

A preocupação com a questão da imagem não é algo recente na política e também não se restringe apenas a essa atividade, já que toda e qualquer ocupação que lida com o reconhecimento do público traz em si uma dependência, mesmo que não completamente, da construção de uma imagem que seja aceita pelo grupo que se quer atingir. Porém, na conjuntura política atual essa questão se torna mais latente porque está associada a um contexto de intensificação e centralização da comunicação de massa no campo político.

É dentro desse contexto que a preocupação central dessa dissertação se estabelece: analisar a construção da imagem pública do Senador Cássio Cunha Lima. O objetivo é contribuir e enriquecer o debate acadêmico sobre a atualidade da política brasileira, na qual a questão da imagem é extremamente importante e essencial.

A escolha desse personagem se deu pela sua importância dentro do quadro político paraibano, que já dura vinte e seis anos, e que se configura através da assunção de diferentes cargos, o que o projetou como um dos maiores expoentes políticos do Estado da Paraíba. Cássio faz parte de um grupo político paraibano ainda bastante forte e influente, o grupo Cunha Lima, o que no início de sua carreira política já o projetou de forma diferenciada. Porém, ao longo de todos esses anos de vida pública mostrou que, apesar de possuir uma hereditariedade no que diz respeito ao capital político, também goza de um prestígio proveniente de suas próprias características.

Sua imagem pública é formada em um contexto no qual a tradição familiar está aliada a elementos individuais, que o configuram como um personagem político que se mantém no poder não apenas por força de um capital político herdado, mas igualmente porque construiu uma carreira política povoada de elementos pessoais que o permitiu permanecer no poder ao longo de tantos anos.

O interesse principal que motivou esse trabalho foi entender quais os mecanismos utilizados na construção da imagem de Cássio Cunha Lima ao longo de todos esses anos de vida pública, ou seja, quais as estratégias e práticas presentes na conduta de Cássio na tentativa de construir uma imagem pública positiva e duradoura. Para isso procurou-se compreender de forma ampla a sua trajetória política, os elementos definidores das suas práticas, os fatos e fenômenos que marcaram a sua vida pública, ou seja, as mais diversas instâncias formadoras da sua imagem. O intuito é perceber não só como a imagem se forma, mas também quais os elementos que proporcionam a manutenção da mesma.

Ao permanecer durante tantos anos como um dos grandes detentores do poder político local, Cássio Cunha Lima construiu uma história marcada por uma presença contínua no quadro político paraibano, bem como por um forte apoio popular, fato esse percebido através da amplitude do número de votos que o mesmo recebe nos pleitos dos quais participa. Além disso, também possui uma projeção nacional, por, nesse momento, ocupar uma cadeira no Senado Federal, mas também por ter, ao longo de sua carreira política, exercido outros cargos em âmbito nacional (superintendente da SUDENE e Deputado Federal).

Com intuito de construir um estudo ampliado no que diz respeito à construção da imagem pública de Cássio Cunha Lima, quatro elementos centrais nortearam a pesquisa: análise de publicações sobre o nosso objeto de estudo, buscando traçar um panorama teórico sobre o tema; entrevistas semi-estruturadas, visando uma percepção de como o próprio sujeito de pesquisa enxerga a construção da sua imagem, incluindo dessa forma, elementos individuais que remetem a memória e a intencionalidade do mesmo; pesquisa documental nas publicações do meio midiático em relação à figura de Cássio Cunha Lima, com a intenção de compreender como a imagem do mesmo é traçada pela mídia; observação participante, ou pesquisa de campo propriamente dita, com a finalidade de perceber na prática como todos esses elementos se concatenam e como o público reage à figura do sujeito de pesquisa, traçando uma análise do comportamento não só do sujeito de pesquisa perante as pessoas, mas também das manifestações do público no que diz respeito à imagem e às ações de Cássio Cunha Lima.

É importante perceber que o posicionamento e a definição da identidade e imagem do ator em um contexto de política expectadorizada depende tanto de elementos subjetivos quanto de elementos objetivos. É preciso compreender como se configura o espaço no qual esse indivíduo está inserido, reconhecer as práticas presentes no interior do mesmo, quais são as linguagem utilizadas, os requisitos necessários para fazer parte desse espaço, as relações de poder existentes, os sistemas de classificação utilizados. A prática política de imagem e de espetáculo deve ser entendida dentro de uma análise que privilegie não só o indivíduo que encena que representa papéis, mas também considerando a plateia que os “assiste”, o cenário no qual essa prática é encenada, levando em consideração a forma como o mesmo é constituído.

A representação do ator político é parte constitutiva do poder, atuando como elemento fundamental para a construção do imaginário dos indivíduos e como recurso

fundante para as suas percepções e opiniões acerca da realidade política. É dentro dessa perspectiva que o objeto de estudo dessa pesquisa será analisado, a saber: a construção da imagem pública do Senador Cássio Cunha Lima, buscando compreender quais os elementos que a constituem, quais são as estratégias de construção dessa imagem, quais os tipos de práticas envolvidas nessa construção, dentro de uma análise que entende essa construção como um processo de permanências e mudanças.

O presente trabalho possui três estratégias metodológicas complementares para a análise do problema proposto por esse estudo: pesquisa bibliográfica, entrevistas semi-estruturadas e a pesquisa de campo propriamente dita através da observação participante. Centrando-se em uma análise qualitativa do problema de pesquisa proposto.

Segundo Preuss (1998), as abordagens qualitativas tem sido alvo nas ciências sociais por serem consideradas como pouco científicas do ponto de vista positivista. O emprego de metodologias qualitativas começou a ter reconhecimento na fase exploratória da pesquisa, no momento da formulação de hipóteses, ou como complemento de procedimentos quantitativos. Esse reconhecimento ganha força com os pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos oriundos de diferentes maneiras de fazer ciência em resposta às discussões acerca da oposição entre os paradigmas quantitativo e qualitativo.

Apesar de não possuir o mesmo controle de uma pesquisa experimental, a pesquisa qualitativa também possui critérios cuidadosos a serem observados, evitando cair em considerações inspiradas no senso comum. O fato é que mesmo numa análise estatística a subjetividade aparece a partir do momento que os resultados das pesquisas passaram por um processo de transformação em valores numéricos, conduzindo um recorte de categorias a serem quantificadas.

Nesse sentido, a abordagem biográfica compreende uma das diversas formas de trabalho qualitativo e é caracterizada por uma forma de entrevista não estruturada que se propõe conhecer o desenrolar, no tempo, de alguma faceta da vida de uma pessoa inserida em um grupo específico. Em oposição à entrevista estruturada, o emprego dessa técnica facilita a emergência de informações de grande importância para o grupo estudado e que podem parecer insignificantes, ou mesmo invisíveis, para o pesquisador. Uma das vantagens da abordagem biográfica está na possibilidade de abrir o leque e permitir que afluam informações que escapam do discurso estereotipado, revelando

informações que antes não eram consideradas (ou não faziam parte das hipóteses de análise).

Ainda em relação a uma abordagem biográfica, Bourdieu coloca que se deve romper com a idéia de representação tradicional do discurso romântico, como algo coerente e totalizante. Nesse sentido, é preciso compreender o real como algo descontínuo, no qual diferentes elementos se justapõem, e que surgem de uma maneira incessantemente imprevisível e aleatória.

Os acontecimentos biográficos são definidos então, como colocações e deslocamentos dentro do espaço social. Uma trajetória de vida deve ser compreendida através da reconstrução do contexto, da superfície social na qual o indivíduo age, superfície essa que é definida como “conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos que lhe permitem intervir como agente eficiente em diversos campos” (BOURDIEU, 1996, p.190).

Dentro dessa perspectiva os dados primários foram colhidos através de entrevistas semi-estruturadas que procuraram se centrar na “história de vida” do ator político entrevistado, levando em consideração as possibilidades de extrapolação do mesmo, com o objetivo de flexibilizar a coleta de dados no sentido de construir um perfil mais completo e esclarecedor dos indivíduos pesquisados.

Foram realizadas quatro entrevistas no período compreendido entre 20 de julho de e 02 de outubro de 2012, nas quais foram colhidas 9 horas de depoimento. Após a transcrição completa do material obtivemos um total de 150 páginas. Os primeiros contatos com Cássio foram intermediados por um amigo em comum e posteriormente se tornaram contatos diretos. Todas as entrevistas foram concedidas na casa da mãe de Cássio, Dona Glória, no Bairro do Alto Branco, em Campina Grande.

Desde o primeiro momento de contato Cássio foi bastante simpático e extremamente colaborativo, se colocou a disposição para quantas entrevistas fossem necessárias. Inclusive partiu do próprio Cássio o convite para acompanhá-lo nos eventos de campanha que estavam ocorrendo no estado. Acompanhamos Cássio em comícios e carreatas tanto em Campina Grande quanto em cidades do interior do Estado.

Todo esse processo favoreceu um contato maior e mais profundo com o objeto de estudo do trabalho em questão, proporcionando um extenso material de pesquisa e também um enorme aprendizado.

O foco da pesquisa é compreender a construção da imagem pública do indivíduo pesquisado, nesse sentido, outra estratégia metodológica foi utilizada de forma complementar: a observação participante. Essa técnica de pesquisa diz respeito a uma participação real na situação que está sendo pesquisada, buscando a percepção dos dados de forma direta e sem nenhuma intermediação, orientando o pesquisador para uma perspectiva pessoal e autêntica do problema.

Esse tipo de técnica está relacionado à observação da ação no local em que ela acontece, com a participação do pesquisador, buscando um determinado objetivo de pesquisa. Há uma ênfase na construção de uma concepção de ator que leva em consideração a compreensão das suas estruturas de relevância, bem como dos elementos que são compartilhados no cotidiano, com a preocupação de definir de que forma o sujeito se constrói e se posiciona na realidade social.

A observação participante é definida como

um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por esse contexto. (CICOUREL, 1980, p.89)

Pretende-se compreender os elementos descritos através das entrevistas, da observação participante e da pesquisa bibliográfica na prática e no cotidiano do sujeito pesquisado.

Dessa forma, buscou-se entender de maneira mais completa não só a forma como o próprio candidato percebe sua imagem e sua identidade, mas também se a mesma é compartilhada pelos eleitores, e em que elementos essas percepções se aproximam ou se afastam da percepção do próprio político em questão.

Os dados secundários foram obtidos através de pesquisa bibliográfica, a qual esteve concentrada na conceitualização dos elementos essenciais para o entendimento do objeto e do problema de pesquisa. Nesse sentido, foram analisados livros, artigos, teses, dissertações, monografias, jornais impressos, revistas, encartes e publicações em geral que enfoquem os elementos centrais desse tema. A análise foi centrada na recuperação da trajetória do Senador da República Cássio Cunha Lima.

CAPÍTULO PRIMEIRO: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA NO CONTEXTO DA POLÍTICA DE IMAGEM

Esse capítulo pretende expor uma discussão acerca da relação entre política e mídia na atualidade, evidenciando o fenômeno de espetacularização da política, que favoreceu uma realidade dentro desse campo centrada na questão da visibilidade da imagem pública.

Procurou-se traçar um panorama teórico dos dois campos estudados e posteriormente a forma como eles se relacionam e os elementos que configuram essa relação. Nesse sentido, foram revisitados autores que abordam essa temática, com o propósito de perceber como foi construída essa conexão entre esses dois diferentes campos.

Em um segundo momento parte-se para uma análise centrada na questão da construção da imagem pública a partir dessa nova composição da realidade midiática e política. O foco da análise está na construção de um aparato teórico que possibilite entender os elementos constitutivos da imagem de um personagem político.

A construção da imagem pública é o elemento primordial da pesquisa, porém para que pudesse haver uma verdadeira reflexão acerca dessa temática foi preciso traçar uma discussão e uma análise que abarcasse os contextos nos quais esse fenômeno acontece, evidenciando os recursos, práticas e pormenores de cada elemento que a compõe.

Política e mídia são dois campos sociais diferentes e independentes, mas que possuem na atualidade uma enorme interconexão, já que a prática política está extremamente ligada aos meios, linguagens e métodos da comunicação. É importante definir então de que forma essa relação se estabelece, para tanto é necessário traçar as mudanças que ocorreram nos dois campos ao longo dos tempos e que possibilitaram a inter-relação e influência mútua entre eles.

1.1. O Campo midiático

Entende-se mídia como um fenômeno da comunicação que pode ser percebido por três elementos diferentes, porém intrinsecamente relacionados, a saber:

- Conjunto de discursos, enunciados, expressões, ideias, opiniões imagens e produtos que são constitutivos dos processos de comunicação de massa.
- Meios técnicos que são necessários para que essa comunicação possa alcançar um maior número de indivíduos.
- Meios institucionais dirigidos de forma específica para a produção da comunicação de massa.

A mídia diz respeito, no mundo atual, aos meios de comunicação de massa, nesse sentido “pertence ao mundo dos meios de comunicação de massa todo processo que permite que um único emissor veicule simultaneamente a mesma mensagem para uma grande quantidade de receptores, distantes no tempo e/ou no espaço” (MIGUEL, 2007, p.405).

Na atualidade a mídia é um dos componentes mais importantes das sociedades, já que assume o papel de fornecedora de informações a respeito da realidade. Uma grande parte da nossa forma de ver e de agir no mundo depende da mídia. As nossas representações acerca do mundo, das pessoas e dos acontecimentos dependem, em grande parte, das informações que a mídia oferece. A mídia se configura como o grande canal de transmissão de informação para a sociedade.

A comunicação midiática teve seu início no século XIX e se expandiu vertiginosamente no último século. Por configurar um tipo de comunicação que não depende da comunicação pessoal e do contato direto entre os indivíduos, esse novo tipo de comunicação redefine a prática comunicativa em seus meios, componentes e dispositivos.

O que se torna central não é mais um intercâmbio de mensagens centrado no convívio humano, nas trocas interpessoais, mas sim em um novo e único local social de transmissão: a mídia. Destarte, a comunicação deixa de ser uma intermediária e passa a ser um elemento de produção e divulgação dos bens simbólicos no meio social.

Segundo Wilson Gomes (2004) existem três modelos diferentes de relação entre política e comunicação de massa, entendendo modelo como um determinado conjunto de práticas, costumes e habilidades que determinam um padrão social. Esses modelos se configuram em momentos sucessivos do tempo, mas podem se configurar de forma mútua em uma mesma sociedade.

O primeiro modelo diz respeito a uma comunicação de massa que está concentrada na imprensa, a relação entre a política e a mídia se dá através da imprensa

de opinião, sendo uma esfera que proporciona uma discussão pública da política e que tem como função defender os interesses da burguesia.

Em um segundo momento desse modelo, quando a burguesia assume o poder e conquista o Estado, a imprensa de opinião ganha o formato de imprensa de partido, sendo dividida entre a imprensa de opinião governista e a imprensa de opinião opositora.

O segundo modelo está configurado em uma conjuntura próxima do primeiro modelo, porém agora a imprensa se vê acompanhada de diferentes instituições sociais que possuem meios tecnológicos de produção, reprodução, emissão e circulação das mensagens e produtos provenientes da comunicação de massa. A relação entre política e mídia, nesse momento, é estabelecida através da possibilidade de difusão de mensagens do âmbito da política através dos instrumentos midiáticos.

O terceiro modelo surge em um contexto no qual se percebe que a informação pode ser transformada em um negócio, já que a mesma é objeto de demanda da sociedade, que espera conteúdos atualizados, verdadeiros, objetivos, imparciais e independentes. Nesse sentido, surge uma imprensa empresarial, que tem como princípio levar ao público qualquer tipo de informação que o mesmo deseje, levando em consideração a velocidade e o interesse desejado pelo consumidor.

Esse é o modelo predominante na atualidade, configurado em uma indústria da cultura e da informação e que traz em si a formação da cultura de massa. O jornalismo passa a ser visto como um campo social, no qual está presente uma série de princípios, valores, relações e distribuição de reconhecimento. Sendo reconhecido como tal a partir do momento que determina quais são os problemas, os propósitos, os métodos e as estratégias que podem ser classificados como jornalísticos.

Dessa forma,

o jornalismo como campo, por exemplo, poderia ser bem compreendido como um sistema social voltado para a produção de informação sobre a atualidade. Toda a sua distribuição de prestígio e reconhecimento está associada à capacidade, demonstrada por cada um dos seus agentes, de obter informação de qualidade, relevante, com rapidez e – grau supremo de distinção – exclusiva, de redigi-la da maneira apropriada, de publicá-la e produzir com ela um efeito na realidade. (GOMES, 2004, p. 53)

Como campo, o jornalismo se configura como local de disputa por capital jornalístico, um tipo de capital simbólico, cujo acúmulo dá ao seu detentor a

competência e a autoridade dentro do campo, seja ela individual ou institucional. Essa luta por posições dentro do campo jornalístico, assim como em qualquer outro campo, estabelece uma hierarquia de poder que, além de trazer prestígio, promove também a possibilidade de administração das estruturas e das regras. É um componente de visibilidade e de possibilidade de fala e de ação de maneira autorizada e com autoridade.

Nesse terceiro modelo, o jornalismo se configura como instituição social, possuindo assim, valores, regras de funcionamento, determinações sobre as suas propriedades específicas, hierarquias, conhecimento acumulado, regras próprias e um discurso que o legitima socialmente.

É nesse contexto que se configura uma mudança extremamente significativa para a comunicação: o jornalismo como campo que possui especificidade e autonomia em relação à política. O jornalismo toma a frente dos interesses que serão colocados em jogo, fazendo com que a política tenha que se adaptar aos mesmos, se posicionando através de resistência e filtros impostos pelo campo jornalístico em relação ao campo político.

O jornalismo se configura como “uma atividade técnica especializada, que cumpre a função social específica, de difusão de informações consideradas relevantes que, de outra forma, os indivíduos não poderiam obter” (MIGUEL, 2007, p.406).

O campo da mídia, ou do jornalismo, traz mudanças importantes para a configuração social, instituindo uma nova forma de sociabilidade, centrada na ideia de que é através da mídia, dos instrumentos de comunicação de massa que os fatos se tornam públicos, comuns, compartilhados. A mídia possui o monopólio de tornar público os fatos que considera importante, o que seleciona como essencial, enquadrando a realidade de acordo com sua própria ótica. Nesse sentido,

como rede imaginária/simbólica, parece ter vida própria e autônoma, aparentando estar segmentada do (restante do) social, apesar de transpassar na sua fluida e (quase) impalpável onipresença a (quase) totalidade da vida na atualidade. (RUBIM, 1994, p.35)

O trabalho jornalístico é composto por três diferentes momentos: o primeiro diz respeito à coleta de informações; posteriormente há o momento de seleção e hierarquização das notícias; por último há a distribuição das informações para o público. O momento de seleção é o determinante em todo o processo, é através dele que a

imprensa classifica o que é relevante ou não. Mais do que isso, após selecionar o que é considerado importante, o que deve ser colocado em pauta, há o momento de considerar qual será o enquadramento escolhido. Dessa forma, além de definir o que deve ser noticiado, a mídia também determina quais são os aspectos de um dado acontecimento que devem ser abordados.

A mídia, tanto em seus componentes jornalístico, quanto em seus componentes de entretenimento, se torna uma das maiores responsáveis pela disseminação de ideias, valores e percepções em relação à realidade. As práticas que são estabelecidas dentro do campo jornalístico são determinadas por valores simbólicos, que são construídos e reconstruídos constantemente.

Segundo Miguel (2002) é o campo jornalístico que detém a possibilidade de visibilidade pública, que detém os meios para assegurar que algo se torne visível para um maior número de pessoas, mais do que isso, que proporcionam a manutenção de visibilidade de algo ou de alguém. É através da lógica do campo jornalístico que se configuram os meios e os conteúdos que serão visibilizados. Destarte, “na esfera da visibilidade pública só circulam materiais e conteúdos organizados segundo códigos e gramáticas característicos das instituições midiáticas que as controlam” (GOMES, 2004, p. 67).

A questão da visibilidade traz conexão com uma das principais funções desempenhadas pela imprensa, que diz respeito à formação da agenda pública, ou seja, a escolha dos conteúdos que serão noticiados. Está sobre o controle da mídia a formulação das preocupações públicas. Destarte

o impacto da definição de agenda pelos meios é perceptível não apenas no cidadão comum, que tende a entender como mais importantes as questões destacadas pelos meios de comunicação, mas também no comportamento dos líderes políticos e de funcionários públicos, que se vêem na obrigação de dar uma resposta adequada àquelas questões. (MIGUEL, 2002, p.172)

1.2. O campo político

Assim como na comunicação, houve enormes e importantes mudanças no campo político. De uma configuração política determinada pelo exercício da violência e da exclusão da maior parte da população da atividade pública, passa-se a ter uma nova configuração centrada na possibilidade de socialização da política, de forma ampla,

incorporando assim na atividade política a participação das diferentes partes constituintes da sociedade.

Esse alargamento da política traz a emergência de uma nova concepção das relações de poder, que antes eram concentradas e agora atravessam e penetram toda a sociedade. O que antes convergia para uma relação de coerção e de violência torna-se uma relação de convencimento. De uma larga utilização da força e da violência muda-se para uma utilização dos componentes simbólicos intelectuais e morais do convencimento, da coesão.

A emergência da democracia possibilita uma verdadeira socialização da política, na qual o poder é descentralizado e não mais concentrado nas mãos de um único indivíduo. Nesse sentido,

a política, antes centralmente segredo, exclusão e violência, passou a ser, de modo significativo da modernidade tardia, uma atividade pública, uma luta pública no campo de forças que é a sociedade, uma busca pública de aglutinação e ampliação de poder em meio às contradições e conflitos que marcam a vida societária. (RUBIM, 1994, p. 44)

Como já ficou evidente, o monopólio de publicização e da visibilidade dos elementos sociais se encontra nas mãos do campo midiático, a política parte então para um movimento de adaptação às regras e formatações da comunicação. A incorporação dos elementos midiáticos se torna essencial para o exercício pleno da política.

É inequívoco que mídia e todos os seus elementos constitutivos se tornaram extremamente importantes para os fenômenos que dependem da visibilidade. A política se vê assim compelida a se adaptar às designações midiáticas, já que tem na visibilidade uma das suas maiores características. É através da visibilidade de algo ao de alguém, que o público pode tecer qualquer tipo de opinião e julgamento. Visibilidade e opinião pública são fenômenos que estão extremamente ligados e são definidores para a atividade política.

A política contemporânea está configurada através de um conjunto de habilidades e de ações que se designam à formação de uma opinião pública, esse processo se dá através de um movimento de competição, determinado pelos meios e linguagens da comunicação de massa, que se tornou o principal terreno para a disputa pela visibilidade e opinião pública. Nesse sentido, “boa parte da luta política consiste

em chamar atenção para determinadas questões, torna-las centrais nas representações correntes da realidade política” (MIGUEL, 2007, p. 409).

O contexto atual da política está configurado então em uma estreita relação com os elementos da comunicação, principalmente aos da comunicação de massa. Esse contexto trouxe mudança na forma de atuação dentro do campo político, já que pressupõe uma preocupação maior em relação à esfera da visibilidade pública. Nesse sentido, as estratégias políticas estão vinculadas à construção, circulação e imposição de imagens públicas e ao controle das mesmas.

A análise sobre a política na atualidade está vinculada a uma discussão acerca da prática política, na qual uma grande parte da disputa política ter sido transformada em uma luta pela imposição da imagem pública dos atores políticos, assim como de uma competição pela produção de uma percepção pública de quais são os interesses e quais são as pretensões que se exprimem na cena política. Destarte,

a política só se realiza plenamente na contemporaneidade se, e somente se, torna-se efetivamente pública. Os acontecimentos, para realizar a sua dimensão política devem reter o poder de se publicizar, de se impor (politicamente) à mídia, enfim de frequentar a dimensão pública, engendrada pela mídia, através da qual vivem e constroem a realidade. (RUBIM, 1994, p.50)

A prática política está permeada por dois fenômenos: a política de imagem e a política de espetáculo. Fenômenos estes que redefinem a forma de fazer política e determina de que maneira os atores políticos se direcionam. Influenciando assim a maneira como os mesmos constroem a sua própria imagem e definem a sua identidade dentro da arena política.

A noção de espetáculo pode ser associada à política através de três diferentes tipos de pensamento: a política em cena; a dramaturgia política; e a espetacularização da política. Cada um deles possui definições diferentes, e são de extrema importância para a construção de uma análise mais completa em relação à prática política. A percepção de política como espetáculo se encontra na realidade como um amálgama dessas três concepções.

A ideia de política em cena traz relação com o sentido cênico da prática política, ou seja, a política é vista como um espetáculo que possui atores de um lado e plateia do outro lado. Acentuando-se a concepção de visibilidade, de exibição, a política coloca os indivíduos como espectadores e se posiciona como espetáculo. O sentido cênico da

política, nessa concepção, é visto pela construção da política para ser exibida, vista e apreciada.

Em uma segunda concepção a política é vista através do seu componente dramaturgico, nesse modelo o que se coloca em evidência é a representação das ações humanas, que se aproxima de uma representação teatral, de uma construção de atores através da encenação. A política, nesse sentido, se torna um espetáculo porque pode ser analisada através da representação. O que se coloca em questão são os componentes, as estruturas e as relações com o público que a representação da política traz em si.

A última concepção de política como espetáculo é centrada na ideia do espetacular, o que passa a ser central é a noção de política como algo grandioso e excepcional. A política é o que deve ser visto, é uma prática notável, admirável e apreciável. O que a torna espetacular é a sua capacidade de dispor eventos, fatos, situações que possuem visualidade plena, que saiam do terreno do que é cotidiano e comum e surpreendam os espectadores, conquistando-os em suas memórias e imaginários.

Quando analisada na prática política da realidade, no cotidiano da política, a noção de política do espetáculo é vista como uma combinação dessas três concepções diferentes, configurando-se através de elementos constitutivos de cada uma delas. Em suma,

a política-espetáculo é a política que emprega a sua presença na esfera da visibilidade pública como estratégia para a obtenção do apoio ou do consentimento dos cidadãos. A política-espetáculo é a política que se exhibe, mostra-se, faz presença, impõe-se à percepção do cidadão. (GOMES, 2004, p.403)

É importante pontuar que a atividade política se realiza em diferentes sistemas de práticas, habilitações, atores e representações, a política do espetáculo, midiática, é um desses sistemas, e é o que representa uma nova configuração para a prática política, centrada na imagem e na visibilidade. É nesse sentido que a comunicação de massa é decisiva tanto para o ingresso como para a manutenção de um espaço no campo político.

É a partir desse sistema que traçaremos a discussão acerca da construção da imagem pública, da importância da mesma e dos mecanismos que possibilitam esse tipo de fenômeno dentro da atividade política. Dentro dessa perspectiva o que se coloca em

questão é a produção e administração das impressões do público em relação ao campo político e seus componentes.

1.3. A política de imagem

Essa composição da política sob a ótica da representação necessita de alguns elementos básicos para que possa ser colocada em prática: é preciso haver um enredo, personagens e meios de representação. Sendo assim, a prática política se apresenta na realidade a partir de “uma grande variedade de enredos, por meio de múltiplos personagens constituídos e conduzidos, por arte, através de falas, cenários, antagonismos e protagonismos, peripécias e desenlaces” (GOMES, 2004, p.291).

É preciso compreender que esse novo formato de fazer política se insere em um contexto de mudanças midiáticas (já explicitado anteriormente no texto), no qual os novos parâmetros da comunicação rejeitam, não na totalidade, mas em grande parte, os conteúdos da política no que diz respeito ao seu formato tradicional.

A política e seus componentes precisam se adaptar aos elementos impostos pela nova construção do campo midiático. Nesse sentido é necessário atingir alguns critérios para que algo possa ser transformado em notícia, em visibilidade na mídia e por fim no referencial que as pessoas possuem para criar sua rede de opiniões sobre a realidade. Esses critérios são definidos pela excepcionalidade e espetacularidade, pela possibilidade de produzir emoções, a política deve então ser dramatizada e encenada.

É a esfera midiática que define o quadro de referências do que deve ser considerado importante ou não em uma dada sociedade, bem como a importância e a posição hierárquica que cada tema possui nessa trama de acontecimentos e fenômenos. Os fatos e acontecimentos que fogem da nossa experiência direta no mundo, nos são oferecidos através da mídia e do que ela considera noticiável ou não. Nesse sentido,

os agentes do campo político precisam, para inserir os seus conteúdos nos circuitos informativos de massa, adquirir uma competência dramática, ou a capacidade técnico-artística da elaboração de composições narrativas ou encenações pelas quais se representam, através de enredos, personagens, discursos e ações, situações voltadas para a produção de certos efeitos emocionais sobre o espectador. (GOMES, 2004, p.335)

A prática política está definida como uma luta pela imposição de imagens públicas de atores públicos. Uma competição pela produção da percepção pública dos interesses e das pretensões que se apresentam na cena política. As atividades políticas estão associadas à criação e à circulação de imagens.

A política de imagem é entendida como “a prática política naquilo que nela está voltado para a competição pela produção e controle de imagens públicas de personagens e instituições políticas” (GOMES, 2004, p. 242). É um fenômeno que tem como ponto central a construção da imagem pública e está permeado por um jogo de papéis, de status, de posições relativas e de valores sociais. Dessa forma, a imagem pública é algo conceitual, que está apoiado e construído sobre mecanismos enunciativos linguísticos. A construção dessa imagem está ligada a um manuseio apropriado de informações. É uma construção cognitiva, que possui correspondência com os valores que estão presentes em uma determinada sociedade.

É importante salientar que esse tipo de construção não está ligado necessariamente a uma imagem plástica, de configuração visual, mas sim a uma forma de representação e apresentação de algo que está situado na realidade. As imagens públicas estão relacionadas a ações, discursos e configurações expressivas, que podem incluir elementos visuais, mas que não dependem dos mesmos para existir, nesse sentido, “elementos visuais podem contribuir para a formação de uma imagem, desde que se submetam a uma conversão em indícios, pistas, sintomas que sirvam para sustentar inferências lógicas” (GOMES, 2004, p. 252).

A imagem pública é um repertório construído coletivamente, por representações sociais, ou seja, é uma imagem coletiva, que não se constitui de apenas uma expressão, mas de uma grande variedade delas. É um somatório de experiências vividas e que precisam ser compartilhadas pelo grupo. A imagem plástica é necessária, mas não é suficiente, existem outras variáveis mais complexas e importantes para a construção da imagem pública. É importante salientar que a imagem pública e a imagem plástica devem estar em consonância e conformidade uma com a outra para que possam fazer sentido para o público.

A construção de uma imagem pública está ligada a um complexo de informações, de noções, conceitos que uma determinada coletividade partilha e que tem como objetivo caracterizar um sujeito. O ator político é estabelecido como uma personalidade, um personagem que existe para si, mas que também possui uma forma de existência exterior, uma existência que é representacional, ligada a uma imagem.

Para que uma imagem seja formada é preciso reconhecer um conjunto de propriedades que caracterizam determinado ator político, servindo dessa forma como uma atribuição.

A identificação de uma imagem pública não é algo simples e isento de problemas, pois a mesma não está ligada diretamente e propriamente a uma pessoa, mas sim a personagens, máscaras teatrais que são construídas por um processo psicológico e social de caracterização de um determinado indivíduo. A imagem pública de um sujeito está definida por aquilo que o próprio nos parece ser, que em muitos casos pode não estar em consonância com a essência do sujeito, com aquilo que ele realmente é. Existe um eterno problema a respeito se uma imagem pública é espontânea ou artificial.

O fenômeno da política de imagem se coloca como algo central porque está veiculado a uma época na qual a visibilidade pública é extremamente importante e possui uma relação estreita com os meios de comunicação de massa. Isso se dá por três fatores: a chegada de um modelo de sociedade democrática, que possui como exigência uma esfera pública; o aparecimento do modelo das sociedades de massa; e por último, o predomínio da comunicação de massa como meio expressivo no qual e pelo qual se efetua aquilo que é socialmente visível.

Dessa forma,

a imagem pública contemporânea deixa de ser politicamente acessória para ser central, deixa de ser um fato típico da vivência comunitária para se constituir em fenômeno decisivo no contexto da experiência produzida e conduzida pela comunicação de massa (GOMES, 2004, p. 264).

É importante salientar que a imagem pública não é algo fixo e imutável, pelo contrário, é algo que pode ser construído, destruído e reconstruído, em um processo interminável e que não possui garantias. A imagem está relacionada com uma espécie de opinião, de algo que se conhece presumidamente da realidade. A imagem começa a existir no momento em que é recebida por outro agente, ou seja, no momento de recepção, mesmo que a mesma tenha sido programada no momento da emissão. Não diz respeito àquilo que a pessoa realmente faz ou fala, mas sim aquilo que se considera que o mesmo faça ou fale, daquilo que é reconhecido como suas mensagens, ações e apresentação. Nesse sentido, não é uma construção homogênea e sim produto de uma construção social permeada por conflitos e disputas.

O processo de construção da imagem pública está ligado a mensagens, fatos e configurações significativas. Nesse sentido, é importante perceber que a formação da imagem pública não está ligada apenas às propriedades que o público entende como caracterizadoras de um determinado indivíduo, aquilo que é refere ao real, ao concreto, mas também às características que são consideradas adequadas e ideais, àquilo que refere ao desejo, ao provável. A expectativa dos indivíduos se torna um elemento importante para a construção da imagem pública dos atores políticos.

Nesse sentido, a política de imagem está relacionada a três funções: a primeira diz respeito à criação, produção e construção da imagem pública de um determinado ator político; a segunda está ligada ao ajuste dos personagens reais aos perfis ideais e as expectativas do público; e por último administrar, gerenciar e controlar a imagem pública já construída.

A política de imagem está inserida em um formato de fazer política que a coloca como algo encenado, teatralizado, a ideia de política como espetáculo. Nesse sentido, há o indivíduo que encena e o público que “assiste”, há um desenvolvimento de papéis, de máscaras sociais. A imagem pública tem que convencer, ator e representações tem que ter coerência para que o público absorva uma imagem positiva do ator político.

1.4. Goffman: a encenação de papéis e a interação – elementos fundamentais para a Política de Imagem

Dentro dessa perspectiva é importante pontuar os estudos de Erving Goffman, que em seu livro “A representação do eu na vida cotidiana” tem como objetivo captar e explicar as estratégias que os indivíduos utilizam para transmitir uma imagem positiva de si mesmos, através de recursos verbais e não verbais. Para esse autor o comportamento cotidiano dos indivíduos é semelhante ao de atores em um palco, os indivíduos e os grupos estão constantemente representando uns para os outros.

Goffman (1975) faz parte do Interacionismo Simbólico, uma escola que surge em um contexto de resgate dos sujeitos político, recolocando em cena o papel da vontade, da atuação e da decisão. O que importa nesse momento é como potencializar um ator, este como portador de atuações efetivas e eficazes. Aqui os sujeitos não são apenas portadores de sentido, a questão mais relevante é o que estes atores podem fazer

com esses sentidos, a unidade de análise passa do ator para a interação e os quadros de referência só fazem sentido nas interações e decisões do sujeito. O autor propõe uma teoria dramática da ação, enfatizando o modo como o agente tenta se ajustar às expectativas de uma situação na qual está inserido, privilegiando a questão da linguagem.

A produção e reprodução da vida social estão vinculadas a interação entre os indivíduos e entre as coletividades, especialmente no plano simbólico, ou seja, não há um domínio nem da ação nem da estrutura.

Dessa forma em uma interação os indivíduos chegam investidos de preceitos, mas o que importa é o que se faz dos preceitos nessa interação. A situação é vista como algo circunstancial, e a angulação normativa está subordinada à interação, o que leva a uma mudança de prioridade, que passa do sistema para a interação, o encontro interpessoal.

Os quadros normativos só possuem validade em decorrência da própria interação, portanto o ponto fundamental é a interação, é no encontro que os indivíduos se comunicam uns com os outros, que há um intercâmbio de significados e também a construção da própria opinião, os encontros são então sempre comunicativos e dotados de significação.

A teoria da ação proposta por essa vertente tem como pressuposto básico a ideia de que os agentes não apenas portam sentido, mas que também podem reelaborar e reinterpretar esses sentidos. O sentido é simbólico, além de armazenar significado também dá ao sujeito a possibilidade de produzir significados. A ação nesse sentido está relacionada a uma questão de interpretação, de recriação de sentido. E como diz respeito a um processo de significação, envolve essencialmente processos comunicativos. Toda teoria da ação passa a ser também uma atuação, já que os sentidos são representados pelos atores, na forma como estes se apresentam aos outros.

O Interacionismo simbólico traz então como contribuição uma nova forma de perceber a relação entre ação e consciência, buscando na interação uma nova componente de análise, onde o sujeito tem um papel importante e essencial.

Para Goffman (1975) a interação é guiada por regras, mas os resultados das mesmas não são sempre predeterminados, a questão mais importante é a ideia de identidade, que diz respeito às avaliações sobre os indivíduos, por eles mesmos e também pelos outros, e segundo o autor a discussão acerca da identidade está sempre

perpassada pela questão da linguagem. Não existe a possibilidade de uma identidade anterior à linguagem, e, portanto anterior a uma interação.

A informação sobre um determinado indivíduo possibilita o conhecimento prévio do que o público pode esperar do mesmo e também do que ele espera do público. É através da conduta e das ações do ator que o público vai basear suas impressões e a partir daí criar uma imagem própria.

A Interação é vista como um jogo no qual os indivíduos se expressam e buscam convencer o público através de duas atividades distintas: a expressão transmitida, que se dá através de símbolos verbais e a expressão emitida, que se dá através de ações.

Para Goffman,

a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada. (GOFFMAN, 1975, p.11)

O indivíduo se apresenta através da máscara de um personagem que atua para o público.

A representação é vista como a “atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1975, p. 29).

São necessários alguns componentes para que a representação se estabeleça: a interação, que diz respeito à influência recíproca dos atores sociais sobre as suas ações quando estão em presença física imediata; o desempenho, que está ligado à atividade de um participante em uma ocasião, que tem como objetivo influenciar de alguma forma outro participante; e a prática que é entendida como padrão de desempenho que ocorre em uma situação e que pode ocorrer em outras ocasiões da mesma maneira.

Percebe-se dessa forma que o ator social é portador de papéis, que o mesmo representa para uma determinada plateia. O papel social é a declaração de direitos e de deveres que estão relacionados a uma determinada situação social, e que possui diversos movimentos.

O ator não atua sozinho, Goffman (1975) pontua a existência de uma equipe, que é definida como “um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária, para ser mantida uma determinada definição projetada da situação” (GOFFMAN, 1975, p.

99). Esse grupo é configurado em relação a uma interação na qual é mantida a definição apropriada de uma dada situação.

Essa perspectiva se insere em um contexto político de uma cultura expectadorizada no qual há uma abrangência dos meios de comunicação de massa e uma grande importância da visibilidade pública. É importante perceber como a imagem pública é construída, definida e como a mesma é colocada para o público. A encenação de papéis e a interação com o público são elementos de extrema importância nessa análise.

1.5. A emergência do personagem político

Outro elemento essencial é a definição do ator político como personagem, já que a política se faz atualmente como encenação. O homem político tem uma preocupação em impor uma imagem de si mesmo que seja captada e fixada pela atenção do público. É uma representação figurada da realidade, na qual a imagem serve como rótulo e indica as características e as performances de um político. O personagem político está investido de expectativas, é o produto de uma encenação e tem como ponto central a capacidade de convencimento.

Como a política, no contexto atual no qual é vista como espetáculo, se faz através dos mecanismos de encenação, os seus membros são considerados personagens. É através da representação que o homem público impõe a sua própria imagem e busca a captação e a fixação da mesma pela sociedade, para isso é preciso que ele defina uma imagem e que a sustente com coerência.

O homem político deve, portanto, concordar em desempenhar de maneira duradoura a personagem em cuja pele se meteu. Precisa aceitar ajustar-se à imagem de si mesmo divulgada pela propaganda. Assim vive ele, aprisionado num papel determinado, como ator, e escravo do seu próprio mito. (SCHWARTZEMBERG, 1978, p. 14)

Schwartzemberg (1978) propõe uma tipologia de personagens encontrados na política, evidenciando que essa classificação se adapta aos diferentes contextos e conjunturas de uma determinada sociedade. É importante pontuar que os diferentes personagens se revezam e se sucedem, em uma rotatividade que responda às demandas da sociedade da qual fazem parte. Além disso, por ser uma classificação baseada em

constructos teóricos, semelhantes aos tipos ideias propostos pela teoria weberiana, não são encontrados de forma pura na sociedade. Os personagens que encontramos na realidade podem apresentar características de mais de um desses tipos ideais.

O primeiro personagem diz respeito ao herói, que faz o espetáculo, oportuniza o sonho e transmite certeza. Ele transforma o poder em algo fascinante e misterioso, estabelecendo uma imagem de mito. Esse tipo de personagem é detentor de um dom natural, de um encanto próprio, de algo que é inato, que nasce com o indivíduo que o representa. É um personagem divinizado, idolatrado, definido por um imenso carisma. Esse tipo de personagem é remetido aos tempos de drama e tormenta.

Posteriormente, nos momentos de calma e de tranquilidade, o povo anseia por outro tipo de personagem: o homem comum. Nesse caso o preponderante é o convencional, a normalidade, o personagem é um reflexo do próprio eleitorado. É a identidade e a igualdade que se tornam evidentes, através de um homem comedido, modesto e simples. Esse tipo de personagem atende ao igualitarismo e é reflexo do cidadão típico, representando a rotina e a ordem.

Outro tipo de personagem se coloca no momento em que os indivíduos se cansam do contexto da normalidade e esperam uma nova situação de espetáculo, esse tipo de personagem é classificado como líder charmoso. É a representação da política como arte da sedução, cujo objetivo é surpreender, agradar e cativar o público. A jovialidade é requisito indispensável nesse tipo de personagem. O líder charmoso se ajusta à velocidade e às mudanças do seu tempo, se adaptando facilmente às novas conjunturas apresentando enorme resistência e dinamismo. A imagem do líder charmoso se aproxima da do irmão.

Quando o povo começa a considerar a fragilidade da imagem do irmão, passa a clamar pela figura paternal e sua autoridade. Eis que surge o próximo personagem: nosso pai. Esse tipo de personagem está envolvido em uma atmosfera de experiência, prudência, discernimento e moderação para enfrentar as circunstâncias apresentadas pela sociedade. Além disso, a sabedoria, a autoridade, a firmeza, a segurança são aspectos essenciais na caracterização do “nosso pai”.

A definição da imagem do político através da classificação proposta por Schwartzemberg sugere elementos para que na prática possamos combiná-los em uma construção dos personagens calcada no que encontramos na realidade. Um mesmo indivíduo pode encarnar diferentes personagens, a depender do momento e do contexto que está sendo analisado.

1.6. Marketing Político: evidenciando os personagens

Construídos os personagens uma nova etapa é necessária: coloca-los em evidência, para isso, em uma sociedade na qual há um predomínio da comunicação de massa, a mídia possui uma grande importância, atuando como difusora das imagens públicas dos atores políticos. É através do *marketing* político que a imagem pública de um determinado ator político é difundida, e tem como preocupação que a mesma seja recebida de forma positiva pela plateia.

“Com o ‘*marketing* político’ se identificam entre outras coisas, um conjunto de práticas agentes e representações que adquirem sua significação social na interseção de dois subcampos sociais: o político-eleitoral e o da comunicação/publicidade. Um ponto-chave nessa interseção é, especificamente, o ‘trabalho sobre a imagem’ do candidato” (SCOTTO, 2006, p.399).

É o trabalho proveniente do marketing político que possibilita a adaptação, a revisão e uma possível modificação ou reforço das estratégias de apresentação, dos discursos e das práticas de um determinado político. Busca-se acentuar fatos e elementos que são positivos e minimizar os que podem desfavorecer a imagem pública do mesmo.

Com a nova conjuntura da comunicação e as mudanças que ela trouxe para a política torna-se necessário a publicização dos atos dos indivíduos que atuam na esfera política, o *marketing* político acelera e favorece esse processo, no sentido de planejar estratégias para fortalecer e reforçar as imagens que esses indivíduos possuem.

Nesse sentido, percebe-se que o trabalho com a imagem do político é algo extremamente importante para que o mesmo possua uma boa aceitação do público para o qual encena.

1.7. A linguagem: elemento essencial para a comunicação dos personagens políticos

Dentro dessa perspectiva de uma nova configuração dos campos midiático e político a questão da linguagem se torna extremamente essencial, destarte a política de imagem e de espetáculo só pode se constituir através da mesma, já que para que exista encenação, representação de papéis, interação, e para que a imagem e a identidade do

ator político possam ser construídas e compartilhadas, é necessário que os homens se comuniquem, e para isso é preciso que haja linguagem. Política e linguagem são então dois elementos inseparáveis.

A fala e o discurso são elementos de extrema importância para a definição da imagem e da identidade de um determinado ator político. As linguagens são elementos utilizados pelos homens para que os mesmos possam se traduzir. O discurso político é permeado por diferentes linguagens, e é através delas que se pode perceber o ato da fala e também o contexto no qual se localiza. Nesse sentido

uma 'linguagem' no nosso sentido específico é, então, não apenas uma maneira de falar prescrita, mas também um tema de discussão prescrito para o discurso político. Nesse ponto, podemos ver que cada contexto linguístico indica um contexto político, social ou histórico, no interior do qual a própria linguagem se situa. Contudo, neste mesmo ponto, somos obrigados a reconhecer que cada linguagem, em certa medida, seleciona e prescreve o contexto dentro do qual ela deverá ser reconhecida. (POCOCK, 2003, P. 36-37)

É importante perceber que todo discurso é algo reativo, tem um componente que executa a fala, que se coloca como locutor, e tem um componente que escuta a fala e se coloca como interlocutor, reagindo ao discurso que foi colocado. É uma interação entre aquele que fala e aquele que escuta, assim como uma interação com o contexto, o ambiente no qual esse discurso está inserido.

Para que uma interação seja eficaz é necessário que exista uma sintonia de sentidos naquilo que está sendo falado, emissor e receptor devem se encontrar em algum ponto. Uma imagem só pode ser construída se ambos estiverem utilizando uma mesma linguagem.

A imagem pública de um determinado ator político é construída através das linguagens que o mesmo utiliza para se expressar. Nesse ponto é importante distinguir o que é língua e o que é linguagem:

enquanto 'língua' se refere exclusivamente à linguagem verbal, 'linguagem' se refere a qualquer tipo possível de produção de sentido, por mais ambíguo, vago e indefinido que seja esse sentido (SANTAELLA, 1996, p. 313).

A linguagem precisa estar encarnada em uma materialidade para que possa ser transmitida, essa materialidade diz respeito a qualquer coisa material que tenha como

finalidade veicular as mensagens que configuram os processos de linguagem. Além disso, as linguagens envolvem outros dois aspectos: seu poder de referencialidade, que diz respeito aos graus de aplicabilidade da linguagem ao referente; e seu poder interpretativo, que diz respeito aos efeitos da interpretação que ela pode produzir no receptor.

Não existe linguagem sem um meio, esse meio pode ser dividido em três esferas: o meio de produção, o meio de armazenamento e o meio de circulação. É importante salientar que mesmo com a sofisticação e a mudança de tecnologia desses meios, existe uma matriz lógica em todas as linguagens: “a necessidade inalienável desses meios para que uma linguagem possa existir” (SANTAELLA, 1996, p. 319).

Na política as linguagens dão corpo material às ideologias, estas vistas como sistemas de representação, ou seja, “sistemas de significado pelos quais nós representamos o mundo para nós mesmos e os outros” (HALL, 2003, p. 169). A linguagem está marcada pelas posições que o indivíduo ocupa na rede das tendências políticas, a posição política dos atores precede às suas argumentações e posicionamentos, dessa maneira, é no discurso e nas elaborações de cada indivíduo que o mesmo demonstra a sua forma de perceber a realidade.

Sendo assim,

a linguagem que falamos o sistema de sinais que emitimos a miríade de traços, escolhas omissões e partilhas de que somos compostos, falamos de nós. São indicadores da nossa posição peculiar na rede tensa das tendências políticas. Não há linguagem possível, conseqüentemente, que não seja um feixe indicial de tensões políticas. (SANTAELLA, 1996, p. 331)

O indivíduo através da linguagem representa simbolicamente o mundo e suas relações no interior do mesmo, é assim que o ator define sua identidade, por meio de símbolos, a identidade é então algo relacional. Cada indivíduo se representa, se identifica de uma forma, sendo assim, a identidade é marcada pela diferença.

A representação é composta por práticas de significação e também por sistemas simbólicos, através dos quais há produção de significado e posicionamento do sujeito no contexto em que vive. Nesse sentido, é através dos significados que são produzidos pelas representações que os indivíduos dão sentido à própria experiência e a sua identidade. É por meio das representações que as identidades são construídas, tanto as individuais, quanto as coletivas.

A linguagem possui papel central na construção da identidade dos atores, pois “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2009, p. 17).

O indivíduo se identifica e se representa utilizando os sistemas de classificação que estão presentes na sociedade da qual faz parte, e é através das diferenças que isso se torna possível. Cada cultura possui diferentes formas de classificar o mundo, por meio dessas formas que o indivíduo dá sentido ao mundo social e constrói significados para seus posicionamentos e práticas.

É importante perceber que a cultura e a linguagem são extremamente importantes para a formação da identidade e da imagem de um determinado ator, nesse sentido, as posições que um determinado indivíduo assume e com as quais o mesmo se identifica é o que constitui a sua identidade.

1.8. Bourdieu: Teoria da Prática – configuração do espaço e da atividade política

A definição da imagem e da identidade do ator político é elemento fundamental desse trabalho, para tanto utilizaremos os estudos de Pierre Bourdieu (2002), concentrando-se sua teoria da prática, com os conceitos de campo, *habitus* e capital. O ator político só pode ser percebido na prática, na forma como o mesmo se coloca no mundo e para o mundo.

Sendo assim, os estudos de Bourdieu (2002) além de proporcionar a análise de elementos constitutivos da imagem e da identidade do indivíduo que faz parte do espaço político, também oferece subsídios para compreender a forma como o mesmo interioriza esses elementos e os exterioriza para o público.

Pierre Bourdieu (2002) parte de um esquema estruturalista no qual a estrutura é ao mesmo tempo estruturante, estruturada e recursiva enfatizando o par status/reconhecimento. Para tal análise Bourdieu propõe uma teoria da prática, pois segundo o autor é só através da prática que se pode entender a própria prática, teoria essa centrada na noção de *habitus* e de campo.

Para o autor, a teoria da prática evidencia uma dialética da interioridade e da exterioridade, o que significa dizer

da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade: as estruturas que são constitutivas de um tipo particular de meio ambiente e que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma das regularidades associadas a um meio ambiente socialmente estruturado produzem *habitus*, sistemas de disposições duradouras, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como tal, ou seja, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada serem o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas ao seu fim sem suporem a mira consciente dos fins e domínio expreso das operações necessárias para os atingir, e sendo tudo isto, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro de orquestra. (Bourdieu, 2002, p. 163/164)

O *habitus* produz práticas e estratégias que possibilitam um cálculo e também uma estimativa do que possa vir a acontecer, permitem então que o sujeito possa enfrentar situações imprevistas e também aquelas que são renovadas. É através das regularidades existentes que o indivíduo pode perceber quais são os comportamentos razoáveis e quais não são.

A prática é entendida como um produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*. O *habitus* é para Bourdieu um conjunto de disposições duradouras e transponíveis, que a partir das experiências passadas oferece através de transferências analógicas, uma matriz de percepções, de apreciações e de ações, possibilitando assim que o indivíduo possa executar tarefas diferenciadas.

A noção de *habitus* é de extrema importância para a teoria da prática proposta por Bourdieu (2002), já que este diz respeito a uma tendência a conformar e a orientar a ação, mas é importante pontuar que essa noção é um produto das relações sociais, pois cada agente além de reproduzir também produz sentido.

A questão central para Bourdieu (2002) é dar conta das disposições a serem praticadas, e é através da dialética da exterioridade/ interioridade que é possível entender que o indivíduo interioriza disposições e que depois as exterioriza de forma reelaborada. Nesse sentido que os atores interiorizam valores, normas e princípios sociais, o que leva a uma adequação das ações do sujeito em relação à realidade objetiva da sociedade. Tanto o mundo se projeta no homem como também o homem se projeta no mundo.

Porém é importante pontuar que a teoria da prática proposta por Bourdieu evidencia que apesar das ações sociais serem realizadas pelos indivíduos, elas só encontram chances de serem realizadas na própria estrutura objetiva da sociedade. A

ideia de *habitus* não se refere apenas à interiorização de normas e de valores, mas também abarca os sistemas de classificação que são preexistentes às representações sociais.

Os indivíduos através das suas posições presentes e passadas na estrutura social trazem marcas de posição social, estas ditas sobre a forma de *habitus* e também de hábito, representando assim as distâncias sociais existentes entre as posições objetivas. É através disso que o agente pode definir de que forma vai orientar a sua ação. O *habitus* para Bourdieu (2002) é um produto da história e ao mesmo tempo ao produzir práticas individuais e coletivas é a própria história, que está em conformidade com os esquemas engendrados por essa mesma história.

O *habitus* é apresentado tanto como social e também como individual, apesar de se referir a um grupo ou a uma classe, ele contém um elemento individualizante, pois quando o indivíduo interioriza, internaliza o mundo objetivo, o faz de forma subjetiva, porém esse processo está sempre relacionado com a posição social que o indivíduo ocupa. Nesse sentido, Bourdieu (2002) sublinha que os atores possuem estilos pessoais, que dizem respeito a uma “marca particular de que são portadores todos os produtos de um mesmo *habitus*, práticas ou obras, nunca é mais do que um desvio, ele próprio regulado e por vezes codificado por referência ao estilo próprio de uma época ou de uma classe” (Bourdieu, 2002, p.184).

Dentro da perspectiva teórica oferecida por Bourdieu (2002), a sociedade é formada por um conjunto diferente de campos, que são independentes entre si. E a incorporação do *habitus* só pode ser entendida dentro da sua relação com determinado campo. Os campos se configuram como espaços de possibilidades, nos quais os indivíduos se relacionam através de um sistema de coordenadas que guia a forma como os mesmos devem se comportar.

O campo é um espaço de lutas entre diferentes agentes que ocupam posições singulares e buscam a aquisição e manutenção de um capital específico. Nesse sentido,

em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (*situs*) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o

acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído do conjunto destes microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irreduzíveis às que regem os outros campos. Por exemplo, o campo, artístico, o campo religioso ou o campo econômico obedecem a lógicas diferentes. (BOURDIEU & WACQUANT, 1992 apud Bonnewitz, 2003, p. 60)

O espaço social se configura através de diferentes campos que atuam tanto como campo de forças, já que a necessidade é imposta aos indivíduos que estão inseridos em determinado campo tanto quanto como campo de lutas, já que dentro de cada campo existe um enfrentamento entre os indivíduos de acordo com a posição que ocupam.

Um campo se define, entre outras coisas, pela determinação dos seus objetos de disputa e dos interesses específicos presentes no interior do mesmo, que são específicos de cada campo distinto e que se configuram em um determinado tipo de capital. Possuem leis que devem ser conhecidas e reconhecidas para que a luta concorrencial dentro dos campos seja possível e para que o capital específico seja obtido e mantido.

O capital é específico porque está relacionado apenas ao campo do qual é proveniente e que a sua validade, na maioria dos casos, se restringe aos limites do campo. A conversão de uma espécie de capital em outra não é algo natural e simples, e só se realiza sob determinadas condições e de acordo com contextos específicos.

Por serem estruturas hierarquizadas, os campos determinam as posições dos indivíduos de acordo com a quantidade de capital que cada um possui dentro do campo. Nesse sentido, as relações estabelecidas no interior dos campos são fundamentalmente relações de poder, que se configuram através do acúmulo de capital simbólico dos seus membros, o que possibilita a imposição de uns sobre outros.

Para Bourdieu (2002) a sociedade tende a reproduzir as desigualdades sociais, os indivíduos se baseiam no interesse em reproduzir a sua posição em determinado campo, por isso a influência familiar e da sociedade tem peso, para manter a distinção social adquirida ou a tentativa de consegui-la e assim adquirir um status correspondente ao campo que esse indivíduo ocupa. Volta-se aqui a ideia de que é a diferença que marca a identidade e o posicionamento dos indivíduos no mundo social do qual faz parte.

As necessidades dos atores é outra questão importante na análise de Bourdieu. Nesse sentido o autor a explica através da concepção de campo, já que a mesma diz respeito ao local onde uma luta concorrencial entre os atores se estabelece, luta essa que se dá em torno de interesses específicos e que estão relacionados com a área em que se inserem. É nesse espaço que a prática se realiza, e também as relações de poder, pois se estrutura a partir de uma distribuição desigual de capital social, que determina posição dos agentes dentro do campo.

Os agentes se orientam através da sua posição no campo, no sentido de investimento e acumulação de um determinado capital. As disposições de um determinado campo estão situadas em dois polos distintos: os dominantes e os dominados, e é nesse sentido que se estabelece o processo de legitimação dos bens simbólicos. Nota-se então que existe uma relação de poder e de dominação estabelecida dentro dos campos. É nesse contexto que se insere a questão dos capitais.

A posição que os atores ocupam em determinado campo está relacionada com um maior ou um menor poder que detém e que por sua vez confere maior ou menor legitimidade às ideias, valores e posições defendidas e sustentadas pelos grupos dentro de um determinado campo. O capital é então algo que possibilita diferenciações no interior de cada campo e que pode ser acumulado. Nesse sentido o capital é entendido como instrumento de poder, instrumento esse que define as probabilidades de proveito dentro de um determinado campo.

Dentro dessa discussão é necessário salientar a importância que Bourdieu destina à questão do capital cultural e simbólico. Nesse sentido, o autor pontua que não há uma conversão direta entre capital econômico em capital simbólico ou cultural, o que existe é uma conexão entre educação e bens simbólicos, que são bens de significação. Assim,

O capital simbólico é uma propriedade qualquer – força física, riqueza, valor guerreiro – que, percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e avaliação que lhes permitem percebê-la, conhecê-la e reconhecê-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma verdadeira força mágica: uma propriedade que, por responder às ‘expectativas coletivas’, socialmente constituídas, em relação às crenças, exerce uma espécie de ação à distância, sem contato físico. (Bourdieu, 1996, p.170).

Ao permitir a construção de significados os recursos são estruturantes das intenções, porém é importante salientar que esse mesmo recurso é estruturado, subsidiado por outras práticas. O que importa, no entanto é como ter acesso a esses recursos e como manipulá-los nas trajetórias de vida diferenciadas. A distribuição desses recursos é feita de forma desigual no espaço social, o que promove níveis desiguais de acumulação dos diferentes tipos de capital.

Para os propósitos do trabalho é importante delimitar que a análise será circunscrita ao campo político, campo este que deve ser entendido como

Lugar em que se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de ‘consumidores’, devem escolher, como probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção. (Bourdieu, 1989, p.164).

Para que um indivíduo possa fazer parte do campo político é necessário que o mesmo possua tanto uma linguagem específica do campo, configurada através do *habitus* político, bem como da aquisição de um capital relacionado a esse mesmo campo. O indivíduo deve ter em seu repertório uma gramática que configura a especificidade do campo político. Essa gramática engloba não só saberes específicos ao campo, mas também capacidades necessárias para que a sua atuação seja legitimada.

Dentro desse campo é deliberado um diferente tipo de capital, o capital político, que possui uma existência simbólica e que determina a forma como os atores desse campo se posicionam. O capital político é materializado através da crença e do reconhecimento, pois “o homem político retira sua força política da confiança que um grupo põe nele” (BOURDIEU, 1989, p.188).

O campo político, além de requerer um capital específico, também determina um *habitus* específico, através do qual os políticos se orientam em suas ações, comportamentos e percepções, e que proporciona sentido e significado às práticas desses atores. Bourdieu (1989) propõe uma classificação dos tipos de capital político, estabelecendo três tipos distintos, a saber: o *capital delegado*; o *capital convertido* e o *capital heroico*.

Dentro dessa classificação, define o *capital delegado* “como o do sacerdote, do professor e, mais geralmente, do *funcionário*, produto da transferência limitada e

provisória (apesar de renovável, por vezes vitaliciamente) de um capital detido e controlado pela instituição e só por ela: é o partido que, por meio da ação de seus quadros e dos seus militantes, acumulou no decurso da história um capital simbólico de *reconhecimento e de fidelidade*” (BOURDIEU, 1989, p.191).

O *capital convertido* “é produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros domínios e, em particular em profissões que, como as profissões liberais, permitem tempo livre e supõe um certo capital cultural” (BOURDIEU, 1989, p.191). É configurado em capital pessoal, algo que traz notoriedade, reconhecimento e popularidade.

Por fim o *capital heroico* pode ser definido como um subtipo do *capital convertido*. Ou seja, se esse último

é uma espécie de capital pessoal de *notável*, produto de uma acumulação lenta e contínua, a qual leva em geral toda uma vida, o capital pessoal a que se pode chamar de *heroico* e profético e no qual pensa Max Weber quando fala de ‘carisma’, é produto de uma ação inaugural, realizada em situação de crise. (BOURDIEU, 1989, p.191)

Essa classificação proposta por Bourdieu é teórica, uma classificação que pode ser definida como tipos ideais, na prática, esses tipos de capital não se encontram em sua forma pura, o capital político se configura então através da relação entre eles. É através da crença e do reconhecimento que o político conquista e perpetua o capital que possui.

O acúmulo de capital político proporciona a possibilidade de obtenção de credibilidade, no sentido de que os eleitores delegam aos seus representantes o direito de falar por eles, o direito de representa-los e de assim, se tornarem porta-vozes dos interesses do público. Há, dessa forma, uma concorrência dentro do campo político para a tomada de posição, na qual se configura um jogo de oposições e também de distinções entre seus membros.

É importante perceber que para que o ator se posicione em um contexto de política expectadorizada e defina assim sua identidade e sua imagem, tanto elementos subjetivos quanto elementos objetivos são essenciais. É preciso compreender como se configura o espaço no qual esse indivíduo está inserido, reconhecer as práticas presentes no interior do mesmo, quais são as linguagem utilizadas, os requisitos necessários para fazer parte desse espaço, as relações de poder existentes, os sistemas de classificação

utilizados. A prática política de imagem e de espetáculo deve ser entendida dentro de uma análise que privilegie não só o indivíduo que encena que representa papéis, mas também considerando a platéia que os “assiste”, o cenário no qual essa prática é encenada, levando em consideração a forma como o mesmo é constituído.

Como ficou evidente a partir da análise feita ao longo dessa discussão, a representação do ator político é parte constitutiva do poder, atuando como elemento fundamental para a construção do imaginário dos indivíduos e como recurso fundante para as suas percepções e opiniões acerca da realidade política.

CAPÍTULO SEGUNDO: “MAIS DO QUE UMA FICHA LIMPA, EU TENHO UMA VIDA LIMPA”: A CONSTRUÇÃO PESSOAL E POLÍTICA DE CÁSSIO RODRIGUES DA CUNHA LIMA

Cássio Rodrigues da Cunha Lima nasceu em Campina Grande no dia 05 de abril de 1963. É filho do também político Ronaldo José da Cunha Lima e de Maria da Glória Rodrigues Cunha Lima. É um dos expoentes políticos mais fortes do estado da Paraíba e sua trajetória política é iniciada em 1986, ao ser eleito Deputado Federal. Porém, para que possamos entender melhor toda a sua carreira política e a forma como sua imagem pública é formada é importante traçar um panorama da sua construção pessoal e política.

2.1. “De repente perdi o meu quintal”: o menino Cássio e sua infância

Cássio nasce em uma família que já está inserida no cenário político paraibano, filho de Ronaldo Cunha Lima e sobrinho de Ivandro Cunha Lima, e já na infância constrói suas primeiras percepções e lembranças em relação à atividade política. Permeada por diferentes sentimentos essa construção se faz no dia-a-dia do menino, nas brincadeiras em casa, nas mudanças de domicílio, nos primeiros anos de colégio.

Nascido em Campina Grande no dia cinco de Abril de 1963, Cássio deu seus primeiros passos e vivenciou suas primeiras lembranças na Rua Solón de Lucena, em “uma cidade tranquila, uma cidade pacata”, como o mesmo relata. Foi ali que fez os primeiros amigos, que frequentou a primeira escola e que surgiram as primeiras brincadeiras.

Era na casa da vó que o Cássio menino transformava o terreno em um imenso campo de futebol: “hoje eu vou naquele terreno vejo como, o quanto era pequeno, mas na época era enorme, eu jogava como se fosse no Maracanã”. Entre o terreno, a ida preguiçosa para a escola, as brincadeiras em casa com os irmãos, Cássio relata uma infância feliz em Campina Grande.

Além das primeiras amizades, primeiras brincadeiras, é também nessa época que surgem as primeiras lições de caridade, que posteriormente se transformam em uma marca na atuação política de Cássio: a preocupação com as necessidades das pessoas. Cássio relata que em sua infância acompanhava a forma como a sua avó paterna, Dona

Nenzinha, tratava as pessoas que procuravam ajuda em sua casa, e que essa é uma lição que levou para o resto da sua vida:

Eu nunca vi, por exemplo, naquela época, alguém precisando de um auxílio, bater à porta dela e não ser acolhido. Seja com um pão ou uma banana, isso era possível dar, pessoas que iam diariamente comer na casa da minha vó, pessoas que iam pegar comida lá. Então esse senso de caridade, de solidariedade, foi constante na minha vida, todos os dias eu via essas cenas.

É importante pontuar que o interesse pela política já surge na infância, através das brincadeiras de ser prefeito, fazendo eleições simuladas em casa, de montar e gerenciar cidades no quintal de casa, como o próprio Cássio relatou em uma das entrevistas realizadas durante a pesquisa:

Olha, na infância, brincar de ser prefeito como meu pai fazia. Meu pai, meu pai já brincava de ser prefeito quando criança, fazia eleição, então isso ele levou pra gente. A gente fazia eleições simuladas lá em casa, tinha sempre aqueles brinquedos pequenos de montar, você fazia a sua pequena cidade, de você fazer esse gerenciamento da comunidade.

É essa mesma política vista de forma ingênua e vivida através de brincadeiras que se transforma no primeiro trauma de Cássio. O dia da cassação do seu pai, Ronaldo Cunha Lima, é relatado como uma lembrança forte, cheia de detalhes, que representa a primeira grande perda do então menino. Quando a “Voz do Brasil” anuncia a cassação de Ronaldo a política se transforma, para Cássio, em uma lembrança traumática:

Ele estava em uma rede, ouvido a “Voz do Brasil” em um rádio grande, aqueles rádios antigos, que era onde se anunciava a relação dos cassados, e ele ficava sempre naquela expectativa de poder ser cassado porque ele era da oposição à ditadura, e eu tava, meu pai deitado na rede e eu com meu irmão mais velho, Ronaldo Cunha Lima Filho, Ronaldo Filho, brincando como qualquer criança brinca, um subia no espelho da cama e pulava na barriga do outro, aí o outro ia, subia e pulava. Então nós estávamos nessa brincadeira um pulando em cima do outro, quando a “Voz do Brasil” anuncia a cassação do meu pai. E houve ali naquele instante um tumulto muito grande em casa e de repente perdi meu quintal. De repente eu com cinco anos não entendia bem, tive que ir pra São Paulo. Meus amigos ficaram, eu não entendia porque aquilo, né, o quintal onde eu brincava, onde eu jogava bola, me foi tirado e aquilo me traumatizou muito.

Por conta da ditadura militar e da cassação do mandato de prefeito de seu pai Ronaldo, a família de Cássio se muda em 1969 para São Paulo, cidade esta que os abrigou por dois anos. Posteriormente fixam domicílio no Rio de Janeiro, na qual permanecem até 1982.

Ronaldo Cunha Lima tinha sido eleito prefeito de Campina Grande em 1968, sendo empossado em janeiro de 1969 e por força de um dispositivo institucional AI-5 teve os seus direitos políticos cassados em março de 1969.

Em São Paulo Cássio relata um tempo de difícil adaptação, tempo esse marcado por problemas no colégio em relação ao seu sotaque paraibano e dificuldades financeiras. Era em casa que Cássio se sentia seguro, abrigado e onde brincava com seus irmãos:

Chegar em São Paulo, uma cidade gigantesca, grande, eu enfrentei o primeiro problema, na verdade hoje eu descobri, só hoje eu descobri que eu sofri bullying, agora que se fala de bullying, eu fui vítima de bullying por causa do meu sotaque. Ao chegar em São Paulo, no colégio, enfrentei problemas enormes por conta do sotaque, não consegui me adaptar bem e foi uma época de muito sofrimento. Quando eu chegava em casa era um alívio, era uma coisa como se eu tivesse tirando o universo de suas costas.

Já no Rio de Janeiro a adaptação foi mais fácil e natural, o sotaque paraibano se transformou em um fator de agregação o que tornou a convivência na nova cidade mais tranquila e agradável.

Durante o tempo que fixou moradia no Rio, Cássio não perdeu o contato com a Paraíba, eram constantes as visitas do povo de sua terra natal. Durante essas visitas Cássio tinha a função de receber as pessoas e apresentar a cidade para elas:

o nosso apartamento era uma verdadeira embaixada da Paraíba. As pessoas chegavam lá e sabiam que tinham um porto seguro. Estudantes de medicina vinham fazer as suas residências médicas lá, frequentavam regularmente a casa do meu pai. E, eu era o cicerone oficial das comitivas que vinham da Paraíba, eu brincava naquela de dizer que quando o Cristo Redentor me via, dizia “Ô Cássio, já tá por aqui de novo?”, porque eu era obrigado a levar as pessoas, meu pai dizia: “olhe, fulano tá chegando, você vai levar no Cristo, você vai levar no Pão de Açúcar, você vai levar em tal canto”

As viagens de férias para a Paraíba também garantiam que não fosse perdido o contato com as raízes paraibanas. Durante as férias Cássio retomava as brincadeiras

com os primos, com seus amigos que ficaram em Campina e convivia com o restante da família. Além de possibilitar o reencontro com a família e amigos, as viagens para Campina Grande também serviam como forma de acompanhar o pai em alguns eventos, o que gerava admiração no menino Cássio e exemplos para o seu futuro como homem público:

Quando as minhas atividades no colégio permitiam, sobretudo férias ou um feriado mais prolongado, eu vinha com ele e eu o acompanhava nas visitas que ele fazia aqui em Campina, nas visitas que ele fazia no interior do estado, ele era convidado muitas e muitas vezes para fazer palestras, ele foi chamado para ser paraninfo de turmas concluintes incontáveis vezes. E sempre que eu podia eu o acompanhava, eu era, digamos, o assessor dele, o carregador de pasta, né, digamos assim. Então ficava caladinho, na minha, mas ouvindo, ouvindo, observando, aprendendo, de certa forma, e foi uma grande escola pra mim aquele período dessa convivência com ele.

Percebemos que apesar da distância os laços com a Paraíba não foram desfeitos, a família fazia questão de passar as férias em Campina Grande e alimentar não só a relação com os parentes e amigos, mas também com o próprio estado, principalmente com Campina Grande, fato esse que favorece a ligação de Cássio com a cidade, que ao longo de sua trajetória se torna um componente marcante para a sua atuação política.

Apesar do trauma da mudança, das dificuldades enfrentadas, dos problemas de adaptação, a infância é relatada como uma época feliz na qual a família representa o espaço de amor, aconchego e carinho.

2.2 “O meu envolvimento com política começa dessa época, já no movimento estudantil”: a adolescência e os primeiros passos na política.

A adolescência foi marcada pelos seus estudos no Colégio São Vicente de Paulo¹, reduto do pensamento esquerdista no Rio de Janeiro, que proporcionou ao jovem Cássio a possibilidade de se inserir em um ambiente que reforçasse a atmosfera democrática, que segundo o mesmo, que era defendida dentro de sua casa. Durante

¹ O Colégio São Vicente de Paulo é uma instituição de ensino católica e funciona desde 30 de março de 1959. Abrange o Ensino Fundamental e Ensino Médio, além da Educação de Jovens e Adultos. Funciona no bairro do Cosme Velho, Rio de Janeiro.

esses anos atuou de forma intensa no grêmio escolar, promovendo eventos e participando de discussões a respeito da realidade brasileira.

Era época de ditadura militar e o São Vicente se configurava como um ponto de resistência ao governo militar e possuía uma filosofia de liberdade com responsabilidade². Foi nesse período que Cássio começa a ter mais envolvimento com as pessoas, com a organização de eventos na escola, a participação na campanha e manifestações em defesa da anistia:

Então era uma fase difícil no Brasil, ditadura militar e a minha, o meu envolvimento com política começa dessa época, já no movimento estudantil. Eu fui, não apenas, escolhido representante de turma, como depois participei do grêmio no colégio. Eu era do departamento de esportes do grêmio, eu organizava sozinho os campeonatos de futebol, de vôlei, de basquete, de futebol de salão, de xadrez, de judô. Eu chegava no colégio seis e meia, quinze pras sete, ficava até quase oito, nove horas da noite. Foi um período em que eu comecei a ter desenvolvimento com pessoas, com gente, na organização dos campeonatos todos, do colégio, que era um colégio grande, ainda hoje é um colégio muito grande no Rio, que é o São Vicente de Paulo, que tem uma presença muito firme, muito importante na minha formação como cidadão, como homem público hoje. O São Vicente é um capítulo muito marcante da minha vida, não só na minha como na de todas as pessoas que por ali passaram, é um colégio que, naquela época, tinha uma filosofia de liberdade com responsabilidade, sempre foi um ponto de resistência à ditadura militar, então me envolvi diretamente na campanha pela anistia, fazíamos aquelas manifestações gigantescas na Cinelândia em defesa da anistia ampla, geral e irrestrita, era né, o mote da campanha da anistia.

Mas era dentro de casa que a política se fazia mais presente, onde Cássio e os irmãos cresceram ouvindo as histórias de política que o pai contava. Eram histórias da política paraibana, da política brasileira, da política do cotidiano, Ronaldo fazia questão nos momentos que estava reunido em família, nos almoços dominicais, quando recebia visitas em casa, de contar causos, de relembrar momentos e assim a política entrava de forma natural na vida dos Cunha Lima.

² Identifica-se pelo lema “Formar agentes de transformação social”. Contemporâneo de um Brasil em profundas transformações, pois foi inaugurado ao fim do governo Juscelino Kubitschek, veio a assumir uma posição de vanguarda, fazendo resistência ao clima de autoritarismo que envolveu o país a partir de 1964. O contrapeso ao autoritarismo viria do rumo comunitário que o colégio foi tomando, com portas abertas para a participação ativa e professores e alunos, estimulando lideranças e relações dialogais. O colégio tem seguido estas direções, entendendo que educação libertadora é a educação que anima o educando a ter consciência de si mesmo e dos circunstâncias, para que ele próprio determine, em seu estar em sociedade, as dimensões entre liberdade e responsabilidade social.

A noite sim, nos encontrávamos à mesa. E aí era o momento do encontro, do bate papo, de contar como é que foi o dia. E ele contava muitas histórias, meu pai sempre foi um exímio contador de causos, então ele contava histórias aqui de Campina, ele contava histórias da Paraíba, do Brasil, e sempre também com um componente de política. Então nós todos, meus irmãos, eu, nós crescemos ouvindo essas histórias da política, de discursos que ele fazia, de versos que ele fez, né, de piadas, de tiradas, de presença de espírito, que ele sempre teve. E quando chegava amigos, também, meu pai sempre foi um, um, um, um extraordinário “Show man”, ele chegava em uma roda, pra ele passar uma noite inteira falando e as pessoas ouvindo, porque ele falava com tanta, tanto entusiasmo, como tanto carisma, que eu já vi essa cena, de começar uma, um bate papo 8 horas da noite, digamos, e durar até meia noite, uma hora da manhã, só o meu pai falando e as pessoas rindo, as pessoas se divertindo, porque ele emendava uma história na outra, uma história na outra, emendava uma história na outra, o tempo não passava, e era um deleite poder ouvir aquilo. E eu ficava sempre peruando, eu ficava sempre ali na rodazinha, ouvindo, né, tanto é que, dos causos que eu conto hoje, posso dizer que 90 por cento eu ouvi do meu pai quando eu era criança, né.

Dos filhos Cássio era o que mais tinha interesse em conversar com o pai sobre a política, os acontecimentos passados, os recortes de jornais sobre a política paraibana, que o pai recebia de um amigo durante os anos de exílio. E sempre acompanhando o pai nos momentos em que podia, como uma espécie de “assessor”, observando e aprendendo. Como já foi exposto anteriormente, a cassação do pai é um elemento traumático em sua concepção de política, outra afirmação que o mesmo relatou em outro trecho das entrevistas,

na infância a política entra, em um primeiro momento, de uma maneira muito traumática, que foi na cassação do meu pai. Quer dizer, eu tinha cinco anos de idade, geralmente as pessoas não se lembram de episódios com cinco anos, mas esse episódio tá marcado na minha, minha lembrança, foi exatamente o dia em que meu pai foi cassado.

Mas com o passar dos anos essa primeira impressão, esse primeiro trauma foram sendo substituídos por um sentimento de interesse e de curiosidade. Aliado ao seu envolvimento no grêmio e nas atividades políticas da escola, Cássio também começou a ter uma ligação maior com os passos políticos do pai.

Com a reabertura política começa-se a vislumbrar a possibilidade da volta de Ronaldo Cunha Lima para Campina Grande, esse é um momento decisivo na vida de Cássio, pois dentro de casa foi o único a opinar favoravelmente pela volta do pai, fato esse que gerou uma maior aproximação entre os dois:

Quando se vislumbrou a possibilidade da volta do poeta, esse era um tema constante lá em casa: volta ou não volta, o que é que vamos fazer?; que é uma decisão, você tem uma bifurcação no seu destino e a decisão que fosse tomada ali era decisiva pra o que viria pro futuro. E tinha dois caminhos: ficar no Rio advogando, com uma banca de advogados bem sucedida, uma vida de classe média, classe média alta, digamos assim, morando num bom bairro, morávamos no Leblon, estudávamos em um bom colégio, tínhamos uma vida confortável, né, não era uma vida opulente, mas era uma vida confortável, fruto da advocacia do meu pai. Então a minha opinião foi decisiva pra estimulá-lo, e ele contou isso a vida inteira, né, ‘Cássio foi o único que opinou’, porque eu dizia: ‘ó, você vai ficar incompleto, você vai ficar frustrado.’

É preciso lembrar que Ronaldo não rompe com Campina Grande, mesmo na época de exílio, ele continua a atuar nos bastidores, até que são criadas condições favoráveis para o seu retorno a cidade como candidato a prefeito em 1982. Cássio relata que um evento cotidiano comum na época em que o pai estava afastado de Campina Grande era a leitura de jornais e publicações da cidade:

Mas eu me lembro que ele tinha um prazer enorme, enorme, quando chegava um envelope pardo pelo correio, naquela época não tinha internet, até, telefone você já tinha com, com melhor qualidade, mas o nível de comunicação completamente diferente de hoje. Então ele recebia num papel, num envelope pardo grande, os recortes dos jornais daqui de Campina: do “Diário da Borborema”, da “Gazeta do Sertão” e depois do “Jornal da Paraíba”. Mas eu acho que era só o “Diário da Borborema” e a “Gazeta do Sertão”, Mário Araújo, que tinha o cuidado, a amizade e o zelo de recortar as notícias políticas, juntava os jornais da semana e mandava pra ele. Aí ele ficava se deliciando na cama, vendo aqueles jornais, eu ficava do lado, sentado no chão, acompanhando e comentando com ele.

Com a volta do pai à Campina Grande, em 1982, Cássio pode participar de forma ativa na política quando Ronaldo Cunha Lima se candidata à prefeitura da cidade. Nesse momento Cássio passou a atuar intensamente na campanha do pai se tornando parte da equipe e trabalhando em boa parte dos elementos que a configuram, na sua visão se “comportava quase que como um candidato e como coordenador de campanha”.



Figura 1 Cássio e seu pai Ronaldo

Com a eleição de Ronaldo, Cássio passa a trabalhar com assessor na prefeitura e sua função era atender o público, fazer uma ponte entre os cidadãos e o prefeito. Ficava a cargo de Cássio o atendimento personalizado daquelas pessoas que precisavam da assistência social da prefeitura. Essa função proporcionou maior contato com o público, com a população, possibilitando uma ligação que, segundo Cássio, ainda se vislumbra até os dias atuais.

Ainda nessa época foi diretor do Centro Acadêmico de Direito da UFPB e presidente do centro acadêmico de Direito Sobral Pinto da UEPB.

2.3. “Eu parado estava, parado fiquei, foi de certa forma um choque”: A entrada de Cássio Cunha Lima na política.

Mesmo tendo uma participação na política, na acepção mais ampla da palavra, desde muito cedo, a entrada de Cássio na política partidária, propriamente dita, ocorreu em 1986. Cássio conta que o mundo da política o foi apresentado pelo seu pai, mas a sua entrada no mesmo se deu através de Raymundo Asfora³.

³ Raymundo Asfora, natural de Fortaleza, chegou a Campina Grande aos 12 anos de idade, no ano de 1942 em companhia dos pais libaneses. Aos 17 anos já militava no Grêmio Estudantil Campinense. Aos 18 anos ingressou na Faculdade de Direito de Recife (PE). Em 1952 voltou para a Rainha da Borborema, onde assumiu a Secretaria de Serviço Social na gestão do então prefeito Severino Cabral. Depois, foi eleito vereador e deputado estadual. Anos depois assumiu, como suplente, mandato na Câmara Federal, para onde voltaria em 1982. Compondo a chapa majoritária, em 1976, elege-se vice-prefeito de Campina ao lado de Enivaldo Ribeiro, cumprindo mandato de 1977 a 1982. No ano de 1986, durante a escolha da

Cássio relata esse episódio como inusitado e surpreendente, no qual Asfora o indica como Deputado Federal sem o consultar e sem consultar seu pai Ronaldo:

Asfora aceita ser candidato a vice-governador, portanto anuncia publicamente que vai ser candidato a vice-governador, e a repórter pergunta quem ficaria na vaga dele de Deputado Federal e a frase literal que ele usou foi a seguinte 'numa homenagem as novas e futuras gerações, eu lanço o acadêmico de direito, na época eu era estudante, Cássio Cunha Lima como candidato a Deputado Federal'. Eu parado estava, parado fiquei, foi de certa forma um choque porque Asfora não combinou comigo, não combinou com o meu pai, e foi assim que entrei na política.

Passado o primeiro momento de susto e de surpresa, Cássio pede um tempo pra pensar e consultar seus familiares e amigos mais próximos, passados alguns dias, percebendo a adesão, o estímulo e o apoio dessas pessoas, aceita a indicação para entrar na disputa eleitoral daquele ano de 1986.

Cássio se lança com o slogan "Um novo caminho", explorando os componentes de juventude e jovialidade do então candidato de 23 anos. Mesmo sem o apoio da maioria dos prefeitos da época (Cássio relata que dos 171 municípios paraibanos existentes na época, possuía apoio só de Campina Grande, onde seu pai era prefeito, e de Solânea), a adesão popular era grande, gerando uma votação expressiva na qual Cássio foi eleito Deputado Constituinte com 93.236 votos.

o nível de adesão foi muito grande, e o que mais me surpreendeu foi o fato de eu não ter tido apoio de lideranças formais, porque geralmente quando você é candidato à Deputado Estadual ou à Deputado Federal, você procura sempre ter apoio de prefeitos. Prefeito da cidade tal, prefeito da cidade qual, que lhe apoia e que com isso termina transferindo um número de votos importantes. Então naquela época eram 171 cidades e em 171 cidades eu só tinha o apoio do meu pai aqui em Campina, obviamente, e do então prefeito de Solânea, que hoje é Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, Arnóbio Viana. Nenhum outro prefeito votava comigo e mesmo assim eu consegui uma votação extremamente expressiva, foram 93 mil votos naquela época, fiquei em segundo lugar no estado, perdendo apenas pra Mariz que teve 103 mil votos. Então foi uma campanha muito bonita, de uma adesão extraordinária, e a decisão, depois do lançamento de Asfora, veio relativamente rápida porque de fato eu percebi que havia uma aprovação ao meu nome e que se confirmou inclusive no resultado da eleição. Porque naquela época para Deputado Federal só aqui em Campina foram 40 mil votos, em números redondos, que era uma votação muito expressiva considerando o eleitorado daquela época.

chapa que disputaria as eleições daquele ano, aceitou a indicação do seu nome para vice-governador na chapa de Burity.

É pertinente pontuar a importância do apoio do seu pai para o sucesso nessa primeira eleição que Cássio participou. Apesar do pouco apoio encontrado nas outras prefeituras, a força política do pai proporcionou uma grande adesão da população campinense, que gerou um enorme contingente de votos. Percebemos que a relação com Campina Grande sempre foi definidora para os passos políticos de Cássio, já que foi através dos passos do pai, da força, da liderança e da ligação do mesmo com a cidade que Cássio recebeu um apoio que definiu o resultado encontrado nas urnas.

Apesar do apoio do pai Cássio sofria certa rejeição do eleitorado e de seus adversários por conta da sua pouca idade:

A grande acusação que eu recebi é que eu era muito jovem, né, e que por consequência, pela minha juventude, pela idade eu não tinha condições de ser um Deputado Constituinte, então eu comecei a dizer o seguinte: “que se as pessoas que apontavam a minha idade como o meu principal defeito, essas pessoas ficassem tranquilas porque era um defeito que eu corrigia a cada dia”, né, você a cada dia vai envelhecendo, vai ficando mais velho, se esse é o meu defeito, de ser jovem, é um defeito que eu corrijo a cada dia, a cada dia eu vou ganhar mais experiência, a cada dia eu vou tá aprendendo mais.

A pouca idade, que foi fator de combate dos seus adversários na disputa eleitoral, se transformou em um fator agregador na Assembleia Constituinte. A juventude de Cássio gerava um componente de curiosidade que favorecia a possibilidade do mesmo de transitar nos mais diversos segmentos da Constituinte. Essa curiosidade fica evidente quando Cássio relata o seu primeiro discurso no Plenário:

No meu primeiro pronunciamento no plenário da Câmara, seja Câmara ou Congresso, quando tá funcionando como Congresso, poucas pessoas ficam atentos os discursos. As pessoas tão falando na tribuna, um grupo menor de parlamentares ouve o que tá sendo dito e o resto fica ali conversando, tratando de outros assuntos. Pela pouca idade que eu tinha, quando eu subi à tribuna, o plenário simplesmente calou, silêncio absoluto, eu digo “pronto, agora eu me lasquei”, né, porque ficou todo mundo curioso, o que é que esse menino vai dizer? Porque eu tinha uma cara realmente muito, muito jovem e graças a Deus consultei Fernando Henrique. Então eu sentei do lado de Fernando Henrique e o consultei sobre o primeiro discurso, era o discurso do chamado “pinga fogo”, que é um discurso mais curto, de cinco minutos. Aí eu digo: “Senador, tô pensando em dizer isso, isso, isso”, na verdade eu tava querendo dizer o quanto o Brasil estava atrasado na sua organização como Estado e como sociedade, porque enquanto outros países estavam discutindo seus problemas do dia a

dia, nós estávamos ali no final do século XX, tratando da nossa Constituição, que é o diploma básico da organização de um Estado. Ele disse: “eu acho um bom discurso, fale por aí que é interessante o que você tá querendo abordar”. Foi essa linha que construí, numa fala de improviso, o plenário calou, me ouviu, recebi muitos cumprimentos depois. Então terminou construindo uma boa imagem, foi interessante, né, esse diferencial da juventude, da pouca idade, e no andamento da Constituinte.

Em sua participação na Assembleia Constituinte Cássio aprovou projetos importantes e de abrangência nacional. Foi autor do dispositivo que possibilita a gratuidade para os maiores de 65 anos em ônibus coletivos; também da ação que equiparou o salário do aposentado da zona rural ao aposentado da zona urbana; da lei que baixou o tempo de aposentadoria para o homem e a mulher da zona rural de 65 para 60 anos e de 60 para 55 anos, respectivamente. Coautor da lei que possibilitou o voto aos 16 anos. As suas matérias aprovadas são um legado que Cássio considera extremamente importante para a sua carreira política, sua imagem pública e também como fator diferenciador em suas disputas eleitorais:

Milhões de pessoas foram contempladas com, por exemplo, a garantia do pagamento do salário mínimo, e isso ainda hoje me dá um bom feedback porque até aquela época o trabalhador rural só recebia meio salário mínimo de aposentadoria, e aí foi graças a uma iniciativa minha que eu garanti no texto da Constituição que nenhum aposentado pode receber menos que um salário mínimo. Então foram milhões de trabalhadores pelo Brasil a fora. Maílson da Nóbrega, que foi Ministro da Fazenda, ele disse que eu quebrei o Brasil, onde eu o encontro por aí, “esse rapaz quebrou o Brasil”; porque aquilo, os trabalhadores rurais não contribuía pra previdência e passaram a receber. Então eles passaram a ter um benefício sem uma contribuição que lastreasse isso. Se quebrou o não o Brasil, não acredito, mas que foi uma medida de justiça social enorme, sim, e que ainda hoje tem impacto positivo. O acesso gratuito dos idosos aos ônibus foi outra iniciativa minha; voto aos 16 anos fui coautor. Aí comecei a ter algumas coisas mais destacadas que foram aprovadas e que me fizeram receber o diploma do DIAP como, era um diploma que o DIAP deu aos Constituintes, que era “palavra de honra”, que eram os deputados e senadores que tinham tido bom desempenho na Constituinte. Pra minha alegria recebi esse diploma.

Durante a Constituinte Cássio foi membro das Comissões de Educação; Ciência e Tecnologia; Família, Menor e Idoso; e atuou também como vice-líder da bancada do PMDB por indicação de Mário Covas, fato esse que favoreceu a sua visibilidade em nível nacional. Em um relato extenso Cássio explica como conseguiu essa posição durante a Assembleia Constituinte:

Eu consegui um espaço, nesse período, muito importante graças a Mário Covas, porque apesar do primeiro mandato, apesar da pouca idade eu fui vice-líder na Constituinte. Posso te contar essa história? Porque eu acho que é importante pra essa formação toda. Quando eu cheguei lá, lá na Câmara, a primeira eleição, acho que você conhece bem o funcionamento, né? Câmara, Senado e a Assembleia Constituinte que é a soma dos dois, que é hoje o Congresso Nacional; muito bem, então antes da instalação da Constituinte teve a eleição para a liderança da Câmara, então era a escolha do líder da Câmara. A nossa bancada, que dos doze deputados, o PMDB naquela época tinha oito deputados, era uma bancada muito expressiva. E a bancada tinha se reunido e optou em votar em Luís Henrique, que é hoje senador, foi governador de Santa Catarina, foi ministro, etc; acontece que eu já havia assumido um compromisso com o deputado de São Paulo, João Herrmann. Meu pai era prefeito fez um seminário aqui sobre democracia direta, era “Município, Participação e Cidadania”, na verdade foi o grande embrião de orçamento democrático, foi meu pai que fez aqui em Campina, como esse seminário sobre participação direta, democracia direta e não só a representativa; nesse seminário figuras ilustres como Benedita da Silva tiveram, João Herrmann; e depois da palestra de João Herrmann nós fomos aqui no CAVE, ficamos tomando ali uma cerveja, tal. Resultado, dois dias depois da eleição, João Herrmann me liga: “Cássio, fui eleito Deputado Federal por São Paulo, você tá eleito aí na Paraíba, parabéns, sou candidato a líder e quero seu voto”; eu era muito inexperiente, hoje eu não teria dito “conte com meu voto”, eu digo: “ó vamos analisar, vou conversar com a bancada, vou defender seu nome, mas não posso me comprometer, blábláblá”. Eu era muito inocente, muito inexperiente, e na hora que ele me telefonou, como ele me pediu, e eu tinha conhecido ele aqui, que era uma boa figura, digo: “conte comigo, tem o meu voto”, então empenhei minha palavra pra João Herrmann. Quando chegou na reunião da bancada, a bancada inteira votou e decidiu apoiar Luís Henrique; e a tradição é a seguinte: quando a bancada decide, o voto vencido acompanha a maioria, assim que funciona. Eu disse: “olha, não posso votar em Luís Henrique porque eu prometi meu voto pra João Herrmann”. Consultei novamente meu pai e meu pai disse: “mantenha sua palavra, você já não prometeu ao homem? Cumpra seu compromisso”. Resultado: votei na contramão da bancada em João Herrmann; João Herrmann perdeu a liderança e quem ganhou foi Luís Henrique. Na hora de compor as comissões, porque aí o líder que indica as comissões, eu queria ir pra comissão de educação, aí Mariz disse: “Cássio, você não conhece bem a regra daqui, você é muito novo, mas eu vou lhe dizer como é que funciona; aqui quem perde a liderança, e você perdeu, vai pra comissão que sobrar, a comissão que sobrar, se sobrar a comissão de esporte é pra onde você vai, você não tem direito de escolher a comissão; nós vamos escolher pra onde nós queremos, porque somos vitoriosos e o que sobrar você, você vai pra lá.”. Outro detalhe importante, a história é longa mas ela é significativa, João Herrmann perdeu e no segundo turno, a eleição foi em 2 turnos, ele apoiou Luís Henrique, e me disse que dentro do acordo que fez para apoiar Luís Henrique, ele, João Herrmann teria o direito de indicar 2 vice-líderes; e no segundo turno, depois de já eleito, Luís Henrique recebeu de João Herrmann a

indicação do meu nome, e aí a bancada inteira vetou o meu nome, a bancada da Paraíba. Disse: “Cássio não votou”, eu digo “minha gente, vocês vão ter o espaço de vocês, pelo fato de ter votado, e eu tô sendo indicado por um acordo de João Herrmann, não tem problema nenhum”. Resultado, a bancada foi atrás de Luís Henrique e disse: “Não aceitamos Cássio vice-líder” e Luís Henrique aceitou o veto. Meio constrangido ele me disse: ”olha, a bancada lhe vetou e tal” e eu digo tudo bem, fazer o que? Bola pra frente. Um mês depois vem a eleição para líder da Constituinte, Luís Henrique já eleito líder da Câmara se candidata a líder do PMDB na Constituinte, só que Mário Covas se lança também candidato à líder. Novamente a bancada se reúne e diz: “vamos apoiar Luís Henrique”; eu digo “sabe de uma coisa, já tô na contramão, já me vetaram, não fizeram o gesto de me agregar, eu vou votar em Mário Covas”. Procurei Covas e disse: “ó, tô com você”, participei da primeira reunião de Covas e a ideia que circulava no Congresso é que jamais um senador ganharia de um deputado, porque senador são 81 e deputado são quinhentos e tanto, numericamente não tem como competir. Resultado, ganhou Mário Covas, (risos), e aí eu contei essa história toda pra Covas e Covas me perguntou: “o que que você quer?”, eu digo : “quero ser vice-líder”; uma semana depois Covas me procurou: “tô com um problema porque a bancada da Paraíba tá indicando Mariz”, aí eu contei a história toda do que tinha passado, tal; aí foi quando Covas foi muito correto comigo e encontrou uma solução, né, conciliatória, indicou Mariz como resultado da indicação da bancada, mas também me indicou vice-líder. Então foi uma coisa importantíssima pra mim porque você como vice-líder, na ausência do líder você atua como líder, e passa a ter uma visibilidade enorme. Então era membro da comissão de educação; ciência e tecnologia; família, menor e idoso; e atuei como líder discursando, sustentando, me encaminhando, então foi uma coisa importantíssima. E Covas foi muito bacana porque na primeira reunião dos vice-líderes ele me colocou ao lado dele, e quando abriu a reunião disse o seguinte: “eu tenho dois tipos de vice-líderes, os que as bancadas indicaram, eu acatei todas as decisões”, aí ele bateu assim na minha perna (faz sinal batendo na própria perna), “e os que eu escolhi”. Então ele me batizou como quem diz “esse aqui foi uma escolha minha”, e assim foi pra compensar esse gesto.

Cássio avalia a sua participação na constituinte de forma positiva e enriquecedora tanto para a sua imagem, quanto para a sua atuação política futura, segundo ele: “foi um momento extremamente enriquecedor pra minha vida, consegui fazer ótimas relações, mantive uma postura coerente, apresentei propostas que hoje, ainda hoje, beneficiam as pessoas e aprendi muito foi bem bacana”.

Essas relações possibilitadas pela convivência com diversos políticos de renome nacional foram extremamente importantes não só para o crescimento pessoal e político de Cássio, que segundo o mesmo teve “a oportunidade de conversar com pessoas talentosas e beber dessas fontes de conhecimento, de sabedoria e de experiência

política”, mas também para a sua próxima disputa eleitoral na qual pleiteou a vaga de prefeito de Campina Grande nas eleições de 1988.



Figura 2 Cássio em campanha para Deputado Federal Constituinte

2.4. “A maior honra que eu já tive em toda a minha vida e não tenho outra igual, acho que não tem honra maior do que você governar a sua cidade”: Cássio Cunha Lima prefeito de Campina Grande

Recém-saído da Constituinte, Cássio utiliza essa experiência como diferencial em sua campanha para a prefeitura de Campina Grande em 1988. Para o seu guia eleitoral utilizou depoimentos grandes líderes brasileiros em favor da sua candidatura, pessoas que o conheceram em Brasília durante seu período de Deputado Federal:

Quando fui candidato à prefeito, um dos diferenciais que eu trouxe pra minha candidatura enfrentando Enivaldo⁴, é que nas primeiras semanas eu gravei depoimentos de grandes líderes brasileiros, em favor da minha candidatura, pessoas que me conheceram em Brasília. eu enchi o programa de depoimentos de lideranças nacionais, então isso fez um diferencial importante e que contribuiu muito pra a trajetória como um todo. Enivaldo era deputado estadual, já não conseguia isso, então, Cássio era um jovem candidato, mas tinha um

⁴ Enivaldo Ribeiro é um político paraibano nascido em Campina Grande em 26 de Março de 1935. Foi Deputado Estadual por dois mandatos, Deputado Federal por três mandatos e prefeito de Campina Grande em um mandato. Disputou a prefeitura de Campina Grande com Cássio Cunha Lima nas eleições de 1988, 1996 e 2000.

depoimento de um Mário Covas, de um Ulysses Guimarães, de um Fernando Henrique Cardoso.

A primeira disputa eleitoral de Cássio para a prefeitura de Campina Grande foi marcada por um fato extremamente importante, que diz respeito à ocasião e a forma como foi lançada a sua candidatura em 1988. A data era 10 de julho daquele ano, noite de encerramento, no Parque do Povo, do Maior São João do Mundo. Uma estimativa de público de 50 mil pessoas presentes ao local. Ronaldo Cunha Lima, prefeito no último ano de mandato, aproveita a ocasião para fazer o lançamento da candidatura do seu filho ao cargo de prefeito de Campina Grande.

Chego, agora, ao fim dessa jornada, marcada que foi por angústias iniciais, por preocupações atormentadas, por dificuldades que foram sendo superadas, para culminar na majestosidade deste instante em que me concedeis a suprema ventura de passar às mãos de um filho o destino de minha cidade, palco dos meus sonhos e depositária do meu amor. Prefeito Cássio, meu filho Cássio Cunha Lima: entrego-lhe, agora, ao testemunho do meu povo e sob as bênçãos de Deus, a responsabilidade que foi minha até agora de dirigir minha amada Campina Grande, reduto inviolável de minhas crenças. Suplanta-me em amor e dedicação e eu me aumentarei no amor de pai, orgulhoso pela ação do filho. [...]. Receba as minhas bênçãos de pai, mais acima delas, acredite nas bênçãos de Deus”. (Jornal da Paraíba, 03 de Janeiro de 1989, apud SILVA, 2009, p.137).

Cássio Cunha Lima estrategicamente após a fala do pai se coloca como sucessor do mesmo na prefeitura de Campina Grande, “haverei de palmilhar os caminhos de Campina Grande, iniciados por Ronaldo Cunha Lima (...). E com o vosso apoio e vossa confiança, oferecer minha juventude e ideias, para que Campina permaneça com o encontro marcado para o futuro” (Jornal da Paraíba, 12 de Junho de 1988, apud, LIMA, 2002).

É pertinente salientar que essa possibilidade de sucessão só foi possível graças a uma medida casuística votada pela Assembleia Constituinte que naquela eleição de 1988 para prefeito se fazia uma exceção: quem já fosse detentor de mandato, mesmo sendo parente, podia suceder. Cássio faz um relato bastante extenso sobre esse fato ocorrido durante sua participação na Constituinte:

Eu quando vinha de Brasília, eu trazia os anteprojetos da Constituição para o meu pai ver, meu pai sempre foi um brilhante advogado, mas do que advogado, ele era um jurista, tinha um conhecimento de direito

muito profundo. Então eu chegava de Brasília, vinha aqui dar um beijo nele, um beijo na minha mãe, falar das novidades, e nesta casa aqui, me lembro como se fosse hoje, naquela sala onde mamãe estava, meu pai tava na rede, no quarto, dei um beijo nele,” o poeta, cheguei de Brasília”, ele, as vezes muito atribulado, ai entreguei o anteprojeto da Constituição. Com pouco tempo eu escuto o grito: “Cássio vem cá”, e eu digo: “diga pai”; “já leu isso aqui?”, eu digo: “li, o que que tem?”, “com isso aqui você pode ser candidato a prefeito”, “como é a história? Não posso não pai, sou inelegível”, ele disse: “não, leia aqui direito”. Tinha sido feita uma medida casuística, não pra me atender, pra atender a família Sarney lá no Maranhão, que era o seguinte: a regra eleitoral não permite que parente de primeiro e segundo grau sucedam, né, você tem que, você tem, você não pode ser candidato, qual foi o casuismo que foi feito? Naquela época, naquela eleição para prefeito eles faziam uma exceção: quem fosse detentor de mandato, mesmo sendo parente, podia suceder, e não era pra mim aquilo. E no final da Constituição, da Constituinte, o Congresso inteiro terminava dizendo que aquilo tinha sido escrito pra mim, porque eu terminei sendo citado como exemplo no encaminhamento da proposta. O deputado João Agripino foi pra tribuna e disse: “olhe, o que tá sendo discutido aqui...” isso é um capítulo pra eu te contar depois, foi uma novela, porque Dr. Ulysses não colocava essa matéria em votação, era uma angústia danada, aqui a campanha já se definindo, eu não sabia se o texto ia ficar ou cair, porque ele era da disposição transitória da Constituição, ele não tá no corpo, tem lá aqueles “atos transitórios”, que eles são temporários, e tava lá, porque era só pra aquela eleição de prefeito. E aí depois teve um episódio com Lula, bacana, Lula foi muito bacana na aprovação dessa proposta. Aí resultado, meu pai grita, como eu contei: “com isso aqui você pode se candidatar”, eu digo: “pai, não posso”, ele disse: “leia”, e eu era, era não, sou muito teimoso, eu as vezes teimo sem ter nenhum tipo de fundamento, ele disse: “eu tô mostrando a você que pode”, “pai, não pode, você tá lendo errado”, (risos). Isso era de certa forma o meu subconsciente dizendo: “pô eu vou ser prefeito, não tô preparado”. Até que eu fui pra Bernardo Cabral, que era o relator geral da constituinte, muito amigo do meu pai, foram conselheiros juntos na OAB, eu digo: “Bernardo, poeta Ronaldo leu isso aqui e tá interpretando dessa forma”, eu digo: “é isso?”, “é isso, exatamente isso, se isso aqui passar você pode ser candidato a prefeito de Campina”. Então quando chegou na hora da votação Dr. Ulysses retardou isso, eu fiz uma brincadeira com Paulo Afonso, que era o secretário geral da mesa, veio a ser depois Ministro do Tribunal de Contas, e eu querendo uma solução, pra saber se passava ou não, porque isso dependia da nossa estratégia eleitoral aqui. Aí teve um dia que eu disse: “Dr. Ulysses, coloca em votação essa matéria, vamos botar, Dr. Ulysses, é só colocar em votação”, ele já sabia o resultado, era um homem extremamente experiente do PSB, então ele madurava, amadurecia, cozinhava o assunto. Tudo que foi votado na constituinte mais relevante, Dr. Ulysses já sabia o resultado previamente, porque ele fazia as consultas, tal, e essa era uma matéria que não tinha uma orientação, os partidos votavam de forma diversa, cada um com a sua estratégia eleitoral, não tinha uma questão dogmática, doutrinária, partidária. Então os partidos se misturavam, até que dentro dessa angústia eu disse: “Paulo Afonso, coloque esse negócio pra votar pelo amor de deus, eu já tomei um isordil”, o isordil é um remédio emergencial que você toma quando você tá tendo um

ataque cardíaco, é um sublingual que você usa pra prevenir o coração de um ataque cardíaco. E eu não sabia que o Paulo Afonso tinha problema de coração e tomava o isordil (risos), eu só usei uma alegoria, eu digo: “Paulo Afonso, eu tô numa agonia tão grande, esse negócio a meses que não vota, diga a Dr. Ulysses pra ganhar ou pra perder, eu já tomei um isordil”, “você tomou um isordil? Com a sua idade? Como é que você toma um isordil? Você tá com dor de cabeça? Quer um vasodilatador?”, violentíssimo, justamente por eu, “você tá com dor de cabeça não?” (risos). Aí tá, colocou em votação, Zé Agripino quando encaminhou disse: “o que tá sendo discutido aqui é o seguinte: se o deputado Cássio pode ou não ser o prefeito de Campina Grande”. Pronto, aí eu fiquei como uma referência, e não era pra mim aquele negócio, era pro povo de Sarney lá. Quando foi pra votar, Genuíno, que tá hoje lembrado, infelizmente, por essa história do mensalão, era líder do PT, eu não acredito nem que tenha envolvimento com isso, eu quero bem a ele, cheguei com Genuíno e disse: “Genuíno tem essa matéria aqui e eu queria ver se você podia votar”, ele disse: “Cássio, o PT não tem posição fechada, conversa lá com Lula, o que ele disser, pra mim, tá feito”. Lula ficava sempre no fundo do plenário, quando eu ficava com ele, naquela época podia até fumar no plenário do Senado, do Congresso. Aí eu fui lá atrás sentei ao lado de Lula, contei a história toda:” ó Lula se essa emenda for aprovada agora eu posso ser candidato a prefeito de Campina, queria a sua ajuda”, aí chamei pra mim, Lula disse: ”vai lá na frente e manda Genuíno olhar aqui pra mim”. Aí eu fui lá feito moleque de recado: “Genuíno, Lula pediu pra você olhar lá pro fundo do plenário” , Genuíno se volta, Lula tal qual imperador só fez assim ó, levantou o polegar pra sim como quem diz “pode votar”. O PT votou e com os votos da bancada do PT consegui aprovar a matéria. Resultado, foi aprovado, o que permitiu a minha candidatura a prefeito em Campina.

Estabelecido o cenário pra a candidatura a prefeito de Campina Grande Cássio começa a traçar os primeiros passos de campanha, e conta que a exortação emotiva e comovente que o pai fazia ao seu respeito causou, em um primeiro momento, preocupação e receio em como a cidade receberia aquele gesto. Era preciso convencer os eleitores que mesmo sendo ainda muito jovem e com pouca experiência possuía capacidade para governar Campina Grande. Dessa forma a utilização tanto dos depoimentos dos colegas de Constituinte para o guia eleitoral, como das propostas aprovadas por Cássio nesse período foram essenciais para a sua campanha. Nas palavras de Cássio:

O apoio dele era decisivo, foi fundamental, mas a cidade precisava se convencer que eu tinha condições de ser prefeito, do contrário, por isso que eu tinha medo, desse discurso mais enfático, né, eu achava que aquilo vinha já naturalmente, quem votava comigo por um pedido dele, é, já, já votaria, e que esse apego muito emotivo podia afastar determinados seguimentos de votos.

Durante a campanha a preocupação foi em mostrar que Cássio já possuía um nome conhecido nacionalmente e não era apenas filho de Ronaldo Cunha Lima, que apesar de ser filho de uma grande liderança, possuía autonomia e condições para governar a cidade. Enfatizava-se o trabalho feito na Constituinte e os projetos de autoria de Cássio que impactavam a vida das pessoas.

Foi eleito com 53.720 votos e se torna prefeito de Campina Grande, cargo esse que, para Cássio, é considerado o mais gratificante: “não há mandato mais honroso, mais dignificante do que ser prefeito”.

Na primeira fase de seu mandato como prefeito Cássio enfrenta a comparação das pessoas em relação ao seu pai, o que, de certa forma, o desgastou, a comparação para ele era desvantajosa, o pai possuía uma personalidade e um estilo de lidar com o povo muito mais leve:

Agora, tem um dado importante nessa história, porque na primeira fase do meu mandato eu me desgastei muito, exatamente por essa diferença de estilo, por essa forma, eu tava querendo impor meu estilo. O impor que eu digo é marcar, eu não tenho um viés autoritário, arbitrário, eu tenho uma formação democrática sólida, lá com os meus defeitos, com as minhas características pessoais. Mas nunca confundi crítica pessoal com crítica institucional, sempre dialoguei, sempre negocie; greves, tanto na prefeitura, quanto no estado, eu negociava pessoalmente, enfim, essa parte eu consigo me auto-elogiar sem muito problema. Agora, eu me desgastei muito porque fazia um contraponto com o poeta; as pessoas me comparavam com ele, e a comparação era sempre desvantajosa pra mim, sempre desvantajosa pra mim, pelo meu estilo pessoal, pelo estilo dele. Eu era muito mais seco, muito mais rude, muito mais mal humorado, muito mais abusado do que ele, me desgastei. Então teve essa coisa, esse estresse, porque ele tinha muita sensibilidade, um homem inteligente, mas as vezes a emoção tomava um pouco mais de conta, tomava mais conta, mas a campanha foi, basicamente, mostrar que eu era um nome já nacionalizado, então trazia esses depoimentos de fora: “ó, esse nome nós estamos apresentando, não é apenas o filho de Ronaldo, é alguém que já foi deputado constituinte e que estas lideranças do Brasil falam isso a respeito dele”, colocava no vídeo isso, apresentava algumas propostas.

É importante pontuar que existia uma estratégia em mostrar que apesar de ser filho de uma grande liderança Cássio possuía autonomia, que já havia angariado condições e preparo para governar a cidade, já tinha uma referência nacional, e que durante o seu trabalho na Constituinte havia construído uma boa passagem.

Com a eleição de Ronaldo Cunha Lima como governador da Paraíba, em 1991, o trabalho de Cássio como prefeito foi favorecido, o que influenciou em uma imagem de administração arrojada, dinâmica e moderna, com obras e melhorias para a cidade. A parceria com o governo do estado trazia para Campina mais verbas, mais investimentos e a possibilidade de mais trabalho dentro da estrutura da mesma. É pertinente trazer as palavras de Cássio sobre esse importante momento do seu trabalho político:

Então, o sucesso veio também porque meu pai ganhou a eleição pra governador, aí ele me ajudou muito na gestão da cidade. E como pai generoso, o que ele fazia? Ele não disputava comigo. Então, vou dar um exemplo, o ginásio “Meninão”, que a cidade atribui como uma obra minha, mas os recursos, na sua maior parte, vieram do governo do Estado, só que como pai generoso que é, ele se sentia feliz em dizer: “ó, fica como uma obra só sua”. Não sei se você tá alcançando o que eu tô dizendo, porque tem governante que fica disputando a paternidade das obras. Então meu pai chegou ao governo do Estado, e como governador, apesar de todas as dificuldades que o Estado enfrentava, ele fez um belíssimo trabalho como governador, saneou o Estado, teve um mandato muito curto, porque naquela época não tinha reeleição, e me ajudou em uma série de obras, que a cidade atribui como minhas.

Em 1992 renuncia ao cargo de prefeito e assume a superintendência da SUDENE, durante esse período comanda uma grande frente de trabalho contra a seca no nordeste brasileiro. É também nesse momento que sofre um de seus piores momentos em sua trajetória: é alvo de acusações e denúncias em sua atuação, onde estaria protegendo uma rede de corrupção. Essas acusações supostamente partiam de Burity⁵, que utilizava os meios de comunicação locais para atingir Ronaldo Cunha Lima, então governador da Paraíba, com acusações referentes ao desvio de verbas na SUDENE, que nesse momento tinha como superintendente Cássio Cunha Lima.

⁵ Tarcísio de Miranda Burity é natural de João Pessoa, nascido em 28 de novembro de 1938. Foi Governador da Paraíba por duas vezes e exerceu o mandato de Deputado Federal por uma legislatura.



Figura 3 Posse de Cássio na Sudene

Essas acusações terminaram culminando no “Caso Gulliver”, ocorrido no dia 05 de novembro de 1993, em João Pessoa, no qual Burity sofre um atentado, levando três tiros do então governador Ronaldo Cunha Lima. A justificativa utilizada para tal ato era de defender a honra do filho, Cássio Cunha Lima, em relação às acusações, consideradas injustas e sem fundamento.

O episódio gerou grande repercussão nos veículos midiáticos não só na Paraíba como também naqueles que possuem visibilidade nacional. Na Revista Veja, na sua edição de 10 de novembro de 1993, o acontecido foi capa de revista e foi feita uma matéria na qual se descreveu o atentado buscando analisar as razões para o fato ocorrido e também as impressões de personalidades políticas em relação ao “Caso Gulliver”:

As denúncias de roubalheiras que se alastram pela política nacional foram acompanhadas por uma salva de tiros semana passada. Na Paraíba, o governador Ronaldo Cunha Lima disparou três balas calibre 38 no ex-governador Tarcísio Burity, que o criticara em um programa de televisão. Burity foi atingido duas vezes à queima-roupa, mas sobreviveu por imperícia do atirador, que estava alcoolizado. [...] A história registra muitos casos sangrentos envolvendo políticos. Nunca, porém, o de um governador de Estado que pega numa arma para disparar na cara de outro governador. [...] Na véspera dos tiros a ira do governador violeiro chegara ao máximo. Seu filho Cássio Cunha Lima, 30 anos, Superintendente da Sudene, tinha sido acusado de proteger uma rede de corrupção na autarquia durante o programa oficial do PNM, ligado a Burity. [...] o governador achou que tinha de lavar sua honra em sangue. [...] A defesa da honra invocada por Cunha Lima faz parte de um traço cultura brasileiro, que se manifesta com força maior no interior do país e especialmente no nordeste. (VEJA, nº 1313, 10 de novembro de 1993, p.32-37)

Outros veículos paraibanos de mídia vincularam o ocorrido de forma a trata-lo como defesa da honra do filho, buscando uma explicação para um possível perdão para

o atentado por parte da população. Esse perdão já era encontrado no povo campinense, na chegada de Ronaldo Cunha Lima na Polícia Federal em Campina Grande foi acompanhada por uma enorme quantidade de pessoas que aclamava Ronaldo e se solidarizava com o mesmo em relação ao atentado.

Esse foi um elemento extremamente marcante na vida dos “Cunha Lima”, um assunto banido dentro de casa, uma lembrança difícil e dolorosa que acompanhou Ronaldo até seus últimos dias de vida. Essa questão fica evidente na fala de Cássio sobre o ocorrido em uma das entrevistas:

Foi o momento mais difícil da minha vida e da vida do meu pai, né? Primeiro, nós achávamos que, em termos de atividade pública, estava encerrado, encerrou, não dá mais pra continuar em política. [...] Então é isso, acho que meu pai só escapou como imagem pública, porque era líder. Qualquer outro que tivesse feito o ato não conseguiria escapar, porque ele tinha uma gordura muito grande, não era aquilo, ele não era aquilo. As pessoas terminaram perdendo porque sabem que meu pai não é aquilo, né? Você termina percebendo que todo mundo tem um limite, um limite humano. E o limite foi esse conjunto de acusações desse erro que eu cometi, eu terminei colocando nos meus ombros, a história inteira da Sudene, querendo defender a instituição. Então foi um grande erro, aí foi muito sofrido, aí é um episódio de muita dor, muito sofrimento, muita angústia, noites indormidas, abatimento pessoal, desespero, né? A vida fica cinza, os dias ficam escuros, você não consegue vislumbrar esperança, você não consegue ver o amanhã, é um tempo muito, muito, muito difícil, muito nebuloso. Mas foi uma noite longa que amanheceu, veio a eleição, acho que a grande reversão disso tudo foi em 94, quando meu pai foi eleito senador e eu fui eleito deputado federal com uma votação tão consagrada. Essas votações terminam sendo um julgamento público, terminam sendo um julgamento popular. Então depois do episódio meu pai, obviamente, se arrependeu, morreu arrependido, tem poemas quando ele revela essa dor, foi uma coisa que causou transtorno na vida dele a vida inteira. Meu pai tinha pesadelos com isso, me revelava esses pesadelos. Era um tema proibido, depois de um certo tempo. É um tema que nós não falávamos nisso, não falávamos, não tinha conversa sobre isso porque era muito traumático e ninguém queria mexer nesse trauma. Então aqui na minha casa a gente nunca falou sobre isso, a gente, é um assunto como se não tivesse acontecido. Graças a Deus Burity não morreu, né? Isso foi um diferencial enorme, quer dizer, o erro foi cometido, mas, graças a Deus, Burity não ficou nem com sequelas, né? Não ficou com sequelas, ele veio a morrer muitos anos depois, por outra causa. Então isso é uma diferença grande, fundamental, fundamental.

É importante perceber nesse momento uma enorme capacidade de Cássio e também do seu pai Ronaldo de reconstrução de imagem e de recondução de poder. Após uma atitude extremamente violenta que, em qualquer outro contexto, os

transformaria em carrascos, Cássio e Ronaldo foram transformados em vítimas e perdoados do ato equivocado. A população se solidarizou com a dor de um pai em ver seu filho sendo acusado por adversários e perdoou assim seu comportamento, fato esse percebido pelos resultados dos pleitos seguintes nos quais Cássio e Ronaldo saem vitoriosos.

Após o ocorrido, Cássio pede afastamento do órgão e em 1995 é eleito mais uma vez como Deputado Federal. Volta a ser prefeito de Campina Grande em 1996 e reeleito em 2000.

As administrações de Cássio na prefeitura de Campina Grande foram marcadas por uma grande adesão do povo campinense que, como relatado na recepção de Ronaldo Cunha Lima em Campina Grande após o atentado e também em diversos outros momentos que serão tratados posteriormente, possui uma ligação forte com a família Cunha Lima. Essa personalidade das relações existentes entre os Cunha Lima e a população campinense proporcionou uma avaliação bem sucedida e bem acolhida por Campina Grande.

A figura física de Cássio na época era vinculada a um conjunto de obras ligadas à criança e ao jovem, exemplo do ginásio de esportes “meninão”, o parque da criança e a Micarande⁶. Além de uma continuação em vários projetos e trabalhos que o pai Ronaldo Cunha Lima havia exercido em mandatos anteriores na cidade. Um dos marcos dessas administrações é o “Parque do Povo” no qual ocorrem as edições do “Maior São João do Mundo”, marcas relacionadas à família Cunha Lima.

Outro fator de destaque nas administrações de Cássio na prefeitura de Campina Grande é a relação do mesmo com a população da cidade, seguindo os ensinamentos do pai que dizia “o prefeito habita a intimidade do povo”, Cássio buscava ter um contato pessoal com o povo e com a cidade, estabelecendo uma excelente estratégia para uma construção positiva de imagem pública. Em suas próprias palavras:

Então é isso, pra ser um bom prefeito você tem que conviver com a intimidade da cidade. Então eu visitava escola, visitava creche, visitava a maternidade, ia ver pessoalmente calçamento. Então essa imagem do grande zelador eu construí, porque eu zelava pela cidade. [...] Então a idade me ajudava muito, porque eu tinha na época 25 anos, depois quando eu fui prefeito pela outra vez eu tinha já 30 e

⁶ A Micarande era um carnaval fora de época que acontecia em Campina Grande. A primeira edição da festa foi realizada em 21 de abril de 1989 e a última em 2009. Eram 8 dias de festa nos quais diferentes artistas nacionais e paraibanos se revezavam em trios elétricos.

poucos, mas é muito jovem, você tem muita energia, você tem muita vitalidade, vontade de fazer, né?



Figura 4 Cássio inaugura obras como prefeito



Figura 5 Cássio acompanha obras na prefeitura de Campina Grande

2.5. “Desgasta a imagem, porque um governador cassado não tem uma imagem positiva”: Cássio Cunha Lima governador da Paraíba

Em 2002, Cássio Cunha Lima foi eleito governador da Paraíba e reeleito em 2006. Em 2002 Cássio disputou o governo do Estado com Roberto Paulino do PMDB e venceu a disputa no segundo turno com 51,4% dos votos. Já nas eleições de 2006 a disputa foi com José Maranhão, o pleito foi para segundo turno e Cássio saiu vitorioso com 51,35% dos votos.

Durante os seus mandatos como Governador do Estado da Paraíba podemos destacar dois fatos são extremamente marcantes na trajetória política de Cássio: a reeleição em 2006 na qual disputa o cargo com José Maranhão e a cassação do seu mandato em 2009.

Suas preocupações eram concentradas na questão da educação, onde universalizou o ensino médio, e também expandiu e concedeu histórica autonomia à Universidade Estadual da Paraíba⁷; o saneamento básico e a geração de emprego e renda, realizando concursos públicos e planos de carreira para os servidores do Estado. Preocupou-se também com obras de infraestrutura e com a questão das moradias populares.

A eleição de 2006 tem um sabor especial para Cássio, pois ele disputa sua reeleição com José Maranhão, um antigo desafeto político⁸ do seu pai Ronaldo Cunha Lima. Além de reafirmar o seu mandato com a reeleição, o que indicava a aprovação da população em relação ao governo do Estado, Cássio venceu nas urnas José Maranhão. Essa vitória carregava uma carga emocional muito forte não só para Cássio como também para Ronaldo:

Tinha um sabor muito especial pro meu pai, tá, o Poeta tinha na verdade um gosto muito especial em poder, né, na rua, nas urnas, vencer Maranhão. Sobretudo pelo episódio de 98, quando Maranhão manipulou um resultado de uma convenção e ele pediu que meu pai

⁷ Durante o seu primeiro mandato como governador do Estado da Paraíba Cássio Cunha Lima sancionou a Lei nº7643 em 06 de agosto de 2004. A lei concedia a autonomia econômica para a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

⁸ Durante a festa de aniversário de Ronaldo Cunha Lima no dia 21 de abril de 1998, no Clube Campestre em Campina Grande houve o famoso “racha do PMDB”. Ronaldo fez um discurso no qual proferiu palavras contra José Maranhão que, até então, era seu aliado. Maranhão se sentiu extremamente desrespeitado e a partir daí houve o rompimento público entre Ronaldo e Maranhão. Logo após o racha no PMDB, os dois grupos se confrontaram na Convenção que iria indicar quem seria o candidato ao Governo do Estado. Ronaldo saiu derrotado e resolveu migrar para o PSDB, levando junto o seu filho Cássio, entre outras lideranças políticas importantes no Estado da Paraíba.

disputasse o governo do Estado naquela época. Eu particularmente não, foi uma eleição que me deu uma alegria sim, eu nunca tinha celebrado com entusiasmo, com vibração extremada as minhas vitórias. Eu recebia essas vitórias sempre de forma muito contida. Nessa, quando saiu, a urna que me considerou eleito, eu explodi num grito de alegria, de emoção, né, foi aqui nesta casa onde estamos conversando, tinha um telão lá embaixo. Tem uma foto muito bonita, eu beijando meu pai e meu pai chorando na cadeira de rodas, foi exatamente no dia da vitória, então de todas as vitórias que graças a Deus tive, essa tinha uma carga de emoção muito grande pelo que tinha acontecido em 98, por todo o processo de perseguição que nós sofremos por parte de Maranhão. Maranhão chegou ao ápice de, por exemplo, de pegar a escola de áudio e comunicação aqui, junto, de frente ao Spazzio, que tem o nome do meu avô, tá hoje, caiu o teto, vai ser reformado daqui a pouco, de retirar o nome do frontispício da escola, fora outros atos de, de retaliação, de perseguição política menores, que caracterizou um pouco esse período de tempo que Maranhão foi governador, eu era prefeito, pedia audiência a ele, ele não me recebia, essa coisa atrasada que eu combati e terminamos vencendo. Então essa eleição teve um sabor especial, porque também ela, além de tudo que tinha acontecido, era a reafirmação do mandato, quando você está disputando uma reeleição, é de certa forma uma eleição plebiscitária, você foi aprovado ou não, né, mas se você não consegue se reeleger, você está rejeitado, vá cuidar de outra coisa, que pra isso aqui não é possível contar com você, então foi uma vitória importante, uma vitória de uma eleição disputada, uma eleição aguerrida e que teve sim um significado muito especial.

Fica evidente que mais do que uma vitória nas urnas a disputa com José Maranhão estava carregada de aspectos emocionais. Cássio se sentiu responsável por “lavar a honra” da família, além de receber a aprovação da população pelo seu governo vence um antigo desafeto da família Cunha Lima e quebra a supermarcagem do Grupo Maranhão.



Figura 6 Cássio beija o pai após saber o resultado das eleições de 2006

Em julho de 2007 Cássio tem o mandato cassado pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba por suposto uso de um programa social. Segundo a denúncia do Ministério Público Eleitoral (MPE), que foi acatada pelo TRE-PB, Cássio Cunha Lima teria distribuído 35 mil cheques para eleitores durante o período eleitoral de 2006, por meio de um programa assistencial mantido pela Fundação Ação Comunitária (FAC), que era uma instituição ligada ao governo do Paraíba. Dois dias após o ocorrido o Tribunal Superior eleitoral concede uma liminar que mantém Cássio no cargo de governador até o julgamento final do processo no TSE.

Em dezembro de 2007, Cássio é novamente cassado pelo Tribunal Regional Eleitoral por uso eleitoreiro do jornal estatal "A União" também durante a campanha eleitoral de 2006. Segundo outra denúncia do MPE-PB, Cássio é acusado de utilizar o jornal como ferramenta para a sua promoção pessoal e eleitoral, e também como meio de divulgar a publicidade institucional durante o período eleitoral. Através de uma nova liminar, Cássio consegue permanecer no cargo.

Em 2008 tem a sua cassação pelo "Caso FAC" confirmada por unanimidade dos votos no TSE. Apesar disso, consegue uma nova medida cautelar, que garante o direito de ficar no poder até que saia o resultado final do processo. Em 2009 sofreu uma de suas maiores derrotas políticas: foi cassado por acusações de conduta vedada e abuso de poder econômico, tendo o cargo ocupado por José Maranhão, Cássio pontua que foi uma cassação equivocada e que levou a um governo ilegítimo:

Olha, eu acho que chegou um momento em que, naturalmente, desgasta a imagem, porque um governador cassado não tem uma imagem positiva, você perder um mandato, sobretudo fora do Estado, fora do Estado eu tive um dano de imagem muito grave, mas aqui na Paraíba, como foi um processo longo e eu tive condições de explicar às pessoas o quê está me levando à cassação, cassação esta que eu vou morrer dizendo que tá equivocada, porque ao contrário que disse a justiça eleitoral, eu não fui eleito governador por aqueles argumentos que a justiça eleitoral acatou, eu tinha naquele instante um grande desvantagem, eu não era casado com uma desembargadora, Maranhão, a esposa dele é uma desembargadora, e que aí é um tribunal evidentemente político, assim como o TSE, vulnerável à essa pressão política mais do que qualquer outra instância do judiciário. Quais foram os dois argumentos da cassação? Primeiro que os artigos no jornal "A União", teriam interferido no resultado da eleição. Cá pra nós, ninguém em sã consciência, ninguém com um mínimo de bom senso, vai acreditar que meia dúzia de artigos elogiosos à minha pessoa no jornal "A União" foram decisivos para interferir no resultado da eleição; segundo, o entendimento que os programas sociais do governo, sobretudo cheques que eram entregues da FAC

teriam interferido no resultado da eleição. Era isso, eu tenho alguns argumentos, a começar pelo próprio resultado do pleito. Em 2012 eu me elegi com 51,3% dos votos no segundo turno, em 2006 eu me elegi com 51,3% dos votos, bate até depois da vírgula, ou seja, de um Estado dividido, de um Estado visivelmente dividido, onde os comportamentos eleitorais são praticamente os mesmos, onde se percebe que não há uma interferência da máquina pública pra dizer olha, em tal ponto a margem não funcionou e interferiu no resultado da eleição e a decisão do TRE não era pelo fato de existir o programa, era um argumento subjetivo que não existia uma lei específica para a realização deste programa. O fundamento da cassação é isso, esse programa não tinha uma lei específica e esse tipo de atendimento a Paraíba faz há 30 anos. Por ironia, o relator do meu processo no TRE, lá atrás no governo de Buriti, o pai dele, quando doente, recebeu uma ajuda da casa civil nos mesmos moldes que eu estava sendo acusado hoje, enfim, isso naturalmente, pessoalmente constrange muito, mas encontrei força e em dado momento percebi que a situação estava fora do controle e que eu seria cassado. Preparei-me interiormente, modéstia parte, tive uma postura muito responsável com o Estado, porque eu podia ter ficado aqui fazendo um embate político, apurrinhando a vida de Maranhão, criando embaraços pro governo dele, fazendo, digamos, uma resistência a um governo que eu sempre considerei ilegítimo. Então isso foi doloroso, doído, e chegou um momento que eu comecei a explicar o porquê fui cassado e, por incrível que pareça, isso fez com que houvesse uma solidariedade da população de forma geral. Até mesmo aqueles que não votaram comigo, não gostavam da ideia de alguém que foi o segundo colocado estar governando, porque de fato é um atentado à democracia.

Em 2010 se candidata a uma vaga como Senador da República, mas sofre impugnação da sua candidatura por conta da Lei da Ficha Limpa, e consegue concorrer ao cargo por conta de um recurso de efeito suspensivo. Foi eleito como o Senador mais votado da história da Paraíba, com mais de um milhão de votos. Teve o registro de candidatura negado pelo TRE-PB e só tomou posse definitivamente em 08 de novembro de 2011, após determinação do Supremo Tribunal Federal. Para Cássio:

Já era algo que eu previa, a decisão do TRE não me surpreendeu em nada, aqui no TRE é uma brincadeira que você não consegue um padrão de julgamento, o que vale pra um não vale pra outro, se julgam dessa forma agora, amanhã se julga de outro. É uma esquisitice, no meu caso, por exemplo, meu registro foi indeferido no TRE e só foi julgado pelo TSE após as eleições, quando eu já estava eleito Senador, aí o TSE por um voto de diferença indeferiu meu registro também, foi quando eu recorri pro Supremo. Então é inconcebível que você vá para uma eleição onde o registro da candidatura de alguém eleito vai ser julgado após a eleição. Foi exatamente o que aconteceu no meu caso. Como eu cheguei em condições aptas de ser votado, porque o registro só foi julgado após a eleição, eu mantive minha candidatura. Eu tinha responsabilidades com a minha trajetória pública, né, aquela história que um homem é um homem, um gato é um gato e um rato é

um rato, era uma hora de me afirmar como homem público. Eu tinha responsabilidades com a candidatura de Ricardo, porque seguramente se eu sáísse, podia causar uma instabilidade na candidatura dele e aí foi quando, de forma muito serena, firme, em dado momento decidi: "não, eu vou até o fim". Fui até o fim e consegui me eleger. Tudo isso é muito doído, tudo isso traz noites angustiantes, aflitivas, traz insônia, mas eu nunca me deixei abater, pelo menos eu procurava buscar força, não sei exatamente aonde, mas toda essa energia que recebo nas ruas me ajudou muito, a fé em Deus ajuda, o apoio da família é fundamental, então teve um tripé aí que me deu sustentação, mas por dentro há uma dor e um sofrimento pessoal muito intenso, então tive que lidar com os meus dramas pessoais e que eu não tinha o direito de externar nas pessoas e contaminá-las com isso. As noites eram duras, difíceis, mas eu me mantive firme na rua pra poder não fazer com que esses dramas pessoais fossem maiores do que o projeto que estava ali construído. Quando vem esse período da eleição foi possível tratar desse assunto, eu tratava disso nos comícios, eu falava sobre a questão do equívoco que é alguém ser cassado e o segundo colocado assumir. Então toda a campanha de 2010 eu tinha essa construção, primeiro tá errado o segundo colocado ter assumido, isso não pode, segundo não fui cassado por ter roubado, por ter praticado ato de corrupção, perdi o mandato por ter ajudado de forma absolutamente isenta pessoas necessitadas. Não me arrependo disso, mais que uma ficha limpa, tenho uma vida limpa e quero que você me dê o seu voto que eu vou fazer um grande mandato no Senado, que eu tô preparado pra ser Senador. Pronto, foi essa a construção que fiz. Foi essa a construção do meu discurso em 2010. Politizei a questão de dizer o que aconteceu de fato, a população acreditou em mim, pela minha trajetória passada eu tenho certeza que todas as pessoas beneficiárias se converteram em advogados meus.

É importante perceber que esse episódio revela a enorme força da imagem pública de Cássio, apesar de ter sido cassado conquistou um contingente expressivo de votos e se elegeu como Senador da República. Usando a sua trajetória política e os seus feitos como gestor público Cássio sensibiliza seus eleitores e consegue reverter uma situação extremamente delicada. Pontuamos a forma como Cássio traça o seu discurso nesse momento, utilizando o componente de “compromisso com a Paraíba”, com as “necessidades do seu povo”; o seu preparo como homem público dando respaldo para um futuro cargo como legislador; apostando em uma conduta ilibada e sempre preocupada, primeiramente, como a população.

É nesse contexto que Cássio sai de uma posição desfavorável como político cassado e passa para uma posição de político acolhido pelos braços do povo, mostrando mais uma vez a sua, constante, possibilidade de reconstrução.



Figura 7 Cássio na tribuna do Senado Federal



Figura 8 Cássio como membro de Comissão no Senado

2.6. “Política você faz como sacerdócio e não como negócio”: a concepção de política e a influência paterna.

Dentro dessa perspectiva de pensar a construção pessoal e política de Cássio é importante traçar um panorama da sua concepção acerca do campo político e, para tanto, trazer em cena a influência que o seu pai, Ronaldo Cunha Lima, exerceu nesse sentido.

Cássio herda do pai não só uma trajetória pública e política consolidada e forte, herda também um modo de pensar e de fazer política. É uma transmissão de poder que tem raízes emocionais, que se fundamenta no cotidiano, nas lembranças de infância, no

dia-a-dia, e que traz elementos marcantes e essenciais para a construção do sujeito político Cássio Cunha Lima.

Das brincadeiras de criança aos causos que conta, Cássio tem como grande referência o que viu e ouviu do seu pai, tanto dentro de casa através de conversas, histórias, eventos diários, como ao acompanhá-lo aos compromissos políticos. É uma herança de nome, de exemplo e de conduta. Foi assim que ao longo dos anos Cássio foi construindo suas primeiras referências políticas e compondo sua própria trajetória: “tudo que eu sou, eu devo a ele, porque ele me conduziu pelos braços, me conduziu de forma muito, muito fraterna, como um pai muito carinhoso, um pai amoroso, e me transferiu todo o patrimônio de imagem pública que ele construiu”. Mais do que um traço afetivo, essa herança paterna se configura como uma importante estratégia de conquista de poder político, na qual o filho se torna a sequência do pai, continuador dos seus passos, das suas obras, do seu legado.

A noção de política começa a ser traçada através da educação recebida em casa, uma formação humanista, na qual Ronaldo trazia o exemplo de correção, de ética, de coerência, segundo as palavras de Cássio. O trato com as pessoas é ponto importante nessa construção, a forma como Ronaldo construía suas relações com o próximo deixa como herança para seu filho a noção de que cada ser humano é uno, que as relações pessoais são baseadas no respeito à individualidade e na preocupação em estabelecer uma ligação, mesmo que momentânea com o próximo. Nas palavras do próprio Cássio:

Meu pai tinha uma frase que ele dizia vez por outra, que era a seguinte: “eu sou um humanista, não sei se por formação ou por deformação”. Eu não tenho os talentos, nem as qualidades do meu pai, mas também sou um humanista, e procuro tratar as pessoas como únicas.

É uma concepção romântica da política, ligada a um exemplo de conduta que sempre foi visto como passional. Ronaldo é lembrado até hoje pela sua poesia, pela sua sensibilidade, pelo jeito simples, traços esses que ficavam evidentes na sua forma de pensar e de fazer política, na qual essa atividade é vista como um espaço onde você pode fazer o bem. É através desse exemplo que Cássio inicia a construção da sua própria concepção de política.

É pela poesia que muitas vezes os diálogos entre pai e filho são traçados, é um dos espaços que Ronaldo utiliza para se referir ao filho e que o mesmo se recorda como elemento constitutivo das suas lembranças e da sua construção pessoal. Cássio, em

dados momentos das entrevistas declama sonetos, escritos por seu pai, para exemplificar momentos e contextualizar situações. Receber do pai a benção de governar e de seguir seus próprios passos foi o mote para a lembrança do soneto a seguir:

Guiei teus passos na vida, um dia, quando
Precisavas de colo e regaços
Eram fortes e firmes os meus braços
E eram frágeis teus passos, quando andando.

E o tempo, em nossos passos, foi passando
E descobrimos, nós dois, novos espaços,
Com a tua juventude e os meus cansaços
Tu me amando bem mais e eu mais te amando.

Hoje, filho, és meu norte e a minha meta
Em ti, o meu futuro se projeta
Permitindo da morte ir mais além.

Porque me deixas, Cássio, convencido
Que através de tua voz, serei ouvido
Que por seus passos, andarei também.

Cássio pontua a responsabilidade de receber tal benção, que carrega em si a preservação do nome, da trajetória e da imagem do pai. Responsabilidade essa que o mesmo relata como um problema no início da sua trajetória como político. Se colocar como protagonista da sua própria história dentro de um contexto no qual a primeira preocupação era de honrar, dignificar e seguir o exemplo do pai era uma tarefa conflitante para Cássio: “meu Deus, eu não vou chegar nem perto, não vou nem, nem na sombra”. Saber balancear a influência do pai e a sua própria personalidade foi um dos primeiros desafios para a construção política de Cássio.

Ronaldo Cunha Lima era visto como um apoio e um respaldo de extrema importância nos primeiros passos políticos do seu filho, mas o mesmo precisava mostrar as suas próprias características e sua própria forma de pensar para que sua trajetória fosse considerada legítima e não apenas o prolongamento da trajetória do pai. A política possibilitou uma ligação extremamente forte entre pai e filho, mas era preciso

estabelecer diferenças, era preciso que Cássio criasse a própria imagem, a própria história:

Ele me dava o respaldo, o lastro, a base, mas eu vou ter que fazer algo que talvez não seja modesto, mas se eu não me apresentasse capacitado, se eu não me apresentasse minimamente preparado, e cidade não teria comprado a minha candidatura, sobretudo a de prefeito. A de deputado talvez nem tanto, deputado um colegiado onde você tem uma, decisões que são repartidas, prefeito não, prefeito as pessoas precisam gerar uma certa confiança, uma certa interação. Então por maior que fosse a liderança do meu pai, e a liderança era grande, ele não tinha esse condão de chegar e dizer: "ó, tá aqui meu filho, votem nele porque eu quero", não era bem assim, Campina sempre teve um senso crítico, Campina é um polo universitário, né, você tem um senso crítico sobretudo na academia, nas universidades, sobretudo na universidade federal, na universidade estadual também, você tem uma massa crítica na cidade que não vai simplesmente comprar a indicação de um pai porque quer nomear o filho prefeito. Então é óbvio que o respaldo dele, o apoio dele foi muito importante, mas se eu não tivesse feito a campanha de forma adequada e convencido as pessoas de "ó me deem essa chance, confie em mim, que apesar de eu ter 25 anos eu vou dar conta", como graças a deus, com minhas falhas, com meus erros, mas consegui dar conta como prefeito. Então o apoio dele era decisivo, foi fundamental, mas a cidade precisava se convencer que eu tinha condições de ser prefeito, do contrário, por isso que eu tinha medo, desse discurso mais enfático, né, eu achava que aquilo vinha já naturalmente, quem votava comigo por um pedido dele, é, já, já votaria, e que esse apego muito emotivo podia afastar determinados seguimentos de votos. Quer dizer, pessoas que tivessem um senso crítico maior, "não vou votar nesse cara só porque o pai dele tá pedindo", né, mas enfim, consegui sensibilizar esse setor, tanto é que nas pesquisas a minha votação era muito bem distribuída, eu tinha um percentual de votos mas que era comum, quando você estratifica, você pode estratificar uma pesquisa de várias formas: faixa de renda, grau de instrução; na de grau de instrução o percentual que eu tinha de nível superior, das pessoas com nível superior, era idêntico ao que eu tinha de pessoas analfabetas, né. O percentual que eu tinha, a votação terminava sendo bem distribuída, que era um fator muito positivo. Enivaldo já tinha uma dificuldade, Enivaldo tinha um, um voto popular mais forte, quando ele ia pra um nível superior ele já caía um pouco. Então foi isso, o poeta, né, apoiou, foi um apoio importantíssimo, né, que sem ele não teria tido nem chance de ser candidato, mas eu tive que mostrar condições e preparo, porque a cidade aquela altura já com perto de 200 mil eleitores não ia simplesmente me engolir e me eleger pelo fato de meu pai tá pedindo. O pedido dele era importante mas tinha que complementar com um grau de segurança pra que essas pessoas pudessem votar.

A comparação era inevitável, os eleitores buscavam no filho a imagem do pai, pediam versos, pediam a mesma desenvoltura com as palavras, pediam a presença boêmia de Ronaldo, características essas que Cássio não possuía: "eu me desgastei

muito porque fazia um contraponto com o poeta, as pessoas me comparavam com ele, e a comparação era sempre desvantajosa pra mim, pelo meu estilo pessoal, pelo estilo dele. “Eu era muito mais seco, muito mais rude, muito mais mal humorado, muito mais abusado”, tornou ele a repetir em um de seus depoimentos.

Apesar das comparações e do trabalho em edificar uma imagem diferente da imagem do pai, Cássio sempre viu em Ronaldo um mentor, uma pessoa que o trouxe para o mundo da política, o apresentou as diferentes nuances desse campo, um exemplo a ser seguido.

A política é vista como a possibilidade de fazer o bem, de servir aos que mais precisam, de ser instrumento de transformação na vida das pessoas, uma noção que, como foi explicitado anteriormente, vê a política de forma romântica, baseada na entrega, no devotamento e no servir a causas que sejam justas. Segundo Cássio essa era a postura empregada por seu pai ao fazer política, negando enriquecimento, negando intenções econômicas, a política como atividade nobre, postura essa que o mesmo procura seguir: “como representante do meu pai ou como continuador dele”.

Essa concepção de política foi exemplificada através de um soneto de Ronaldo que Cássio recitou em uma das entrevistas, justamente para pontuar de que forma a atividade era vista e vivida por ele e por seu pai:

Sacro Santa Maria Mãe de Deus,
Ó Mãe silenciosa, Ó Virgem Santa,
A Missa terminou, a Igreja canta
As hosanas de amor dos filhos teus.

Os Evangelhos de Lucas e Mateus
Aclamam a tua graça, Ó Mãe, e é tanta,
que em preces a minh'alma se levanta,
buscando alento aos pensamentos meus.

Abençoa o meu filho em seu intento,
De ser veste, teto e alimento,
Para os humildes, governados seus.

Protege Cássio, o filho que amo tanto
Fortalece-o e cobre-o com Teu manto,

Sacrossanta Maria, mãe de Deus!

Traçado o panorama de construção pessoal e política do personagem em questão parte-se para a análise da imagem pública do mesmo, que será objeto do capítulo seguinte. Serão analisados os principais elementos que estão presentes na construção da imagem pública de Cássio Cunha Lima, a forma como os mesmos são trabalhados pelo político em questão e como essa construção é passada para os eleitores.

Serão utilizadas duas estratégias de análise: a percepção pessoal de Cássio Cunha Lima a respeito da sua imagem pública e dos elementos que a configuram; e a observação de eventos dos quais Cássio participa como figura pública, traçando assim a forma como a pesquisadora percebe a construção dessa imagem.

CAPÍTULO TERCEIRO: O *POP STAR* PARAIBANO – ESTRATÉGIAS PARA A MANUTENÇÃO DO PERSONAGEM POLÍTICO CÁSSIO CUNHA LIMA

Conforme foi discutido no primeiro capítulo, para a política de imagem parte significativa da prática política é dedicada à conquista da visibilidade do ator político, dessa forma, os candidatos ao exercício da vida pública têm se cercado de recursos que possibilitem essa visibilidade.

A construção da imagem pública está ligada a essa nova concepção de política, na qual os elementos ligados ao campo da mídia são essenciais. É uma visão centrada na ótica da representação, que tem como pressupostos a existência de personagens, enredos e possibilidades de encenação. Nesse sentido, feita a apresentação do personagem e os elementos que o configuram, é necessário delimitar de que forma o mesmo estabelece os recursos utilizados para sua representação e como se configura a construção da sua imagem pública através desses recursos.

Para tanto dois elementos serão utilizados na tentativa de compreender de que forma essa imagem é traçada, trabalhada e mantida, a saber: a própria concepção de Cássio Cunha Lima a respeito da sua imagem pública e dos elementos que a configuram; e a representação do personagem para a plateia, que será analisada através do acompanhamento de eventos no qual Cássio está presente como figura política.

3.1 “A imagem é absolutamente volátil, é hoje, não é amanhã, então você tem que construir todo dia”: a percepção pessoal da construção da imagem pública de Cássio Cunha Lima

Com quase trinta anos dedicados à vida pública, Cássio construiu uma imagem sólida e bastante presente no imaginário da população paraibana. É um dos grandes expoentes políticos da Paraíba e possui uma inserção não só no próprio estado, mas também se configura como uma figura política com projeção nacional. Atualmente ocupa uma cadeira no Senado Federal, mas mesmo antes disso já possuía uma visibilidade que ultrapassava as fronteiras paraibanas, através dos seus mandatos como

deputado federal e também do seu cargo como superintendente da Sudene, se projetou no cenário político nacional.

Essa construção foi possível por diferentes fatores, como já exposto anteriormente, a carreira política do pai possibilitou um capital político herdado; a força do nome da família “Cunha Lima” na política paraibana favoreceu os seus primeiros passos na política; porém é importante analisar quais são os elementos pessoais que estão presentes na configuração da imagem pública e política de Cássio. Para tanto serão utilizadas como referência as entrevistas concedidas pelo mesmo, através das quais será analisada a forma como o personagem construiu sua imagem, através de quais recursos e qual a visão pessoal que possui desse processo.

O primeiro fator a ser levado em consideração é o fato já exposto da importância da figura paterna não só para a construção da imagem pública de Cássio, mas também como elemento fundamental para a construção pessoal do mesmo. A trajetória de Ronaldo possibilitou uma inserção prematura de Cássio no mundo da política, que desde criança teve a oportunidade de presenciar eventos e informações sobre essa atividade.

Precedendo a construção da imagem, a influência do pai foi importante para o estabelecimento das primeiras concepções de Cássio ainda criança. Essas concepções diziam respeito à visão de mundo, a caráter, a educação, a posicionamento em relação às pessoas e também em relação a atividade política. Cássio pontua que dos filhos de Ronaldo sempre foi o mais interessado em conhecer e participar dos compromissos políticos do seu pai:

Eu sempre fui, dos filhos, o que mais manifestava interesse com a política, os meus irmãos tinham um nível de interesse menor. Então, desde cedo ele falava comigo da política, eu demonstrava interesse sobre política, conversávamos sobre os episódios do passado.

Essa herança paterna tanto no campo pessoal como no campo político é traço fundamental na formação da imagem de Cássio, o qual o mesmo procura destacar em uma das suas falas durante as entrevistas: “Meu pai é um grande exemplo e é o que eu tenho procurado fazer, meu patrimônio não é diferente muito do dele, né, absolutamente compatível com a minha renda, isso eu procuro destacar porque é algo que aponta bem qual o tipo de ação pública que eu faço, nas pegadas do meu pai”.

Foi também através da trajetória política de Ronaldo que Cássio deu seus primeiros passos na construção do seu próprio caminho como gestor público. Na campanha de 1982 para prefeitura de Campina Grande Cássio participou ativamente da candidatura do pai, o que favoreceu um primeiro contato com o eleitorado campinense. Como o próprio Cássio conta através desse relato:

Campanha belíssima, passeatas que varavam a noite, invadiam as ruas da cidade, os comícios não tinham limitação de horário; o comício de encerramento começava 8, 9 horas da noite e ia até cinco e meia, 6 horas da manhã. Nós viramos a noite nos comícios de encerramento, quando a lei eleitoral permitia e ainda terminava com uma passeata. E eu fazia isso tudo, organizava passeata, organizava comício, participava do comitê jovem, tentava ajudar na pintura dos muros, tentava conseguir algum dinheiro na venda das roupas, enfim, visitava os colégios pra pedir voto, fazia campanha de corpo-a-corpo nas casas. Eu me comportava quase que como um candidato e como coordenador de campanha. Então as coisas eram feitas dessa forma, eu atuava muito intensamente, cheguei inclusive a, na reta final da campanha, não mais frequentar o colégio.

Com a eleição de Ronaldo Cunha Lima como prefeito Cássio passa a fazer parte do quadro administrativo do governo municipal. Nesse sentido, é importante pontuar que nesse momento surge a possibilidade de contato direto entre Cássio e a população de Campina, já que este ficou responsável por assessorar o pai no atendimento ao público no gabinete do prefeito. Esse trato com o povo centrado em uma relação de proximidade é uma das marcas que Cássio faz questão de destacar como essencial tanto na personalidade política do pai quanto na sua. Em diversos momentos é possível perceber a preocupação de Cássio em trazer à tona a imagem de um político preocupado com as causas populares, que ouve os apelos dos eleitores, que estabelece um contato próximo, que o coloca como homem comum. Veremos que esse traço se repete em vários outros trechos das entrevistas.

Mesmo antes de se candidatar a um cargo eletivo Cássio já começa a construir a sua imagem pública e esse contato com a população campinense favorece essa construção. O fato de atender pessoalmente e de forma personalizada os cidadãos que procuravam a prefeitura traz a possibilidade da criação de laços entre o político e o povo, criando uma imagem de acessibilidade, de contato, de igualdade. Sendo assim, mesmo ocupando posições sociais extremamente diferentes, assumir esse papel de político que parece dedicar tempo e preocupação com o eleitor, ajuda a construir não só

uma imagem positiva, como também uma ligação duradoura com as pessoas, Cássio relata que existem diversos eleitores que o acompanham desde aquela época:

Eu tenho pessoas que ainda hoje me acompanham, daquela época. Agora no sepultamento do meu pai eu vi Amparo, que mora aqui no Zé Pinheiro, com a camisa da campanha de 82, são mais de 30 anos praticamente de lá até aqui, são 30 anos de uma camiseta que ela guardou.

Apesar de favorecer a entrada de Cássio na política, a presença do pai, nesse mesmo cenário, foi uma das primeiras dificuldades para a construção política do filho. Cássio seguia os passos do pai, mas precisava estabelecer suas próprias marcas, imprimir as suas características à sua imagem. Porém, a primeira imagem relacionada a Cássio foi justamente ligando-o ao seu pai, na Paraíba era conhecido como “o menino de Ronaldo”.

Dois elementos ficam evidentes nessa primeira imagem: o componente de jovialidade e a transmissão de capital político. A referência à palavra “menino” destaca a pouca idade que Cássio possuía na época (quando se candidatou pela primeira vez Cássio tinha apenas 23 anos). Já o segundo elemento, como já destacado no primeiro capítulo, o capital é uma espécie de poder ligado a possibilidade de "fazer ver" e "fazer crer", é uma marca de distinção que favorece o prestígio de um determinado indivíduo, permitindo que o mesmo desfrute de uma posição de proeminência frente a um campo, que, nesse caso, diz respeito ao campo político.

Essa marca de jovialidade é um ponto extremamente importante na construção da imagem pública que Cássio possui. Em um primeiro momento foi responsável por uma curiosidade estabelecida na Constituinte, fator esse que facilitou a inserção de Cássio nos mais diversos grupos existentes na mesma, como já foi relatado no capítulo anterior. Na Assembleia Constituinte marcava mais o fato de Cássio ser um político muito jovem do que ser filho de Ronaldo Cunha Lima.

Já em Campina Grande, palco de sua segunda disputa eleitoral (em 1986 Cássio se candidata a prefeito da cidade) a força desses dois elementos trouxe para a imagem de Cássio uma visibilidade muito grande. Nesse sentido, é importante pontuar a relação que Cássio e Ronaldo construíram com a cidade, nas próprias palavras de Cássio: “a presença de Campina na nossa relação de pai e filho, na nossa relação pública, ela é decisiva, ela é fundamental, ela é o eixo de tudo, ela é o ponto de partida, o ponto de

chegada”. Percebemos a construção de uma imagem pública atrelada a uma identidade cidadina, o que configura uma relação forte e estreita com a população.

Quando observamos os embates políticos que ocorrem em Campina Grande percebemos um componente de passionalidade, no qual as pessoas interagem diretamente com a política, se envolvem, a cidade fica dividida, a disputa é vivida intensamente. Dentro desse cenário a família “Cunha Lima” é presença marcante e possui uma grande força (Ronaldo governou a cidade por dois mandatos e Cássio por mais dois).

Em um de seus sonetos Ronaldo Cunha Lima relata esse amor por Campina, essa ligação e também a forma como pai e filho criam um elo através dessa relação com Campina Grande. Em mais uma oportunidade, Cássio se remete a essa questão recitando em uma das entrevistas outro poema do pai:

Como é bom terminar uma caminhada
Do jeito que você aqui termina
Com as bênçãos do povo de Campina
E a alma dentro de si recompensada

Suas obras, seus gestos, até seu pranto
Chorado em muitas noites indormidas
São paisagens que ficam refletidas
Dentro do pai que lhe admira tanto

Campina chora com saudades suas
Mas ficaram lembranças pelas ruas
Nessas obras que todo mundo vê
Fiel é a emoção que me domina
Beijo você ao abraçar Campina
Beijo Campina ao abraçar você.

Essa relação com Campina Grande favoreceu a criação de uma forte ligação não só entre pai e filho, mas também com a própria cidade. Como já foi pontuado anteriormente, ao transmitir para Campina Grande o desejo de eleger Cássio como seu

sucessor, Ronaldo possibilita ao mesmo a oportunidade de trazer para a imagem do filho um elemento de continuação do seu próprio trabalho, angariando a edificação que o ele já havia construído na cidade.

Cássio não herda do pai o jeito boêmio de ser (Ronaldo, ou “o poeta” como era chamado, possuía a imagem de um político simples, que era encontrado nas ruas e nos bares da cidade), mas traz da figura paterna a formação humanista que diz possuir e empregar nos seus atos como homem público. Para assinalar esse traço, Cássio pontua que:

cada encontro que eu tenho com uma pessoa, tanto faz ser uma autoridade ou um humilde trabalhador, eu procuro ter ouvidos para aquela pessoa, qualquer que seja o que ela tem a dizer, isso, isso cria liga, isso cria vínculo, você dá o seu tempo a outro, a ouvir o que a pessoa tem a lhe dizer. Isso é uma característica que eu trago, que é muito forte, e que faz a diferença.

A herança paterna foi fator fundamental e extremamente importante para os primeiros passos de Cássio na política e também para uma primeira construção de sua imagem. Podemos perceber que o pai é sempre citado, seja em discursos, seja em conversas informais, seja nas entrevistas concedidas. É um elemento constituinte da figura de Cássio como político, fato esse que pode ser sintetizado em uma de suas falas:

Eu me orgulho muito de ser identificado como Cunha Lima, como do grupo Cunha Lima, como representante do meu pai ou como continuador dele, exatamente pela edificação que ele tem.

Fica evidente que a primeira concepção de imagem pública de Cássio está ligada à herança paterna, tanto no campo político, no qual herda o traçado do pai na seara política paraibana, como também na sua formação pessoal, através da educação recebida em casa; Cássio se forma a partir dos ensinamentos e das posições do seu pai. Em um dos seus relatos sobre a sua participação na Assembleia Constituinte Cássio evidencia a importância dos ensinamentos recebidos do seu pai:

Essa história é muito importante, porque fora as questões programáticas, doutrinárias da Constituinte, o grande embate político, real, cotidiano, seria a definição do tamanho do mandato do Presidente Sarney. Sarney, a rigor, era pra ter um mandato de seis anos, mas nós queríamos um mandato de quatro anos pra ele, como terminou ficando o mandato dos demais presidentes. Só que Sarney fez um casuísmo e conseguiu um mandato de cinco anos usando essa maioria dele, e aí

usava a máquina do governo violentamente. Na época Antônio Carlos Magalhães, senador pela Bahia, era Ministro das Comunicações, e naquele tempo a distribuição de rádio e televisão era simplérrima, você participava lá de uma pseudo-licitação e entregava a quem quer, tanto é que no Nordeste hoje quase todos os grandes, né, os grandes grupos políticos, as chamadas oligarquias, elas tem emissora de rádio e televisão. Talvez a única representação que tem maior peso, maior expressão na política do Nordeste, que não tem uma rádio, uma televisão, não tem um jornal, somos nós. Porque se você for pro Rio Grande do Norte, Garibaldi tem televisão, Zé Agripino tem televisão; se você for pro Maranhão, família Sarney tem televisão, aí nem se fala; se for na Bahia, Antônio Carlos Magalhães tem televisão. Se você fizer uma análise, essas grandes lideranças tradicionais, da época, do Nordeste, o único que, que não tinha e que não tem rádio e televisão somos nós. E a proposta de Antônio Carlos Magalhães foi muito clara, ele dizia: “você vai ser o Luís Eduardo da Paraíba”, Luís Eduardo era o filho dele, né, “você vai ser o Luís Eduardo da Paraíba, agora precisamos que você vote cinco anos para Sarney”, eu digo: “Olhe, já tenho um compromisso de votar quatro anos”. A proposta dele era me dar o que hoje é a “Rádio Panorâmica, que aí hoje tá com Damião Feliciano, porque Aluísio Campos, aquele que eu falei no início da entrevista, era muito amigo de Damião e conseguiu a rádio para Damião. O que é hoje a “TV Tambaú” em João Pessoa, era pra ser minha ou de quem eu indicasse, e aí Marcondes Gadelha, que era Senador, e que votou pelos cinco anos, conseguiu ganhar essa concessão, mais na frente Marcondes vendeu essa concessão para o “Grupo Marquise”. E o que é hoje a rádio, era na verdade, hoje é a “Rádio Arapuã” era pra ser nossa também. Então a proposta era muito clara: um canal de televisão em João Pessoa, uma rádio em Campina, outra rádio em João Pessoa, uma rádio aqui em Esperança, essa “Rádio Cidade Esperança” que hoje está no ar, que é onde Juarez Amaral faz o programa dele, também era pra ter sido minha, né, ou nossa. Enfim, ganhou Marcondes Gadelha, ganhou pelo fato de votar nos cinco anos, e o compromisso era abrir um outro canal de televisão aqui, eu não podia votar os cinco anos e consultei meu pai. Meu pai disse: “Não, você não vai vender seu voto por conta de, de televisão, de rádio e mantenha seu compromisso, vote quatro anos pra Sarney”. E assim foi feito, votei os quatro anos pra Sarney, daí pra frente Antônio Carlos Magalhães nem me receber mais em audiência recebia, e aí terminou ganhando na Paraíba as emissoras de rádio e TV quem votou nos cinco anos. Os que votaram pelos quatro anos, acho que eu, Mariz, Mariz eu me lembro bem que votou pelos quatro anos, obviamente não tivemos chance nenhuma. Então esse episódio mostra bem a forma como o meu pai enxergava a política, e ali foi exemplar pra mim, eu tinha apenas 22 anos, 23 anos, melhor dizendo, na época 86, eu tinha 23 anos, 24 anos, eu me elegi com 23, a Constituição, a Constituinte foi no ano seguinte, 24 anos, não importa, muito jovem. Então se meu pai tivesse dito: “não meu filho, troque o voto, né, como é que você vai perder uma emissora de televisão “, porque além de ser politicamente importante, economicamente é um bom negócio, as pessoas ganham dinheiro com isso. E meu pai disse: “não, você já não se comprometeu com os quatro anos? Não é o que você acredita? Não é o que você defende? Então você não vai, não vai trocar seu voto por isso”. Então meu pai sempre me deu essa formação que foi, eu agradeço a deus, porque foi muito correta, né, foi muito importante. E

a pressão em cima desse voto foi muito grande porque contando hoje parece uma coisa simples, uma coisa banal, mas foi um momento de muita tensão. Saulo Ramos, jurista, grande amigo do meu pai, era Consultor Geral da República, me chamou a casa dele certo dia, sabendo que eu tava votando pelos quatro anos e chegou a insinuar em uma conversa muito inteligente, que poderia ter um Golpe de Estado caso a Constituinte aprovasse os quatro anos pra Sarney. Era um clima muito tenso, era uma coisa, hoje a gente contando, faz parte da história, fica mais leve. Aí enfim, mantive minha posição, votei pelos quatro anos, perdi as emissoras de rádio, perdi as emissoras de televisão, mas mantive a honra, mantive o nome, né. Isso foi criando conceito no Congresso, porque você via pessoas mudando de posição, pessoas que tinham uma posição aqui e de repente, no outro dia tavam na outra posição, porque tinham sido cooptadas por essa estrutura do governo, do governo Sarney, sobretudo de entrega de canal de rádio e televisão, que foi uma distribuição farta Brasil a fora. Eu acho que o principal aprendizado, que já era da minha vida antes de mandato, foi exatamente esse eu contei né, do meu pai, de dizer: “olhe, cumpra a sua palavra, honre seus compromissos, aquilo que você acertou tem que ser cumprido”, esse foi a grande lição, se nesse instante, é muito simbólico isso, eu hoje poderia ser um empresário bem sucedido, se fosse dono de duas emissoras de televisão e duas emissoras de rádio, mas eu não teria, seguramente, a imagem pública que eu tenho hoje, porque as pessoas percebem, no Congresso você acaba angariando respeito, simpatia, quando você é posicionado, não importa qual seja a sua posição, não importa qual seja a sua posição, seja posição de direita, de esquerda, de centro, o que for, você ganha respeito quando você tem uma posição.

Explorado esse primeiro traço da imagem de Cássio é importante traçar de que forma, ao longo dos anos, outros elementos foram sendo elencados a essa imagem a fim de construir o que hoje é uma imagem sólida e multifacetada.

Arelada a essa influência paterna, um dos primeiros traços constitutivos da imagem de Cássio é a jovialidade, que traz para a figura do mesmo a noção de menino, mais especificamente “o menino de Ronaldo”. A pouca idade revela um componente de curiosidade e de encantamento nos eleitores, principalmente no público feminino e nos idosos.

Cássio destaca que em suas primeiras campanhas esse componente de juventude era extremamente marcante e importante, mas possuía armadilhas com as quais teve que aprender a lidar. “Cássio coisa linda”, como era chamado na época, evidencia a aparência e a jovialidade de Cássio, causando certo *frisson* na parcela feminina do eleitorado, trazendo uma enorme aderência de votos.

Porém, esse mesmo traço que gerava uma grande aproximação do público feminino, acabava afastando o eleitor masculino que estava inserido na mesma faixa etária de Cássio:

Eu tinha, hoje já não tenho mais tanto, mas eu tinha um problema sempre na faixa etária dos 25 aos 35 anos, esse era um eleitor que eu tinha dificuldade de me comunicar, de sensibilizar. Os mais jovens não tinham problema, votavam comigo, tinham uma identidade; os mais velhos, quando eu falo mais velhos são pessoas de 70/80 anos, tinham um encantamento comigo, né, ainda hoje eu tenho um retorno de pessoas idosas que é uma coisa comovente, é lindo mesmo; mas aquela faixa de meia idade eu tinha problemas, então tinha uma parte que votava e aquele núcleo de rejeição que eu sofria essa dessa faixa etária.

Cássio pontua que foi preciso traçar uma estratégia de campanha capaz de trazer essa faixa do eleitorado masculino para o seu lado, para tanto concentrou seus esforços em participar de eventos destinados ao público masculino, como as partidas de futebol no “Meninão”, visitas à “Feira da Prata” aos domingos, entre outros.

Ao assumir a prefeitura de Campina Grande Cássio se insere em uma nova fase de construção de imagem: consolidar no imaginário popular os traços adquiridos através da influência paterna; evidenciar seus primeiros passos na política, como Deputado Constituinte; construir novos traços a partir do seu trabalho como político dentro da Paraíba.

Para que possamos compreender de forma mais clara como essa imagem vai sendo formada é interessante traçar um panorama da visão de Cássio acerca do conceito de política.

O primeiro ponto a ser considerado, que nos permite traçar um importante traço na atuação de Cássio como político é exatamente o que o mesmo considera como ponto essencial nesta atividade, a possibilidade de servir, de encarar a política como sacerdócio, ou em suas próprias palavras: “esse poder servir, aquela velha frase, o adágio de fazer o bem sem saber a quem”.

Percebe-se a preocupação em pontuar a atividade política como algo que requer entrega, sacrifício, necessidade de colocar o outro em primeiro lugar, ou seja, uma visão de política como possibilidade de transformação efetiva da realidade dos eleitores. Dentro dessa percepção o político se coloca como servo do eleitor, a fim de possibilitar que as necessidades dos mesmos sejam sanadas.

Para que tal concepção se torne parte constituinte da imagem pública é necessário que os eleitores acreditem que essa preocupação se transforme em prática. Nesse sentido, um segundo ponto se evidencia na visão de política que Cássio possui: a política como atividade egoísta, que requer uma dedicação plena, que quer o indivíduo

por inteiro, por completo, então, como o mesmo faz questão de pontuar: “eu vivo e respiro a política praticamente 24 horas do meu dia”.

Diante desta perspectiva da atividade política Cássio estabelece os elementos que nortearão a sua postura enquanto líder, elementos estes que farão parte da sua encenação como personagem político.

Nesse sentido, uma das principais preocupações imagéticas do político em questão é se posicionar como um gestor público que ouve seus eleitores, que se coloca à disposição, que traça uma relação de intimidade e de proximidade com o público. Analisaremos essa questão de forma pormenorizada mais adiante.

Outra característica essencial para a imagem de Cássio é a de zelador, ou seja, aquele que tem cuidado com a coisa pública, que possui um trabalho árduo em perceber quais são os *déficits* e necessidades do espaço que governa, que se doa incansavelmente para essa função. Esse é um ponto que Cássio faz questão de destacar em diversos momentos durante as entrevistas, pontuando as suas extensas jornadas de trabalho, seu acompanhando às atividades exercidas pelos seus governos, em suas palavras:

então essa imagem do grande zelador eu construí, porque eu zelava pela cidade, eu trabalhava muito, era jornada de trabalho intensa. Por outro lado, eu pensava muito sobre a cidade, me dava prazer me reunir com os secretários, com grupos de pessoas pra pensar a cidade, projetos importantes, colher da cidade e ver pra onde ela queria ir. Foi suor, dedicação, trabalho, trabalho braçal mesmo, de acompanhar como as coisas funcionavam nas escolas, como funcionavam nas creches, como é que tava o dia-a-dia da cidade.

Em diversos momentos Cássio faz questão de sublinhar que em sua trajetória pública sempre houve uma preocupação em estar em contato com a população e com o espaço que governava, seja a cidade ou o Estado, estabelecendo extensas jornadas de trabalho. Nesse sentido, além de trabalhar uma imagem de um político que se dedica de forma exaustiva, Cássio se preocupa em estabelecer um personagem dedicado, próximo, ligado aos eleitores e às suas necessidades.

É no trabalho cotidiano que Cássio constrói a sua imagem, já que para ele: “a imagem, é claro, que ela é construída tijolo a tijolo, mas a imagem pública ela é muito volátil, você pode estar hoje em um excelente momento e amanhã você virar pó”.

Destacando assim a necessidade que se impõe de (re) construir diariamente os elementos que constituem seu aparato imagético.

Dentro dessa perspectiva é importante analisar um dos momentos mais críticos para a imagem pública de Cássio Cunha Lima: a cassação do seu mandato de governador. Em 30 de julho de 2007 Cássio é cassado pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba acusado de usar um programa social em benefício de sua candidatura à reeleição durante o período eleitoral de 2006. Porém, consegue uma liminar através da qual fica garantido o direito de permanecer como governador até o julgamento final do processo no TSE. No final do mesmo ano é novamente cassado em 10 de dezembro de 2007, acusado de uso eleitoreiro do Jornal estatal "A União" também durante a campanha eleitoral de 2006, e assim como na primeira acusação, Cássio tem o cargo garantido através de uma nova liminar. Após um longo processo Cássio tem seu mandato cassado em definitivo no dia 17 de fevereiro de 2009, assumindo em seu lugar o ex-senador José Maranhão.

Um pouco antes da definição do seu processo de cassação um texto escrito por Cássio é publicado na coluna “Opinião” no jornal Folha de São Paulo. Intitulado como “A soberania do voto popular” o texto é uma tentativa de explicação e defesa das acusações que o político estava sofrendo no momento:

O fundamento principal da democracia é a soberania do voto popular. O Brasil viveu, em décadas recentes, a asfixia do arbítrio, quando governantes eram escolhidos por mecanismos que desprezavam a vontade popular expressa nas urnas. A sociedade brasileira se levantou num grande movimento pela defesa do direito de votar na memorável campanha das Diretas-Já.

Conquistamos a nossa democracia, que se fortalece com as eleições sucessivas, com a alternância dos partidos no poder, com o aprendizado da liberdade. Avançamos muito, mas ainda restam aspectos relevantes a serem aperfeiçoados. Quero tratar, em especial, de processos judiciais que têm o poder de modificar o resultado do voto popular, removendo mandatários eleitos e empossando candidatos minoritários nas urnas.

Trato não apenas de meu caso como governador da Paraíba, mas da situação de mais sete governadores eleitos e ameaçados de cassação. Eleições têm leis e regras, e elas devem ser cumpridas, sem, no entanto, perder-se de referência o mandato derivado da soberania popular, conquistado em eleições livres, após amplo debate público, com os cidadãos mobilizados.

Submeti ao Tribunal Superior Eleitoral recurso para que o meu caso seja reexaminado. Fui condenado pela suposta inexistência

de leis e de orçamentos para a execução de programas sociais, mas as leis e os orçamentos existem. São as leis 7.020, de 22 de novembro de 2001, e 7.611, de 30 de junho de 2004, que instituiu o Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza. Fui condenado pelo suposto uso promocional do programa Ciranda de Serviços, mas a última edição do programa no ano de 2006 ocorreu no dia 21 de junho no município de Sumé, antes do início da campanha eleitoral.

Fui condenado por supostamente entregar cheques de um programa social, mas não o fiz, tanto que o Ministério Público colheu centenas de depoimentos sem que tenha encontrado uma única evidência dessa acusação. É paradoxal que, mesmo sendo acusado de distribuir cheques, o que não fiz, não fui denunciado por compra de votos ou improbidade administrativa, mas pelo suposto uso promocional dos programas. Não há base factual para a cassação do mandato conferido a mim pelos paraibanos. Fui incapaz de chamar a atenção para esses fatos, e faço a autocrítica.

Mas tenho a certeza de que um reestudo do processo por parte dos senhores ministros permitirá evidenciar essas verdades. Reivindico também para a Paraíba o mesmo direito já concedido nos processos de outros Estados, como Santa Catarina, Tocantins e Rondônia, no que se refere à presença do vice-governador como parte obrigatória do processo, com o direito de apresentar defesa e produzir provas, o que foi formalmente negado pela Justiça, sob pena de violarem-se os princípios constitucionais do contraditório e da ampla defesa.

Ganhei quatro eleições para o governo da Paraíba (os dois turnos de 2002 e os dois turnos de 2006). Recente pesquisa do Ibope mostrou a aprovação de 69% dos paraibanos para o meu governo. A Paraíba é o Estado do Nordeste que mais reduziu a pobreza em 2007, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas. Nosso Estado é o que mais avançou no cumprimento das metas do Ministério da Educação. Os resultados do Ideb indicam que, na oitava série do ensino fundamental e no terceiro ano do ensino médio, as médias da Paraíba ultrapassaram, já em 2007, as metas previstas para 2009. O Índice de Desenvolvimento Humano da Paraíba cresceu de 0,583 para 0,718 entre 2000 e 2005 e equipara-se agora ao de Estados com economia mais forte.

Colocamos as finanças da Paraíba em ordem, com superávit não só primário mas também nominal (depois de pagos os encargos da dívida) de R\$ 172 milhões em 2008. A Paraíba teve o quarto maior crescimento econômico do Brasil em 2006 (6,7%) e foram gerados, desde 2003, 58 mil empregos, segundo o Ministério do Trabalho, um número significativo para as dimensões da nossa economia.

Tanto a minha eleição como a reeleição foram limpas e expressaram a vontade do povo da Paraíba. Enfrentei e venci

grupos políticos, econômicos e de comunicação poderosos em nosso Estado que não se conformam com a derrota nas urnas. Defendo, acima de tudo, a soberania do voto popular, elemento essencial da democracia, pois foi por ele que enfrentamos a ditadura e o arbítrio, e será com ele que fortaleceremos a nossa democracia.⁹
(Jornal Folha de São Paulo, 02 de fevereiro de 2007)

Nota-se uma preocupação em sensibilizar a população para a sua importância como protagonista nos processos sociais, nos quais a vontade do povo deve ser soberana. Nesse sentido, podemos perceber que Cássio estabelece uma narrativa na qual sublinha os seus feitos e suas conquistas como governante em uma tentativa de trazer para os eleitores elementos que possibilitem uma reflexão favorável à aprovação do mesmo como político.

Assim como no texto publicado na Folha de São Paulo, durante as entrevistas, Cássio também faz questão de pontuar que a sua cassação foi uma decisão equivocada e centrada em elementos controversos. Em sua concepção a sua eleição como governador em 2006 não dependeu dos fatores que a Justiça Eleitoral acatou no processo de cassação.

Ao longo de quase dois anos de processo (julho de 2007 a fevereiro de 2009), Cássio teve tempo para construir uma narrativa de defesa que, mais do que convencer a justiça, explicasse e convencesse a população de que era inocente de tais acusações. Um trabalho minucioso e de extrema importância, com o intuito de defender e fazer permanecer uma imagem pública de quase 30 anos.

Além de utilizar de toda sua trajetória como político, pontuando seus feitos tanto para Campina Grande, como também para o estado da Paraíba, Cássio usou a sua proximidade com o povo como uma ferramenta para (re) construir a sua imagem pós-cassação.

Cássio pontuava que o fundamento da sua cassação era baseado em um programa social do governo que visava ajudar a população carente, que não havia componentes de corrupção, de mal versação de dinheiro público, de improbidade. Sua defesa era baseada em argumentos que sensibilizavam a população, que procuravam demonstrar a preocupação do político com a população que tinha o tinha eleito, em suas palavras:

⁹ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0202200908.htm>. Acessado em 26 de Junho de 2013.

eu fui cassado por ajudar os pobres, porque a justiça entendeu que não tinha lei específica e eu não me arrependo, como ainda hoje não me arrependo. Salvei vidas, tenho certeza disso. Ajudei pessoas que precisavam muito, nunca entreguei cheque a ninguém, não era um programa pessoal, tinha critérios, tinha análise técnica, tinha uma lei que protegia, existia uma provisão no orçamento, tanto é que o Tribunal de Contas aprovou o programa.

Foi dentro desse contexto, extremamente astuto, que Cássio se encaminhou para a última, até então, campanha política: se candidatou a uma vaga para o Senado Federal. A estratégia era demonstrar que apesar das acusações sofridas ele não possuía uma ficha suja, durante os comícios, as inserções na televisão, as conversas do cotidiano, pontuava todo seu trabalho ao longo dos anos, um trabalho que era direcionado a população. Pontuava também sua experiência ao longo de quase trinta anos na política e que toda essa conjuntura o tinha preparado pra exercer um trabalho em prol da Paraíba no Senado Federal.

O resultado das urnas comprovou a força política de Cássio, pois apesar de ter sido cassado, o político alcançou um total um milhão de votos, o que representa um pouco mais da metade do eleitorado paraibano. O compromisso com a verdade é a justificativa que Cássio atribui a essa vitória:

Quando você faz uma acusação a alguém e essa acusação é verdadeira, a pessoa vai lá e sucumbe, como a gente já viu. Quando essa acusação não é verdadeira, ela deixa mostra, deixa marcas. As pessoas sobrevivem e às vezes ficam mais fortes, porque tem um contingente enorme de pessoas que acreditam em você. Então é isso, tem um segmento que acredita, que vai nessa onda, mas tem uma contra onda, que é exatamente de pessoas que sabem que isso não é verdade e que aí, por aí, pelo meio da rua, em casa, nos ambientes que convivem e que frequentam elas fazem minha defesa. E aí vem o resultado eleitoral. A verdade é muito forte, a verdade sempre vence.

Essa última campanha traz uma peculiaridade importante: a utilização de mídias sociais como forma de promover a candidatura. Já conhecido como “telepolítico”, por possuir uma enorme habilidade perante as câmeras, Cássio lança mão de duas novas mídias sociais em sua campanha para senador, o *Twitter* e o *Facebook*.

Cássio foi construindo uma intimidade com a televisão ao longo dos anos em decorrência do número de campanhas que concorreu: duas vezes para deputado federal; três vezes para prefeito de Campina Grande; duas vezes para governador da Paraíba; e uma vez para senador.

A habilidade com as câmeras favorece um “diálogo” com o eleitor, que se sente mais próximo do político em questão. Aliada a sua aparência física, a facilidade em se comunicar com as câmeras, a sua boa dicção (Cássio possui um tom de voz calmo e pausado em suas inserções na televisão), constroem uma imagem de naturalidade perante as câmeras.

Com o desenvolvimento de novas tecnologias, outras mídias se tornam evidentes, como exemplo o *Twitter* e o *Facebook*. Em conexão com essas mudanças, Cássio insere em seu repertório imagético a habilidade com esses novos componentes midiáticos, evidenciando o seu dinamismo e sua facilidade em incorporar mudanças. A utilização desses novos canais midiáticos amplia a comunicação do político com seus eleitores, gerando uma sensação de proximidade e de valorização.

Segundo o próprio Cássio: “eu faço isso de forma mais ou menos empírica, eu faço de maneira que as pessoas se sintam ouvidas por mim. Então é isso, você vai montando essas redes, as pessoas se sentem valorizadas, se sentem gente, não é?”. Percebe-se a preocupação em se estabelecer como um político atento às mudanças, o que favorece a imagem de jovialidade, de dinamismo e de modernidade, mesmo possuindo uma carreira política extensa (quase 30 anos de vida pública) e uma grande carga de experiência nesse campo. Aliada a essa preocupação nota-se, mais uma vez, um traço marcante na postura política de Cássio: construir a imagem de um político humano, que valoriza as relações humanas e que busca a proximidade com seu eleitor.

Por fim, utilizamos a autodefinição de Cássio enquanto político e detentor de uma imagem pública:

O Cássio político é muito mais virtuoso do que o Cássio pessoa, eu sou muito mais criterioso na minha ação política do que como pessoa. Então é isso, não tem nada de muito especial não, apenas a compreensão de que tenho uma vida que não é egoísta. Isso aí eu posso dizer: “eu não tenho uma vida egoísta”, a minha vida foi de dedicação a muitas e muitas pessoas, a muitas e muitas causas, e talvez eu tenha sido egoísta na perspectiva da relação interpessoal com família, com filho, onde priorizei mais a política do que essa convivência.

Percebemos que Cássio se preocupa em construir a imagem de um político que abre mão das suas vaidades, das suas vontades, do contato com a própria família, para viver em prol da população. A ação política, pública acaba se tornando o elemento central no discurso de Cássio, a prioridade é servir, se dedicar, se colocar acima de si mesmo, trabalhando por um bem maior, como o mesmo faz questão de deixar claro em suas palavras.

3.2. A rua como palco: o *Popstar* em ação

Outro elemento importante para a reflexão acerca da imagem pública de Cássio Cunha Lima foi o acompanhamento a algumas atividades políticas do mesmo, esse elemento ampliou o universo de análise da pesquisa, que a partir desse momento passou a contar com a possibilidade de uma percepção centrada no olhar do pesquisador em relação ao posicionamento tanto de Cássio em seu cotidiano político, quanto no posicionamento do público em relação à presença do mesmo. A construção de uma reflexão acerca da imagem pública do ator pesquisado se tornou algo mais amplo a partir dessa etapa da pesquisa.

Estar em contato direto com o cotidiano do pesquisado favorece um olhar mais minucioso em relação a sua imagem e aos elementos que estão envolvidos nesse processo de construção, reconstrução e permanência da mesma no imaginário popular. Além disso, agrega novas percepções e concepções que não seriam possíveis sem essa imersão na própria prática política de Cássio Cunha Lima.

O primeiro evento que acompanhamos foi uma participação de Cássio em uma programação na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no dia 15 de Agosto de 2012. O evento em questão era uma reunião do comando de greve, a qual Cássio foi convidado a participar para auxiliar nas negociações com o governo. O intuito era ampliar a visibilidade do movimento e permitir outros canais de discussão, permitindo assim a sua ampliação e potencialização.

O posicionamento de Cássio é de atenção e preocupação com os discursos de cada participante. E no seu próprio discurso se remete aos pontos citados pelos outros integrantes da mesa, em um movimento de buscar soluções para cada demanda colocada

em questão. Pontuando sempre as sua preocupação com a área da educação, bem como as suas realizações nesse campo enquanto assumiu os cargos de prefeito de Campina Grande e de governador da Paraíba.

Após o término do evento um verdadeiro alvoroço se forma ao redor de Cássio, entre entrevistas, fotos e cumprimentos, há uma grande demanda por algo que ligue as pessoas, mesmo que de forma instantânea, a figura do mesmo. Percebemos que esse contato gera uma grande emoção nas pessoas, uma verdadeira comoção, as pessoas se sentem próximas e também realizadas, exibem as fotos como se fosse um troféu, escutam-se as pessoas falando o quanto esse momento foi esperado e o quanto isso é representativo para as mesmas.

O que fica evidente é o carinho e a admiração das pessoas em relação a Cássio, através do olhar, do sorriso e da emoção que toma conta das mesmas após a foto, o abraço, o beijo, ou qualquer elemento que represente uma interação. Outro fato que chama atenção é a disponibilidade do político em atender aos pedidos do público, sempre em um movimento de atenção e cuidado, esse tipo de posicionamento é algo que o próprio Cássio sempre menciona, tanto nas entrevistas quanto nas conversas informais que tivemos, como um tipo de atitude que favorece a sua imagem e que o torna mais próximo dos seus eleitores e da população em geral. Há um elemento que se destaca: o olhar de Cássio, ele tá sempre focado na pessoa com a qual o mesmo está interagindo, transmitindo para as pessoas uma sensação de que são únicas, de que naquele momento são verdadeiramente importantes.

O segundo evento observado foi o lançamento de um dos candidatos a vereador pelo PSDB, partido de Cássio, da cidade de Campina Grande, no dia 16 de Agosto de 2012, ao qual foi pedida a presença de Cássio. Com a sua chegada há uma grande movimentação de pessoas se deslocando em sua direção, gerando um pequeno tumulto. Cada um espera conseguir uma foto, um cumprimento, um olhar, ou ao menos conseguir falar algo para o político. É interessante perceber que, mesmo acompanhado pelo próprio candidato que está lançando sua candidatura, quem chama a atenção é Cássio. A primeira demanda é por uma interação com este, e só depois de alcançada é que parte-se para um contato com o outro indivíduo em questão. Todo esse movimento retarda a chegada de Cássio ao palanque, já que o mesmo apresenta uma grande preocupação em atender aos pedidos do público.

Durante todo o seu discurso Cássio é muito aplaudido, principalmente nos momentos em que fala de si mesmo e da sua própria trajetória política. Ouvem-se gritos

de “lindo”, “coisa linda”, entre outros adjetivos que surgem da plateia. Em um dado momento de sua fala, insinua uma situação na qual pudesse voltar a ser governador, nesse momento as pessoas entram em êxtase, muitos aplausos e muita gritaria tomam conta do ambiente, o público entoam coros de “nosso governador”, “o melhor governador que a Paraíba já teve”, “vai ser nosso presidente”.

O término do discurso levanta as pessoas de seus lugares e gera uma grande agitação e movimentação no recinto. A saída de Cássio é acompanhada por mais uma situação de emoção do público, que o cerca para fotos, para abraços e beijos, e muitas vezes para destinar palavras de carinho, admiração e também de acalento por conta da morte de seu pai. É comum escutar falas do tipo “eu vim aqui só pra te ver”, remetendo a uma situação de fidelidade das pessoas em relação ao político, na qual as pessoas o acompanham em seus compromissos e atos públicos.

Em um terceiro momento de observação pudemos acompanhar Cássio Cunha Lima em uma de suas viagens para o interior do Estado, a qual tinha como objetivo participar de campanhas de políticos aliados, viagem realizada no dia 17 de Agosto de 2012. A partir de leituras de sites jornalísticos e *blogs* políticos da Paraíba pudemos perceber que a presença de Cássio é muito requisitada nesses eventos, evidenciando um posicionamento centrado da crença de que a presença do mesmo traz para os eventos uma maior visibilidade e também uma grande motivação para a participação popular.

Nossa primeira parada foi em Bayeux, próximo a João Pessoa, para a abertura do comitê da candidata a prefeitura, Sara Cabral. Por conta de um desencontro de informações em relação ao horário de início do evento, ainda não havia público no momento que chegamos. Porém, após anunciada a presença de Cássio, percebemos uma grande movimentação em direção ao local no qual o comitê estava localizado. O público aumenta consideravelmente após anunciada a chegada de Cássio, gerando, mais uma vez, uma grande demanda por algum tipo de interação das pessoas com o mesmo.

Sáímos em direção à cidade de Patos, no sertão paraibano, para a participação em um comício do candidato a prefeito da cidade, Dinaldinho. A nossa chegada ao aeroporto já é esperada por um grande número de pessoas, que pedem fotos, entrevistas, beijos e abraços e que seguem acompanhando nosso carro durante todo o trajeto entre o aeroporto e o local do comício.

A presença de Cássio no palanque promove aplausos e demonstrações emocionadas de carinho e reconhecimento. Mesmo durante o discurso de Dinaldinho, o foco do público é outro: prestigiar Cássio; gritam seu nome, entoam coros, tiram fotos,

lhe entregam crianças, em uma relação de admiração e confiança. Quando começa a sua fala percebemos que o público se cala e destina toda a sua atenção às palavras que estão sendo proferidas.

Nota-se que muitas pessoas fotografam e gravam o seu discurso, sempre comentando o quanto ele é lindo e quanto já fez pela Paraíba. Outro elemento marcante é a oratória de Cássio, que durante seu discurso entoa frases e conclamações que levam o público a segui-lo em seus pedidos e solicitações. O que fica evidente é que durante sua fala ele alterna momentos de calma e de extremo êxtase, através de mudanças no tom de voz, de bordões e citações que causam efervescência na plateia, um discurso que parece emocionar a plateia e levar os seus eleitores a uma participação permeada de elementos que envolvem o universo subjetivo e afetivo dos mesmos.

Em outro momento da nossa presença em Patos, já na casa do candidato Dinaldinho, observamos que esse tipo de posicionamento não parte apenas da grande massa que participa do comício, mas se prolonga também nos candidatos a uma vaga de vereador não só na cidade, como também em municípios vizinhos. Esses políticos enxergam na aproximação com Cássio, uma possibilidade de alavancar as suas candidaturas, ou seja, é através de vínculo com a imagem do mesmo que os candidatos pretendem angariar uma maior visibilidade e prestígio em relação aos eleitores. Nesse sentido, há uma demanda para que Cássio grave pequenos discursos em favor dos candidatos em questão.

No dia seguinte, 18 de Agosto de 2012, tivemos a oportunidade de acompanhar Cássio em eventos pela cidade de Campina Grande. O primeiro deles foi uma caminhada informal ao lado do seu irmão Ronaldo Filho, candidato a vice-prefeito da cidade, no centro. Durante uma hora e meia presenciamos demonstrações de carinho, emoção, reconhecimento, admiração por parte do público.

Impressiona o fato de que pessoas de todas as idades, de escolhas partidárias diferentes, independente do gênero, admiram a figura de Cássio, procurando se aproximar do mesmo, tirar fotos, proferir palavras de agradecimento, de carinho e de reconhecimento pelo seu trabalho como político. Cássio se coloca em uma posição atenção e cuidado em relação a essas pessoas, procurando estabelecer um contato direto e único, mesmo que dure um pequeno instante, mais um dos comportamentos que o mesmo pontua em entrevistas e conversas pessoais como forma de construir e consolidar sua imagem pública.

A identificação das pessoas com o político é tão forte e intensa que o mesmo procura a todo tempo evidenciar a presença do seu irmão, que seria no momento, o foco da caminhada, já que o mesmo pleiteia uma vaga de vice na prefeitura da cidade. A identificação do povo com Cássio é perceptível tanto nas falas, quanto nos gestos, o que dificulta a interação das pessoas com Ronaldo Filho. Em primeiro lugar busca-se o contato com Cássio e só depois há alguma demanda em relação ao candidato a vice-prefeito.

Por onde passa Cássio causa emoção e alvoroço, escutamos comentários do tipo “pensa que é só artista da Globo que para o trânsito?”, “se você apoiar uma cachorra, eu voto na cachorra”, “Olha Cássio coisa linda ali, ele é bonito demais, fica velho e não muda”, evidenciando uma situação de devoção, fidelidade e admiração em relação a sua figura política.

Saímos do centro da cidade em direção a um velório de uma senhora, Cássio nos explica que possui essa característica de demonstração de carinho e atenção para com aqueles que têm, ou tiveram, algum tipo de relação com o mesmo. Esse posicionamento evidencia uma percepção que o mesmo já havia pontuado: a possibilidade de proximidade entre Cássio e o povo. Há uma tentativa, uma construção, mesmo que momentânea, de igualdade e intimidade, procurando uma desmistificação da figura do político, trazendo-o para o mundo cotidiano como uma pessoa igual às outras. Essa situação é percebida em diversos momentos, no quais as pessoas realmente demonstram que se sentem próximas, queridas, e que fazem parte do quadro de referência de Cássio.

Presenciamos mais um desses momentos durante a nossa ida a um churrasco de um ex-funcionário da prefeitura. Chegamos à casa de Carlinhos e já percebemos uma grande movimentação dos convidados, pessoas querendo abraçar e tirar fotos, além disso, o que fica mais marcante é a reação emocionada dos donos da casa. Percebemos um semblante de gratidão e agradecimento pela presença de Cássio no evento. Cássio tenta demonstrar um posicionamento de naturalidade e envolvimento, preocupando-se em estabelecer um contato íntimo e atento com as pessoas que o rodeiam. Outro elemento importante é a questão da interação informal que Cássio procura com as pessoas, buscando evidenciar o componente de igualdade e intimidade nos contatos que o mesmo pontua como de extrema importância na desenvoltura do seu papel enquanto político, como afirma em uma das entrevistas realizadas durante a pesquisa:

Cada encontro que eu tenho com uma pessoa, tanto faz ser uma autoridade ou um humilde trabalhador, eu procuro ter ouvidos para aquela pessoa, qualquer que seja o que ela tem a dizer, isso, isso cria liga, isso cria vínculo, você dá o seu tempo a outro, a ouvir o que a pessoa tem a lhe dizer. Isso é uma característica que eu trago, que é muito forte, e que faz a diferença. É claro, quando você tá em um evento público, em um comício, em uma carreata, o seu movimento é diferente, é um movimento de tentar falar com um maior número de pessoas, mas mesmo nesses grandes eventos eu não deixo de fazer uma interação naquele contado, à medida que eu aperto a mão de alguém eu dirijo o meu olhar para aquela pessoa.

Enquanto nos deslocávamos para o próximo compromisso do dia, Cássio nos explica que essas situações são extremamente constitutivas da sua imagem pública. A forma como se preocupa com as pessoas e como faz questão de participar de suas vidas, mesmo que por breves momentos, proporciona uma ligação maior com as pessoas, transmite uma relação de proximidade e de interesse na vida do outro, de atenção, de carinho, de respeito, o que constrói dia após dia a imagem que possui.

O próprio Cássio nos atenta para o fato da naturalidade da sua postura, do comportamento desinteressado em outras intenções, de uma verdadeira preocupação em responder ao carinho das pessoas que o seguem. Pontua a responsabilidade que tem com essas pessoas que cativa, evidenciando o fato de que só o carisma e a beleza física não são suficientes para sustentar uma imagem, que é necessário que a mesma seja vista com verdade, coerência, e responsabilidade com o outro. Segundo Cássio, a imagem pública é volátil e para que se sustente é preciso que exista comprometimento com o público, coerência entre o discurso e a ação, dedicação, responsabilidade, trabalho árduo e contínuo.

O dia termina com uma breve passagem pelo Bairro da Glória, local esse que Cássio faz questão de tecer comentários sobre o seu trabalho na prefeitura para a construção do mesmo, que antes era uma favela. Sua presença no bairro causa grande movimentação e tumulto. Há uma visível situação de agradecimento e devoção da população em relação à figura de Cássio. Aliás, durante as passagens por locais de Campina Grande e também por cidades do interior da Paraíba, Cássio destaca seu trabalho como gestor público, que sempre foi preocupado com os menos favorecidos e também com as mudanças efetivas tanto para Campina Grande, quanto para o Estado em geral.

O último evento que acompanhamos foi uma viagem ao sertão paraibano no dia 25 de Agosto, com passagem por quatro diferentes cidades. A programação da viagem está centrada na participação nos eventos de campanha de aliados políticos.

A primeira cidade que visitamos foi Patos, na qual participamos de uma carreata do candidato a prefeito, Dinaldinho. Há uma grande participação popular no evento e com a chegada de Cássio há uma grande agitação desse público, que o segue pelas ruas da cidade invocando coros com seu nome.

Por onde passamos percebemos uma grande emoção nas pessoas ao perceber a presença de Cássio, buscando um contato, uma foto, fato esse que é exibido como troféu, como realização de um sonho. Cássio demonstra uma grande disponibilidade e cuidado com o público que clama por sua atenção. Segundo ele, há uma preocupação não só em atender àqueles que já estão sensibilizados com a sua presença, mas também em tentar em conseguir a mobilização dos que ainda não estão tão envolvidos.



Figura 9 Cássio abraçando eleitores

Sáimos de Patos com destino a São Bento, onde haveria um comício do candidato a prefeito, Gemilton Souza. Quando lá chegamos ainda não havia movimentação no local do comício. Foi pedido para que, com a chegada de Cássio, a caminhada fosse acelerada, e em poucos minutos a praça da cidade já estava tomada por uma grande multidão.

Um fato extremamente importante e digno de nota é a questão da preparação do palanque para receber Cássio. Foi armada uma grande estrutura nesse sentido, que se destaca por dois fatores: a presença do amarelo e uma faixa em homenagem póstuma a Ronaldo Cunha Lima.

É importante pontuar que a campanha de Gemilton é completamente concentrada na cor azul, com *jingles* e material de divulgação que focam essa concentração. Porém, Cássio ao longo dos anos construiu uma imagem ligada à cor amarela, fato esse que motivou a mudança de cores no palanque do comício para que este fosse ajustado à sua presença no evento.

A política paraibana possui uma forte tradição na fidelidade em relação a cores que representam candidatos, no qual esse elemento é de extrema importância na construção da imagem de um determinado candidato. O fato de incorporar a cor de Cássio no comício demonstra uma grande preocupação em evidenciar o quanto sua presença é considerada, prestigiada e digna de atenção.

A homenagem feita a Ronaldo, não só na faixa central do palanque, mas também na leitura de um dos poemas de Ronaldo, demonstra uma sensibilização em relação à situação difícil que a família Cunha Lima enfrenta pela morte do seu patriarca.

Esses dois elementos demonstram que a presença de Cássio é vista como diferenciada e digna de mudanças na estrutura da “campanha” de Gemilton, mesmo que em um momento pontual. Representando assim a crença na força da imagem e participação de Cássio como possibilidade de maior visibilidade a apoio para o candidato em campanha.

Outro momento interessante de ser analisado nesse comício foi à apresentação do filho mais novo de Cássio, Pedro Cunha Lima, que o acompanhava na viagem. Esse fato é interessante porque remete a uma transmissão de visibilidade e uma projeção de uma imagem em outra. A partir do momento que foi colocado a público, pelo próprio Cássio, a presença de Pedro, houve uma grande agitação em relação ao mesmo, provocando uma situação semelhante a que ocorre com seu pai: as pessoas pediam fotos, abraços, teciam elogios e o comparavam com Cássio. Fato esse que só começou a acontecer após o mesmo ser apresentado com seu filho, antes disso a reação das pessoas em relação à Pedro era como um “ilustre desconhecido”.

Percebemos uma enorme identificação do público com Cássio a ponto de transferir para o seu filho o prestígio e a admiração das pessoas. Esse fato evidencia uma característica marcante em Cássio: sua habilidade em dominar a plateia. Seja

através das mudanças na entonação da voz, no teor das palavras proferidas, na intensidade da fala, nos pedidos feitos, o que fica evidente é a influência e a autoridade que a figura de Cássio possui.

Visitamos ainda duas outras cidades: Catolé do Rocha e Cajazeiras. E nas duas as situações de devoção, as manifestações de carinho e de admiração também foram uma constante. Mesmo em horários avançados, quase ao término dos comícios, a presença de Cássio ainda é aguardada e sua presença aclamada.

A observação tanto dos eventos em Campina Grande, quanto das viagens pelo interior da Paraíba, nos proporcionou uma grande inserção no cotidiano político de Cássio, o que favoreceu não só uma maior intimidade e familiaridade com o mesmo, mas também uma ampliação do referencial de análise da pesquisa. Entendemos que a concatenação dos quatro elementos do trabalho de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas e observação participante tem favorecido uma análise mais completa e minuciosa do objeto de estudo proposto.



Figura 10 O *pop star* em campanha

Essa inserção no cotidiano do político estudado favorece a análise de Cássio como *pop star*, no qual o mesmo aparece mediado por semelhanças com artistas e celebridades. Esse tipo de comparação é possível através de algumas particularidades observadas no tratamento do público em relação ao político em questão: pedidos de autógrafa; pedidos por fotos ao lado do mesmo; gritarias por atenção; entrega de cartas

e bilhetes; tentativas de chegar perto, de obter algum contato com ele; etc. Aliado a isso percebe-se o grande número de seguidores que Cássio possui nas redes sociais: sua página no *Facebook* conta com 39.284 e seu *Twitter* com 90.277 seguidores¹⁰; nos dois segmentos é possível encontrar inúmeras manifestações de carinho, admiração, devoção e fanatismo.



Figura 11 Fã homenageia Cássio em nome da sua filha

Durante todas as fases dessa pesquisa fomos apresentados a uma situação de fanatismo político que não é habitual dos tempos atuais. Podemos observar que a admiração por Cássio Cunha Lima vai além da sua condição de homem público, colocando-o em um contexto de condições de artista, de ídolo, de mito, fatos esses observados durante a pesquisa de pesquisa de campo, quando acompanhamos Cássio em suas atividades políticas, bem como através das leituras de trabalhos posteriores e da

¹⁰ Disponível em: <http://www.facebook.com/cassiocunhasenador?fref=ts> e <https://twitter.com/cassiocl>, acesso em 01/10/2013.

pesquisa documental. O próprio Cássio pontua esse comportamento em uma das entrevistas que realizamos:

Então as pessoas que me tocam, me beijam, o fato de eu chegar em um local e das pessoas pedirem pra tirar uma foto, pedirem um autógrafa, que não é muito comum isso na política, não é um, não é uma atividade que gere isso, e eu graças a deus, tenho isso, sempre tive e continuo tendo. Então esse carinho, essa manifestação de emoção, pessoas se emocionam, pessoas choram, pessoas dedicam uma atenção muito grande.



Figura 12 Cumprimentos e trocas de carinho com eleitores

Percebemos que ao longo de sua carreira política Cássio tem adotado uma postura de identificação com o cidadão comum, como outro qualquer. Por ter surgido na vida pública a partir dos passos do seu pai, já conhecido na política paraibana, principalmente em Campina Grande, torna-se um “irmão” dos milhares de jovens campinenses, o filho pródigo de inúmeros pais e mães locais, o neto querido dos avós. Assim seu carisma e afeição pessoal garantem a aproximação de todas as gerações. Despertando admiração e respeito por estes indivíduos que enxergam nele o realizador de sonhos que estes nunca conseguiriam realizar.



Figura 13 O *pop star* em ação

Admiração essa que acaba se transformando em um comportamento de fanatismo, comparado ao dedicado a celebridades midiáticas. Várias pessoas assumem ser fã de Cássio, pedem autógrafos, fazem pedidos para tirar fotos ao seu lado, gritam seu nome etc. Comportamentos rotineiramente encontrados no tratamento dado aos artistas, trazendo para além do homem político a imagem de um *pop star* da política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação procuramos entender os elementos e nuances que possibilitaram a construção da imagem pública de Cássio Cunha Lima. Para tanto foram utilizados elementos bibliográficos referentes não só ao político em questão, como também àqueles que se referiam ao cenário político paraibano e aos que versavam sobre a trajetória política da família Cunha Lima. Aliado ao trabalho bibliográfico foi traçada uma segunda vertente de análise referente aos aspectos pessoais da imagem pública de Cássio, ou seja, a forma como o mesmo percebia e construía a própria imagem. E por último, utilizamos o acompanhamento de eventos cotidianos do qual o político em questão participou para traçar uma análise pormenorizada dessa construção.

Ao longo de todo o processo de pesquisa percebemos que mais do que uma figura pública Cássio se configura como um político *pop star*. Encontramos em todas as fases da pesquisa elementos que trazem para a imagem de Cássio uma posição de artista, mito, ídolo e em muitos momentos uma exaltação quase que divina. Como explicar pedidos de autógrafa? Desmaios em meio a um ato público? Fotos de um político ao lado de santos em um altar de devoção e fé? Seguidores fiéis independente das circunstâncias e contextos?

Em um primeiro momento essa admiração por Cássio é reflexo da sua figura paterna. A transmissão não só do poder político, mas também de uma imagem já consolidada por parte do pai permite uma inserção extremamente favorável no campo político paraibano.

A herança paterna é fator de grande importância para a construção pessoal e política de Cássio. A formação do caráter, da personalidade, a escolha dos caminhos traçados, a forma de pensar e fazer política, foram espelhadas, em grande parte, nos passos do pai, Cássio tinha em Ronaldo um mentor, um porto seguro, um ideal de homem e de político.

Porém é importante salientar que este é apenas um dos elementos constitutivos da imagem pública de Cássio. Em um primeiro momento esse prolongamento de pai para filho é algo latente, Cássio é visto como um seguidor de Ronaldo, uma extensão do mesmo. Mas ao longo dos anos, angariando experiência própria, construindo suas referências, se projetando de forma mais intensa no mundo político Cássio passa a ser o

substituto do pai, o nome que dará continuidade ao poder do grupo Cunha Lima, principalmente a partir do momento em que a saúde de Ronaldo vai ficando mais frágil.

Era preciso romper com a noção de que Cássio era a sombra do pai, uma projeção do mesmo. Cássio reconhecia que a sua popularidade no princípio da carreira estava extremamente atrelada à imagem e popularidade do pai. Porém era preciso mostrar as diferenças, mostrar a sua individualidade, se projetar para além da figura paterna, construir a própria imagem.

A juventude e o poder da estética, essencialmente favoráveis, são argumentos de fundamental importância na construção da imagem pública política de Cássio Cunha Lima, esses elementos proporcionavam uma grande adesão à figura de Cássio.

Percebemos que a pouca idade que Cássio possuía quando ingressou na política favoreceu a construção de uma imagem de um gestor público trabalhador e um político incansável, já que a juventude possibilitava que ele assumisse extensas jornadas de trabalho, um ritmo frenético de campanha, de trabalho nas ruas, gerando assim uma imagem positiva do mesmo.

Um dos pontos de extrema importância para a construção da imagem de Cássio é a forma como ele se relaciona com seus eleitores. Cássio deixa clara a preocupação em se mostrar disponível, próximo, interessado e comprometido com o próximo. Ao se colocar como igual, como alguém que está ao dispor do seu eleitorado, que se interessa pelos problemas e necessidades do povo, Cássio fortalece a sua imagem. Pontuamos que o poder de comunicação e eloquência que possui favorece essa construção.

Aliada a esses elementos está a experiência adquirida ao longo dos anos como gestor público. Cássio se lança como Deputado Constituinte ao longo de sua carreira política assume os cargos de Prefeito, Governador e Senador. Toda essa trajetória é essencial para a construção da sua imagem pública, trazendo elementos para o fortalecimento do personagem político que Cássio assume.

Percebemos que Cássio, ao longo dos anos, consegue construir a saga de um vencedor, que além de conquistar todos os cargos para os quais se candidatou, evidenciando a aprovação da população aos seus governos e a sua imagem; consegue se reconstruir após os seus momentos de derrota, como ficou claro nos episódios das denúncias na Sudene e da cassação do seu mandato como governador. Após esses dois momentos Cássio sai vitorioso nos pleitos que concorreu e com um grande contingente de votos.

Ao longo da pesquisa ficou evidente a preocupação de Cássio com a sua imagem e com os elementos que a configuram. Sempre atento às manifestações dos eleitores, a sua própria postura perante as pessoas, extremamente observador, Cássio é um estrategista e um político nato, que carrega em si não só um dom e uma herança política, mas também a capacidade de perceber o que o povo quer ouvir, o que o povo quer ver e a forma como colocar isso em prática.

Por fim, compreendemos que este trabalho não se encerra aqui. No decorrer de sua elaboração e com o cumprimento desta etapa, percebemos a certeza de novas possibilidades de abordagem. Que a imagem pública de um político é multifacetada e que, dessa forma, proporciona diferentes análises, que jamais se encerrariam em uma única pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVÊDO, Andrea Carla de. **Análise discursiva de recortes do guia eleitoral televisivo do candidato Cássio Cunha Lima na campanha de 2006.** 2007. 78 f. Monografia apresentada ao Curso de especialização em Marketing e Propaganda do Eleitoral do Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos para obtenção do título de Especialista.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática.** Oeiras: Celta Editora, 2002

_____. **Lições de Aula.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2004.

_____. **A Distinção: crítica social do julgamento.** 1ª ed. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. A Ilusão Biográfica. In: **Usos e abusos da história oral.** Ferreira, M.M.(orgs.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 7ª ed. 2005.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: **Desvendando máscaras sociais.** Guimarães, A.Z. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 2ª ed. 1980.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1975.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na Era da comunicação de massa.** São Paulo: Paulus, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 20ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

JÚNIOR, Antônio Marques Castro. **O marketing político e eleitoral: Uma análise da campanha majoritária de 2002 na Paraíba.** 2004. 68 f. Monografia apresentada à

Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Administração.

LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba: Um estudo de caso da oligarquia de base familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa: Idéia, 2002.

_____. **Ensaio de Antropologia da Política**. Campina Grande, EDUEPB, 2011.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistência**. João Pessoa: A União. 1994

_____. **Poder e Política na Paraíba - uma Análise das Lideranças 1960-1990**. João Pessoa: A União. 1993

_____. **Sociedade e Poder Político no Nordeste. O Caso da Paraíba (1945-1964)**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2001.

_____. **O Problema do Estado na Paraíba: Da Formação à Crise. (1930-1996)**. Campina Grande: EDUEP, 2000.

MENDES, Gloriquele da Silva. **A gestão do personagem-governador Cássio Cunha Lima: Marketing e política em movimento**. 2005.60 f. Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social.

MESSEMBERG, Débora. **A elite parlamentar do pós-constituente: atores e práticas**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

_____. “A elite parlamentar brasileira (1989-2004)” In: **Sociedade e Estado**, v.22, n.2. p. 309-370, maio/ago. 2007.

_____. “O ‘alto’ e o ‘baixo clero’ do parlamento brasileiro”. In **Anais do 33º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, 2009. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/component/option,com_docman/task,catalog_view/gid,70/Itemid,85/

MIGUEL, Luís Felipe. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o Congresso brasileiro. 2002. **Revista de Sociologia Política**, nº 20, p. 115-134.

_____, Mídia e opinião pública. In: **Sistema político brasileiro: uma introdução**. Avelar, L; Cintra, Antônio Octávio (orgs.). São Paulo: Unesp. 2007.

_____, Os meios de comunicação e a prática política. 2002. **Lua Nova**. Nº55-56, p155-184. São Paulo

ORTIZ, Renato. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003

PAIZINHO, Luziene Santos. **A lógica das coligações partidárias: O caso de Campina Grande nas eleições de 2000**. 2006. 53 f. Monografia apresentada à Universidade Federal de Campina Grande – UFCG para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

PREUSS, M.R.G.A. **A abordagem biográfica- história de vida- na pesquisa psicológica**. In: Série Documenta, Ano VI, nº 8, 1998. Programa de Mestrado e Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. EICOS/UFRJ.

POCOCK, J.G.A. **Linguagens do ideário político**. Org. Sergio Miceli; Tradução Fábio Fernandez. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

RUBIM, A.C. Mídia e política: Transmissão de poder. In: MATOS, Heloiza (org.). **Mídia, Eleições e Democracia**. São Paulo: Página Aberta, 1994.

SANTAELLA, Lucia. **Produção de linguagem e ideologia**. 2º ed. Ver e ampl. São Paulo: Cortez, 1996.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gerard. **O Estado espetáculo**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

SCOTTO, Gabriela. O “Trabalho com a Imagem” e outras atividades de Marketing político no cenário eleitoral. In: PALMEIRA, Moacir & BARREIRA, César. **A Política no Brasil – visões de antropólogos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2006.

SILVA, Iolanda Barbosa da. **A construção espetacular do personagem político Ronaldo José da Cunha Lima**. 2009. 213 f. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba como requisito à qualificação de Doutorado.

_____, **A campanha política de 1996 em Campina Grande, PB: Uma análise do guia eleitoral**. 1999. 167 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao

Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba como exigência para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

WOODWARD, K. 2000. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 9º ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

<http://www.csyp.g12.br/>

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/raimundo-asfora-campinense-por-adocao-e.html#.UePjmx2kpM4>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinioao/fz0202200908.htm>

ANEXOS

Roteiro Semi-estruturado 01 de questões com o Senador Cássio Cunha Lima

1. Como se deu a sua inserção na vida pública?
2. Estava dentro de seu projeto de vida tornar-se político?
3. E a família o que pensou sobre a sua inserção no espaço da política?
4. Que motivos o levaram a ingressar na política?
5. O que a política representa para você?
6. Como você se vê enquanto imagem pública?
7. Como você acha que é visto por seus eleitores?
8. Como você acha que é visto por aqueles que não votam em você?
9. Qual o legado oferecido por seu pai, Ronaldo Cunha Lima, na construção de sua imagem pública?
10. Quem o apresentou ao mundo da política?
11. Se pudesse voltar, repetiria tudo de novo, seria político?
12. O que é a política para você?
13. O que mais é marcante na política?
14. O que mais lhe entusiasma na política? Por quê?
15. Quais os políticos, homens e mulheres, que você mais admira? Por quê?
16. Bom político é aquele....
17. Em nível estadual, qual o político/política que você mais admira?
18. E em nível municipal quem você admira? E por quê?
19. Em relação à política, quais os elementos que você se recorda da sua infância?
Como a política se fazia presente na sua vida?
20. Você participava das atividades políticas do seu pai? De que forma? E o que isso representava pra você?
21. Como você relaciona as memórias em relação à atuação política do seu pai com o político que você é hoje?
22. Você nasceu em uma família que já possuía tradição na política. Fale um pouco sobre como a política era vista, vivida e transmitida nas suas relações familiares.
23. Como era seu relacionamento com sua família? Como a política era tratada no ambiente familiar?

24. Fale um pouco sobre o Cássio criança, os primeiros anos em Campina Grande, os anos de exílio do seu pai vividos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Quais são suas lembranças desse período?
25. Desde a infância você já era visto como um garoto responsável, estudioso, engajado e que já possuía uma postura de líder. Conte um pouco sobre a sua postura na escola, como participante do grêmio estudantil, organizador de eventos. Como era a sua postura na escola e como você percebe essas características na formação da sua identidade, da sua imagem?
26. Desde cedo você já se preocupava em ajudar as pessoas, os menos favorecidos, fale um pouco das suas preocupações e convicções da juventude.
27. A volta da sua família para Campina Grande, após os anos de exílio, foi motivada por você, pelo seu apoio à candidatura do seu pai para prefeito da cidade. Você passou a acompanhar a carreira política do seu pai, atuando ativamente em sua campanha. Conte um pouco sobre essa época, a sua participação na campanha e como você percebe esse momento para sua vida como político.
28. Seu pai sempre foi um mentor e um exemplo para você, como era a relação de vocês? Como você vê a influência dele em relação a sua escolha em se tornar político?

Roteiro Semiestruturado 02 de questões com o Senador Cássio Cunha Lima

1. Você já contou que a sua primeira candidatura, a princípio, foi uma surpresa, uma indicação feita por Raimundo Asfora. Após o período de surpresa, conte um pouco como foi sua preparação pessoal para a campanha.
2. Era sua primeira campanha como político, como você escolheu sua equipe e de que forma traçou as diretrizes da campanha?
3. Quando eleito, você se tornou o deputado federal mais jovem da República. Quais foram os bônus e os ônus de assumir essa função com tão pouca idade?
4. “O menino de Ronaldo”, “O deputado federal mais novo da república”, “O caçula da constituinte”, foram alguns dos nomes pelos quais você era chamado. Explique como era lidar com a imagem de garoto e como você se via através dessa imagem.
5. Apesar de muito jovem você foi um deputado extremamente atuante e preocupado com as causas dos menos favorecidos, das minorias. Conte um pouco sobre o mandato como Deputado Federal e sua atuação na Assembleia Constituinte.
6. Você termina o seu mandato como deputado Federal ainda com a imagem de menino, mas também como um político atuante e comprometido com suas convicções e seus ideais. Como foi o seu amadurecimento como político nesse período? O que você considera que aprendeu e que incorporou a sua identidade como político e homem público?
7. Quais são as vantagens e desvantagens de ter entrado para política tão jovem?
8. Se arrepende de sua inserção tão prematura na vida política e de todas as responsabilidades e renúncias que isso significa? O que o jovem Cássio perdeu de sua juventude?
9. No encerramento do São João de 1988 seu pai fez um discurso no qual entrega a você o destino de Campina Grande e o lança como candidato a prefeitura. Como foi esse momento de transmissão de poder e de continuidade dos passos do seu pai. Esse fato traz alguma influência para a construção da sua imagem?
10. Seu pai sempre teve uma identificação muito grande com o povo campinense, simbolizado através do slogan “Por Amor a Campina”. Nesse momento de indicação do seu nome como candidato a prefeito de Campina Grande, você sente que essa marca foi transferida para você?

11. O fato de receber das mãos do seu pai o poder de governar Campina Grande traz para a sua imagem pública uma ligação intrínseca com a imagem do seu pai? Como você percebia essa intersecção de imagens?
12. Você se considera como sendo representante de um grupo político? No caso, do chamado “Grupo Cunha Lima”?
13. O incomoda ser identificado como membro de um Grupo Político? Tais classificações são salutares para a atividade política?
14. Você acredita que existe um poder simbólico que possibilita a manutenção do grupo Cunha Lima como um dos maiores expoentes políticos do Estado da Paraíba?
15. Conte como foi a campanha para prefeitura de Campina Grande em 1988. E como foi feita a construção da sua imagem nesse período.
16. Quais eram os elementos mais importantes da campanha e como você se comportava perante os eleitores nesse período?
17. Seu primeiro mandato como prefeito foi marcado pela imagem de um administrador moderno e arrojado. Conte como foi esse mandato e como foi governar a sua cidade natal.
18. Você deixa a prefeitura de Campina Grande para assumir o cargo de superintendente da SUDENE, um cargo que te projeta a nível nacional. Fale um pouco sobre esse período, seu aprendizado, a sua atuação e como esse cargo influencia já sua imagem.
19. Em 1993 você sofreu acusações do grupo de Tarcísio Burity em relação a sua atuação como superintendente da SUDENE, onde estaria protegendo uma rede de corrupção fato esse que culminou com o atentado à Burity pelo seu pai. O atentado foi visto como uma forma de defender a sua honra. Como você viveu esse momento? De que forma as acusações e o atentado influenciaram a sua imagem pública?
20. Conte sobre os seus mandatos como prefeito e como você percebe a construção da sua imagem pública durante esse período. Quais são os elementos importantes na sua atuação como prefeito que colaboram com a definição da sua imagem?
21. Em 1985, na sua primeira disputa política, duas características são extremamente marcadas na sua imagem: a jovialidade e a modernidade. Como você vê essas

- características como diferencial e de que forma isso pode ter influenciado a sua vitória?
22. No período em que você foi prefeito de Campina Grande a imagem de um jovem dinâmico e moderno continua sendo percebida de forma clara e evidente. Essa é uma preocupação sua, em trabalhar e evidenciar essa imagem?
 23. Como você avalia a população campinense durante os seus mandatos como prefeito? De que forma você percebe a sua imagem pública ao longo desses anos?
 24. Durante o seu último mandato como prefeito, em 2001, você se desfilia do PMDB e se filia ao PSDB. Quais foram suas motivações para essa mudança? Como você percebe esse momento na sua vida política?
 25. Seu embate com José Maranhão é fruto de um processo conflituoso no interior do PMDB, até então partido pelo qual você era filiado, e trouxe grande repercussão em sua vida pública. Conte um pouco sobre esse momento. Quais foram as consequências para o seu posicionamento político?
 26. O que pensa da fidelidade partidária?
 27. Acredita que ainda existe ideologia partidária?
 28. Qual ideologia partidária você defende e representa?
 29. No que ela se diferencia da ideologia de outros partidos a que você faz oposição?

Roteiro Semiestruturado 03 de questões com o Senador Cássio Cunha Lima

1. Sua primeira campanha para governador foi marcada por uma forte perseguição por parte do esquema governista, que destinavam agressões, difamações, calúnias boatos e mentiras envolvendo seu nome. Conte sobre a campanha e como você e a sua equipe construíram uma estratégia que desarticulasse essa situação, culminando na sua vitória?
2. Qual o balanço que você faz do seu primeiro mandato como governador? Quais as mudanças que esse cargo trouxe pra sua carreira política e para a sua imagem?
3. Na eleição de 2006 para o governo da Paraíba você disputou o cargo com José Maranhão, um desafeto do grupo Cunha Lima. Como você vê essa campanha? Por conta do embate político que os envolve foi diferente vencer essa eleição?
4. Em 2009 você foi cassado por acusações de conduta vedada e abuso de poder econômico, José Maranhão assumiu o seu lugar no governo do estado. Como esse momento de cassação o afetou como político e como pessoa? E como afetou a sua imagem pública?
5. Nesse momento da sua cassação você deixou bem claro que tinha como meta tirar Maranhão da cadeira de governador. Sua motivação era pessoal ou política? Sua decisão em apoiar o adversário de José Maranhão, o candidato Ricardo Coutinho, na eleição de 2010, foi uma forma de colocar essa meta em prática?
6. Ainda nas eleições de 2010, você se candidatou a uma vaga como Senador da República, porém sofreu impugnação da sua candidatura por conta da Lei da Ficha Limpa. Você concorreu à vaga sob a guarda de liminar. Conte um pouco como foi esse momento, e como você enxergava na sua vida política.
7. Mesmo concorrendo sob a guarda de uma liminar e enfrentando um longo processo para reverter essa situação, você foi eleito com mais de um milhão de votos. Qual a sua análise desse momento na sua carreira política? Como você percebe o grande número de votos que obteve mesmo em meio a um processo de cassação?
8. O seu apoio foi fundamental para a vitória de Ricardo Coutinho como Governador, tirando José Maranhão de cena. Você vê esse momento como uma revanche em relação ao seu maior desafeto político?

9. Em sua cidade natal, Campina Grande, Ricardo Coutinho e José Serra saíram vitoriosos, como você avalia essa derrota do grupo de Veneziano, já que este pedia votos para José Maranhão e Dilma Rousseff?
10. Você acha que a partir do retrospecto de suas campanhas, mas principalmente do apoio a seus prepostos, que tem a capacidade ou característica de ser uma espécie de transferidor de votos?
11. Durante o processo para tomar posse como Senador, você utilizou como forma de buscar apoio dos seus eleitores, um recurso midiático extremamente importante na atualidade: a internet. Como você percebe a mídia na construção da política? Como esse veículo fortaleceu sua imagem nesse momento?
12. Como você avalia o recente papel desempenhado pela Internet, particularmente as redes sociais? Elas privilegiam ou dão visibilidade a grupos políticos ou candidatos e por quê?
13. Você sempre foi visto como um político que acompanha as mudanças do seu tempo e consegue lidar de forma bem satisfatória em relação às mesmas. Como você percebe isso nas suas características pessoais e na sua administração como político?
14. É notório o seu capital imagético, a sua habilidade no tratamento com a mídia, a sua oratória muito bem articulada e a sua desenvoltura para lidar com as câmeras e holofotes. Como você percebe essas características na construção da sua imagem pública? De que forma essas características o diferenciam de outros candidatos?
15. Após um longo processo, em diversas instâncias, a sua posse como Senador foi garantida. Conte como viveu esse processo e como foi ser empossado depois de tanta peleja?
16. Como você enxerga o apoio e a fidelidade dos seus eleitores, que te acompanham com paixão desde os momentos mais felizes de vitória até os momentos mais difíceis e dolorosos da sua carreira política?
17. Sua proximidade com o povo e sua imagem de “homem igual a todos os outros” é algo extremamente presente na sua atuação como político. Como você constrói essa proximidade e essa igualdade? E como essas características se inserem e influenciam na sua imagem pública?

18. Distinga, através de sua experiência política, quais as principais diferenças, semelhanças, facilidades e dificuldades na atuação parlamentar e na gestão no executivo?
19. Você se caracterizaria mais como um executor ou legislador? Você tem uma preferência? Por quê?
20. Em uma carreira que foi povoada de vitórias, na qual você jamais perdeu uma eleição que disputou como foi viver os seus três momentos de derrotas políticas: as acusações em relação a sua conduta na SUDENE; a cassação no governo do Estado e a cassação no Senado? Quais as consequências desses episódios para sua imagem pública, para a sua carreira política e para a sua vida pessoal?
21. Você sempre foi visto como um homem carismático, popular e cortejado por seus eleitores. Como você acha que essa imagem foi construída? Como você lida com a mesma? Ela é reflexo de quais características que você possui?
22. Jovialidade, renovação, modernidade, agilidade de raciocínio, postura democrática foram características relacionadas a você e às suas administrações. Como você as vê em você e na sua forma de administrar?
23. Que balanço você faz das campanhas eleitorais que já participou ou apoiou?
24. Você possui uma característica de que é incansável em campanha, que participa ativamente de todas as atividades, sempre com um semblante agradável e sorridente, além de estar sempre disponível para o contato com os eleitores e os que te rodeiam. De onde você tira tamanha energia? Como você percebe essa característica na construção da sua imagem pública?
25. Qual campanha mais lhe marcou? Por quê?
26. Ao que atribui às vitórias em suas campanhas?
27. Como você gostaria de ser visto e interpretado por seus eleitores e pela comunidade de eleitores em geral?

Roteiro Semiestruturado 04 de questões com o Senador Cássio Cunha Lima

1. Você acha que a imagem pública é um item importante para vencer uma eleição?
2. Como você construiu sua imagem nas campanhas eleitorais?
3. Quais as principais imagens, ao longo de sua carreira política, que você destacaria para ser lembrado como legado de sua vida política?
4. Você considera que possui uma marca? Algum elemento que permanece na sua imagem desde o princípio da sua carreira política?
5. Os slogans das suas campanhas foram importantes ou definidores para sua vitória ou derrota? Por quê?
6. Você acha que o poder aquisitivo pode definir as eleições? Por quê?
7. O que você pensa do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral? Ele privilegia grupos políticos ou candidatos e por quê? Ele influencia na construção da imagem pública do candidato? De que forma?
8. O que é melhor hoje e o que é pior em termos de construção de Campanhas Políticas?
9. O que você acha das pressões, acusações, perseguições em época de campanha eleitoral? Fazer política pressupõe esses tipos de atitudes?
10. Você já se sentiu profundamente desrespeitado em épocas de campanha política, por parte de seus opositores?
11. Você acha que já foi traído por antigos aliados e que hoje se opõem a você? Essa oposição ocorre por questões pessoais, de acesso ao poder, ou por questões ideológicas?
12. O que repetiria e não faria mais em termos de alianças políticas, tratamento quanto ao eleitor, discursos políticos, entre outros.
13. O que pensa sobre as músicas de campanha veiculadas no “mercado pirata” que desrespeitam os candidatos, expondo um circuito de boatos e a vida privada dos mesmos?
14. Acha que a divulgação dessas músicas interfere na imagem pública do candidato?
15. Como pensa sobre a política Nacional?
16. E a política do Estado?

17. Você se considera uma liderança e importante figura política no Estado da Paraíba? Por quê?
18. Qual o seu legado para a política paraibana?
19. O que você acha da política em sua terra natal, Campina Grande?
20. Você acredita que existe uma maior identificação do povo campinense com a sua figura política? O que motiva essa situação?
21. O político geralmente é diferente em época de campanha, em relação aos dias “normais” ou geralmente é a mesma pessoa?
22. É possível uma ética na e da política?
23. A política é ética?
24. E os políticos, têm ética? O que é um comportamento político ético e antiético?
25. Você pretende continuar na vida política? Quais as suas pretensões futuras?
26. Se pudesse escolher outra atividade, o que gostaria de ser?
27. Gostaria que seus filhos enveredassem no mundo da política?
28. Caso eles desejem ingressar na política, o que você diria a eles?
29. Ao sair da política, como você gostaria de ser lembrado?
30. O que você percebe do “Cássio pessoa” no “Cássio político”? No que eles se aproximam e no que se distanciam?
31. Após 26 anos de vida pública, uma carreira política sólida, que te coloca como parte da história paraibana, qual o balanço que você faz da sua vida política até aqui? Como você enxerga sua trajetória política ao longo de todos esses anos?
32. Como você define Cássio Cunha Lima?